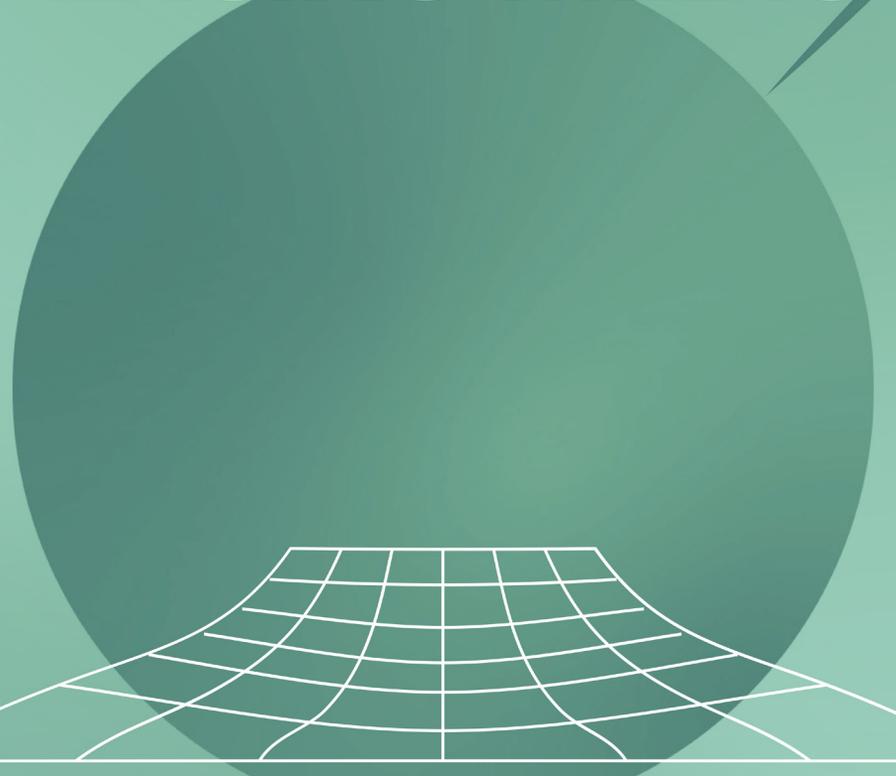
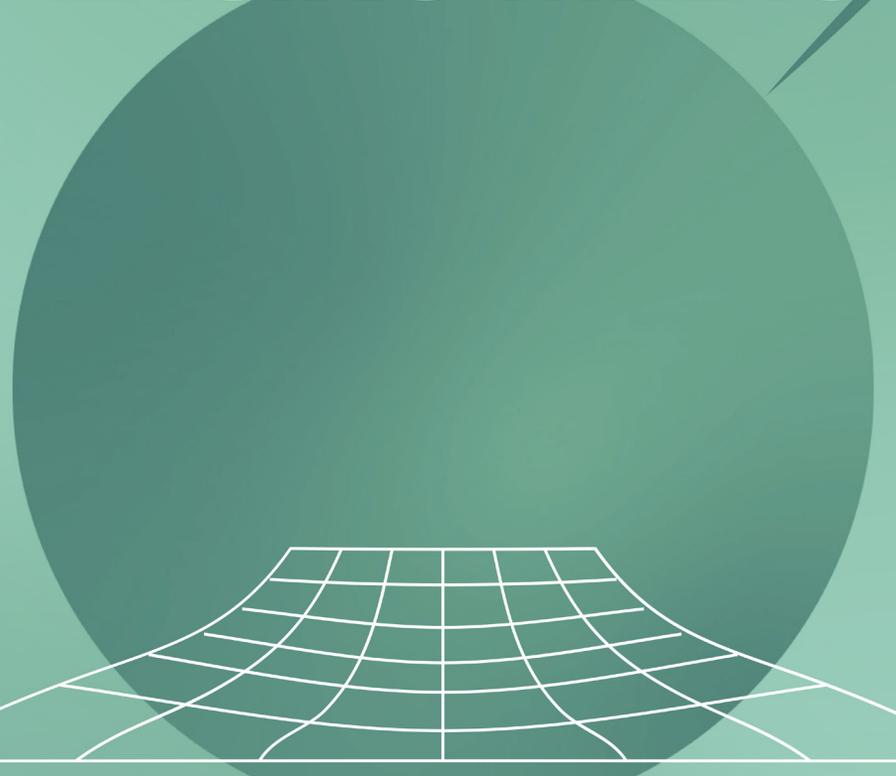


INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO:



PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS

VOLUME II

Janine Bendorovicz Trevisan (org.)



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO

VOLUME 2

Janine Bendorovicz Trevisan (org.)



Reitor

Júlio Xandro Heck

Pró-reitora de Administração

Tatiana Weber

Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional

Amilton de Moura Figueiredo

Pró-reitor de Ensino

Lucas Coradini

Pró-reitora de Extensão

Marlova Benedetti

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Eduardo Giroto

CONSELHO EDITORIAL DO IFRS

Samantha Dias de Lima	Silvia Schiedeck
Aline Terra Silveira	Marcus André Kurtz Almança
Cimara Valim de Mello	Daniela Sanfelice
Deloize Lorenzet	Maurício Polidoro
Greice da Silva L. Andreis	Paulo Roberto Janissek
Luciano Manfroi	Carine Bueira Loureiro
Maísa Helena Brum	Marina Wöhlke Cyrillo
Maria Cristina C. de Castilhos	Daiane Romanzini
França	Viviane Diehl
Marília Bonzanini Bossle	João Vitor Gobis Verges

Dados internacionais de catalogação

l56

V. II

Iniciação científica no ensino médio : pesquisas e experiências [recurso eletrônico] / organização Janine Bendorovicz Trevisan. Porto Alegre, RS: Diadorim ; Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2023. 1 arquivo em PDF (184 p.)

ISBN 978-65-5950-042-0 (Livro digital)

1. Ciência — Metodologia. 2. Ensino médio. I. Trevisan, Janine Bendorovicz.

CDU: Ed. 2007-- 001.8

Dados internacionais de catalogação
Catalogação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

Editoração: Flávio Ilha
Capa: Louise de Lemos Brandão

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	10
COSMÉTICOS SUSTENTÁVEIS: FATORES QUE INFLUENCIAM NA DECISÃO DE COMPRA DOS ESTUDANTES DO IFRS – CAMPUS BENTO GONÇALVES	
AMANDA GOBBO	
ALINE HENTZ	15
ADAPTAÇÃO AO NOVO LAR DE CRIANÇAS ADOTADAS TARDIAMENTE	
ALICE RECK TRUCOLO	
THAÍS SAALFELD	22
ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A MANEIRA DE SE VESTIR DOS ESTUDANTES DO IFRS-BG	
VITÓRIA CONTI FILIPPON	
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN	27
A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE BENTO GONÇALVES SOBRE A LEITURA	
SOFIA CASANOVA COMPARIN	
CARINA FIOR POSTINGHER BALZAN	34
VISÕES E POLÍTICAS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA: ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM BENTO GONÇALVES – RS	
ALANA LUIZA SPINELLI DA SILVA	
JONATHAN HENRIQUES DO AMARAL	55
EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE BENTO GONÇALVES	
SARA BASSO ROMAN	76
A INFLUÊNCIA DAS ÁREAS VERDES DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-CAMPUS BENTO GONÇALVES NO COTIDIANO DOS ESTUDANTES	
ÉRIKA MASSOLA MIEZNIKOWSKI	

SOENI BELLÉ	
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN	87
JOVENS E TRAUMAS DE INFÂNCIA	
MARINA AGOSTINI RICHETTI	
SUZANA ZANDONA	
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN	107
HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE POLÍCIA E PERIFERIA NO CINEMA BRASILEIRO	
JOÃO VICTOR GUTERRES BORDINHÃO	
LETÍCIA SCHNEIDER FERREIRA	121
A INFLUÊNCIA DA ARTE NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DO IFRS-BR	
ISADORA OMINE LINO DA SILVA	
ANDRESSA ARGENTA	
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN	139
A INFLUÊNCIA DAS CORES EM OBRAS DE ARTE SOBE O ESPECTADOR	
GRÉGORI KUNZ BUZETTI	
ANDRESSA ARGENTA	
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN	150
DEPOIMENTOS ESTUDANTES	166
DEPOIMENTOS ORIENTADORES/AS	172
AUTORAS E AUTORES	176

PREFÁCIO

Este livro é um presente e, ao mesmo tempo, um testemunho da importância do investimento em um ensino público, gratuito e de qualidade: em suas páginas encontramos resultados de pesquisas realizadas por estudantes do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Meio Ambiente e que se destacam pelo alto rigor científico e compromisso social. Fruto da dedicação da Professora Dra. Janine Bendorovicz Trevisan e de colegas servidores/as que contribuem na orientação dos e das estudantes, os projetos desenvolvidos na disciplina de Metodologia Científica permitem que o potencial dos/das adolescentes em contribuir para o avanço do conhecimento nas mais diversas áreas do saber possa ser observado. Ao longo das páginas desta obra, é possível perceber a preocupação não apenas em abordar assuntos que despertaram a curiosidade de nossos autores e autoras, mas também que auxiliam a compreender temas e eventos importantes de nossa realidade.

A escola é um espaço em disputa: enquanto alguns desejam que esta seja apenas lugar de reprodução do status quo vigente, outros e outras creem que este é um ambiente de transformação, de vidas e do mundo. Qual formação desejamos? Quais competências e habilidades desejamos ver nos e nas egressos/as de nossa instituição? Estas são perguntas que guiam nossa prática educativa e que muitas vezes não são de fácil resposta. Entretanto, educadores e educadoras parecem convergir em um aspecto: a necessidade, cada vez maior de que nossos/as estudantes construam um olhar autônomo sobre as situações

que lhes são apresentadas e que consigam discernir entre as informações disponíveis quais possuem de fato um adequado embasamento científico.

Neste sentido, a iniciação científica desde o início do ensino médio é um instrumento eficiente não apenas para romper com a lógica de uma “educação bancária”, por vezes desinteressante e descolada do cotidiano dos adolescentes, mas para propiciar algo que deveria ser constante no fazer educacional: a descoberta. A disciplina desenvolvida pela professora Janine mostra seu potencial formador por partir de um interesse do/apróprio/a estudante, o qual passa a compreender todas as etapas que levam ao conhecimento, tarefa que não é fácil, mas que carrega ao sentimento gratificante de contribuir para a elucidação de situações adversas que podem melhorar a vida das pessoas.

Ao longo dos anos de existência desta proposta educativa, tive a oportunidade de orientar diversos discentes em suas mais variadas indagações: desde as motivações para a manutenção de um relacionamento abusivo até a arte latino-americana, pude observar de perto o amadurecimento destes/as adolescentes, os quais se viam diante do desafio de construir um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizar uma entrevista, lidar com conceitos complexos. Enquanto professora, posso afirmar que é uma experiência comovente acompanhar o processo de coleta e análise de resultados, os quais são posteriormente comunicados em eventos científicos até se tornar este livro agora em suas mãos. Crescimento individual, mas também coletivo: a participação nesta jornada demonstra aos alunos/as que o saber pautado na ciência é desafiante; todavia, com orientação e esforço, todos/as têm a capacidade de contribuir para o avanço do conhecimento.

Encerro este breve prefácio agradecendo,

primeiramente o convite para apresentar um livro que merece ser lido e divulgado, uma vez que, além de sua excelência acadêmica, esta obra nos permite esperar, verbo cunhado por nosso patrono da educação, Paulo Freire. Esperança em um ensino libertador, que estimule a curiosidade, que incentive o protagonismo estudantil em selecionar um tema e seguir o caminho árduo, mas tão belo e motivador que é a realização de uma investigação científica. Esta experiência, capitaneada pela Professora Janine, reforça a necessidade de um ensino que rompa com a mera transmissão de conteúdos, mas sim que permita a construção da autoestima dos/as discentes, capazes sim de contribuir significativamente para melhorar o mundo.

Obrigada a estas/es estudantes por partilhar conosco seus estudos e deixo registrado meus votos de que sigam pesquisando, pois precisamos cada vez mais de trabalhos qualificados e embasados cientificamente e que, principalmente, entendam nossa realidade para sobre ela atuar em prol de um mundo mais justo e igualitário.

Leticia Schneider Ferreira

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento essa coleção de textos oriundos dos projetos desenvolvidos a partir do componente curricular de Metodologia Científica ministrado para as turmas de primeiro ano do curso técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio do Campus Bento Gonçalves. Em 2019, o curso técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio foi implementado no campus Bento Gonçalves tendo Metodologia Científica como componente curricular da área técnica já no 1º ano. O componente é desenvolvido de modo que cada estudante, individualmente, elabore, desenvolva e execute um projeto

de pesquisa com temática livre de sua escolha, assessorado pela docente do componente e orientado por um/a professor/a do campus que atua como orientador/a de forma voluntária. O planejamento didático prevê a elaboração do projeto de pesquisa durante o primeiro trimestre letivo, a execução da pesquisa com apresentação em Mostra Técnico Científica em pelo menos um dos campi do IFRS no segundo trimestre e o encerramento da pesquisa com redação de artigo científico no terceiro trimestre.

Em 2021, foi publicado o livro “Iniciação científica no ensino médio: Pesquisas e experiências”, reunindo textos resultantes dos trabalhos desenvolvidos nesse componente curricular, por estudantes das três primeiras turmas (ingressantes de 2019, 2020 e 2021) desde a implementação do curso de Meio Ambiente. Os textos apresentados nesse segundo volume incluem artigos resultantes das pesquisas desenvolvidas pelos estudantes da turma ingressante em 2022.

Após essa apresentação inicial, o livro se divide em três seções, sendo a primeira com três capítulos, apresentando as pesquisas de três estudantes da turma de 2022. A segunda seção traz oito artigos de estudantes da turma de 2022 e a terceira seção apresenta depoimentos de estudantes e seus orientadores contando sobre a experiência de sua primeira incursão científica.

Os três capítulos da primeira seção possuem uma estrutura textual com introdução ao tema, materiais e métodos utilizados na pesquisa, resultados obtidos e considerações finais. No capítulo 1, a estudante Amanda Gobbo, juntamente com sua orientadora Aline Hentz apresentam sua pesquisa sobre Cosméticos sustentáveis e os fatores que influenciam na decisão de compra, por parte dos estudantes do IFRS – Campus Bento Gonçalves. Em seguida, no capítulo 2, Alice Reck Trucolo e sua orientadora Thaís Saafild analisam a adaptação ao novo lar de crianças adotadas tardiamente. No capítulo 3, Vitória Conti Filippin e a orientadora Janine Trevisan investigam os aspectos que influenciam a maneira de se vestir dos estudantes do campus Bento Gonçalves do IFRS.

A segunda seção inicia com o capítulo 4, onde o artigo de Sofia Comparin e Carina analisam a percepção dos estudantes de Ensino Médio de Bento Gonçalves sobre a leitura. No capítulo 5, Alana Spinelli da Silva e Jonathan Henriques do Amaral investigam a acessibilidade para pessoas com deficiência no município de Bento Gonçalves. No capítulo 6, Sara analisa os efeitos da pandemia de Covid 19 na aprendizagem de alunos do Ensino médio em Bento Gonçalves. O capítulo 7 traz o artigo de Érika e Soeni demonstrando a

influência das áreas verdes do IFRS Campus Bento Gonçalves no cotidiano dos estudantes. Já o capítulo 8 oferece uma reflexão, pela estudante Marina Agostini Richetti, acerca dos impactos dos traumas de infância entre jovens, a partir da perspectiva dos profissionais da psicologia. O capítulo 9 apresenta a análise de João e Letícia sobre a representação fílmica das relações entre periferias e polícia no cinema brasileiro. O capítulo 10 traz reflexões da estudante Isadora sobre a influência da arte na saúde mental de estudantes do IFRS – Campus Bento Gonçalves. Finalmente, o último capítulo do livro apresenta as análises de Grégori sobre a influência das cores em obras de arte, pela perspectiva do espectador.

A seção III do livro apresenta depoimentos de estudantes e orientadores acerca da experiência da iniciação científica já no 1º ano do Ensino Médio. Espero que essa coletânea de textos inspire e motive novos estudantes a publicarem seus estudos e reflexões, de modo a promover a iniciação científica, o gosto pela leitura, pela escrita e pela pesquisa acadêmica. Todos os textos aqui apresentados são resultado de reflexões fundamentais de nossos estudantes, com temáticas escolhidas por eles próprios e com apoio fundamental de docentes que os orientaram voluntariamente, a quem desde já agradeço imensamente. A publicação deste livro viabiliza-se com apoio financeiro e institucional através do Edital IFRS 07/2023 e marca um momento fundamental de valorização e incentivo à iniciação científica de estudantes do Ensino Médio.

Janine Trevisan

SEÇÃO I: PESQUISAS
DESENVOLVIDAS POR
ESTUDANTES DAS TURMAS
DE 2022

COSMÉTICOS SUSTENTÁVEIS: FATORES QUE INFLUENCIAM NA DECISÃO DE COMPRA DOS ESTUDANTES DO IFRS CAMPUS BENTO GONÇALVES

AMANDA GOBBO
ALINE HENTZ

INTRODUÇÃO

O século XX apresenta uma crescente produção de matérias-primas e produtos cosméticos, apoiado na maior velocidade dos meios de comunicação, contribuindo para a expansão comercial e avanços tecnológicos e culturais. (CIC, 2010). Em 2021 essa indústria movimentou mais de 120 bilhões de reais no Brasil. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC) o Brasil é o sétimo maior produtor mundial de cosméticos.

Esse crescimento gera uma preocupação com a questão ambiental, pois a maior parte dessa produção é destinada a cosméticos convencionais, os quais causam diversos impactos ambientais e também na saúde humana. A produção utiliza cerca de mais de 10 mil substâncias químicas e petroquímicas, as quais não se decompõem facilmente. Por conta disso, produtos de cuidados pessoais, são considerados os compostos encontrados com maior frequência nas águas superficiais do mundo.

Os cosméticos sustentáveis por sua vez, são produzidos a partir de matérias primas renováveis ou recicláveis, não realizam testes em animais. Outrossim, suas embalagens são biodegradáveis e os componentes de origem natural. Uma embalagem só é considerada biodegradável quando é possível realizar a sua decomposição naturalmente. Essa é realizada por

micro-organismos como bactérias, algas e fungos, que convertem o material em biomassa, dióxido de carbono e água.

Contudo, a procura por cosméticos sustentáveis é bem menor se comparada a indústria convencional, e de acordo com ISAAC (2016), essa demanda é menor pela falta de conhecimento dos benefícios e vantagens dos cosméticos sustentáveis pelos consumidores. Por conta da crescente participação dos adolescentes como consumidores, informações sobre suas atitudes e comportamentos de consumo podem contribuir para o desenvolvimento de novos produtos e serviços destinados a esse público.

De acordo com SILVA (2017) a maioria dos consumidores verdes tem menos de 30 anos de idade, uma nova geração com novas ideias que demanda novas atitudes das empresas. A sustentabilidade na indústria cosmética traz benefícios concretos tanto para o segmento quanto para o público que consome esses produtos, de forma a gerar menor impacto ambiental e não prejudicar a saúde. Dessa forma, é importante conhecer a opinião dos adolescentes referente as marcas cosméticas sustentáveis e a procura por produtos de origem natural, pois começam a se tornar consumidores mais frequentes, com a possibilidade de escolha de seus produtos, e tem consciência de sua responsabilidade na questão socioambiental

Portanto, a fim de analisar a perspectiva desse público adolescente sobre os cosméticos sustentáveis, a pesquisa se propôs a investigar se os estudantes dos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio Grande do Sul- campus BG são influenciados pela ideia de sustentabilidade na decisão de compra de cosméticos e se já compraram cosméticos de origem natural.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia da presente pesquisa é de modo

exploratório, e consistiu, inicialmente, em uma revisão bibliográfica de artigos científicos de estudos já realizados acerca do tema. O foco principal foi em literaturas que tratassem a respeito dos cosméticos convencionais e seus impactos ambientais e, posteriormente, sobre os cosméticos sustentáveis, os seus benefícios e vantagens. Além de uma análise dessa indústria e do mercado brasileiro atual, com artigos e estatísticas que tratassem da perspectiva do público consumidor.

Outrossim, foi desenvolvido um questionário, com doze perguntas e realizada a aplicação para todas as turmas dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul campus Bento Gonçalves, buscando alcançar o máximo número de respostas. O questionário foi feito de forma online por meio da plataforma *Google Forms*, contou com perguntas objetivas e descritivas, e o intervalo de tempo do andamento do questionário foi de 29/08/2022 a 15/10/2022. Obtivemos, ao final da coleta um total de sessenta repostas dos estudantes.

Após isso, realizamos a análise dos dados coletados no questionário. Para melhor análise das respostas obtidas, foram utilizados gráficos disponibilizados pela plataforma *Google Forms* para as perguntas objetivas, enquanto para as descritivas as respostas foram colocadas em uma nuvem de palavras, cujo objetivo foi a maior facilidade de visualização das palavras mais citadas pelos respondentes.

RESULTADOS

As respostas obtidas com o questionário foram coletadas e as mais relevantes para a continuidade do desenvolvimento da pesquisa estão apresentadas abaixo em três gráficos:

8) Você já comprou algum cosmético sustentável?

60 respostas

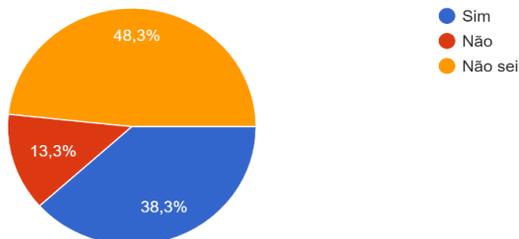


Gráfico 1 - Fonte: Questionário *Google Forms*, 2022.

O gráfico 1 refere-se à quantidade de respondentes que já efetuaram a compra de cosméticos sustentáveis, os quais totalizam 38,3% do total. Enquanto um número muito expressivo de 48,3% não sabe se já comprou, e apenas 13,3% afirmaram que nunca compraram cosméticos sustentáveis.

10) Caso nunca tenha comprado, por que não?

38 respostas

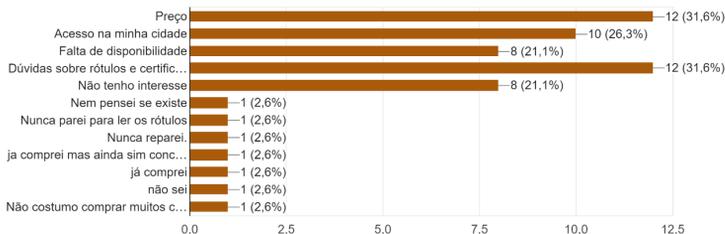


Gráfico 2 Fonte: Questionário *Google Forms*, 2022.

Já o atual gráfico, questiona as razões que dificultaram ou foram relevantes para os respondentes nunca terem efetuado a compra de cosméticos sustentáveis. Os fatores mais citados foram o preço dos cosméticos e dúvidas acerca de rótulos e certificações

dos produtos, ambos com 31,6%. Em seguida, outro fator bastante destacado foi a dificuldade de acesso aos produtos nas cidades dos respondentes com 26,3%.

Clique abaixo em quais aspectos você considera importante em um cosmético sustentável:
60 respostas

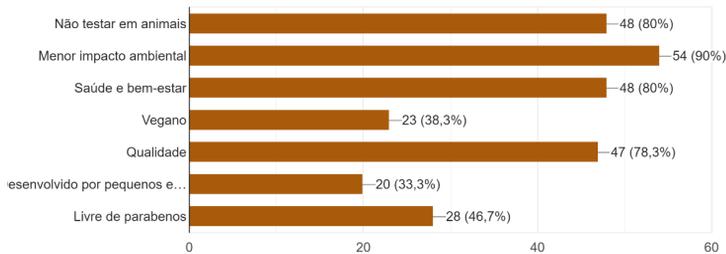


Gráfico 3 Fonte: Questionário *Google Forms*, 2022.

No presente gráfico, foi questionado quais os aspectos que, na opinião dos estudantes, são os mais importantes na decisão de compra por cosméticos sustentáveis. Com 90% das respostas foi o menor impacto ambiental desses produtos em comparação aos convencionais. Logo após, ambos com 80%, por não realizar testes em animais e prezar pela saúde e bem estar dos consumidores. Além disso, a qualidade dos produtos em questão foi citada por 78,3%. Outros aspectos como ser livre de parabenos, desenvolvidos por pequenos empreendedores e ser vegano foi citado por uma porcentagem menor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, através dos questionários, que a maioria dos estudantes tem conhecimento sobre o que são cosméticos sustentáveis. O gráfico 1 aponta que uma porcentagem muito alta, de 48,3% não sabe se já comprou um cosmético sustentável ou não, o que mostra uma necessidade de ampliar o conhecimento a esse respeito. Isso demonstra que ainda existem es-

tudantes que não sabem a diferença entre cosméticos sustentáveis e convencionais, nem os riscos e componentes que um cosmético convencional possui. Por conta disso, é importante que mais pesquisas como essa tratem dessa perspectiva, para informar mais pessoas, para que essas saibam comparar os produtos e possam ter uma oportunidade de escolha baseado no que elas buscam num cosmético.

Ademais, como mostra o gráfico 3, muitas pessoas citaram que um dos critérios na decisão de compra de cosméticos é a sustentabilidade, entender sua composição, origens, processo de retirada da matéria prima até sua chegada nas prateleiras das lojas. Outrossim, os consumidores desses cosméticos são muito influenciados a compra, pois prezam pelo seu bem-estar e o menor impacto para o meio ambiente, bem como não testarem produtos em animais, afinal os testes podem ter resultados cruéis para as cobaias.

Por outra perspectiva, as pessoas que nunca compraram, podem, inclusive, ter vontade de adquirir, porém citaram que um dos principais desafios para compra foi o preço dos cosméticos. Isso ocorre pela menor demanda, a qualidade da matéria prima e as tecnologias usadas para testagem de produtos, as quais resultam em preços mais altos. As empresas sustentáveis também buscam adotar outras práticas como, por exemplo, compensar o uso de energia ou o uso da água, optar por instalações mais verdes e fazer a política reversa assumindo a responsabilidade pelas embalagens vendidas.

Outra forma de mitigar as dificuldades na compra desses produtos, pode ocorrer por meio da criação de um projeto de lei que vise reduzir os impostos sobre esses produtos, afinal, prezar pelo meio ambiente ecologicamente equilibrado deve ser prioridade para todos, visto que, somos todos partes do meio ambiente e buscar soluções para protegê-lo são fundamentais.

Palavras-chave: sustentabilidade; cosméticos; adolescentes; meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ABIHPEC. Notícias: Certificação Orgânica: o que é e como obter. 2011b. Disponível em: <http://www.abihpec.org.br/noticias_texto.php?id=857>

CIC, Comissão da Indústria Cosmética do CRF/PR. Guia da Profissão Farmacêutica -Indústria de Produtos de Higiene Pessoal, Cosméticos e Perfumes. 1ed., 2010. Disponível em: <http://www.crf-pr.org.br/uploads/comissao/6295/Guia_cosmetico.pdf>.

ISAAC, Gustavo Elias Arten. O desenvolvimento sustentável do Setor Cosmético e o comportamento do consumidor frente aos cosméticos sustentáveis. CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES ASSOCIADAS DE ENSINO – FAE. São João da Boa Vista, SP: UNIFAE. Agosto 2008. Disponível em: <<https://www.fae.br/mestrado/dissertacoes/2016/O%20DESENVOLVIMENTO%20SUSTENT%20C3%81VEL%20DO%20SETOR%20COSM%20C3%89TICO%20E%20O%20COMPORTAMENTO%20DO%20CONSUMIDOR%20FRENTE%20AOS%20COSM%20C3%89TICOS%20SUSTENT%20C3%81VEIS.pdf>>

PRATA, M. O mercado dos cosméticos sustentáveis. 2017. O Globo, Rio de Janeiro, 13 nov. 2017. Disponível em: . Acesso em: 31 out. 2022.

ADAPTAÇÃO AO NOVO LAR DE CRIANÇAS ADOTADAS TARDIAMENTE

ALICE RECK TRUCOLO
THAÍS SAALFELD

INTRODUÇÃO

A adoção tardia é caracterizada pelo ato de inserir, em uma família, alguma criança com idade superior a três anos, reconhecendo-a legalmente como filho (a) (PAIVA, 2004). Entretanto, na contemporaneidade, existem inúmeros mitos e preconceitos acerca do tema, os quais afetam diretamente o número de candidatos que aceitam crianças mais velhas.

O período entre zero e seis anos de idade compreende uma fase muito importante para o desenvolvimento cerebral. A chamada primeira infância é marcada pela aquisição de capacidades fundamentais para o aprimoramento de habilidades, tanto motoras quanto de relacionamento. Nessa fase a criança está sujeita a muitos estímulos do ambiente em que vive, por isso a necessidade de criar-se um lar saudável e sem violência.

Posto isto, surgem múltiplas crenças a respeito da adaptação de crianças adotadas tardiamente, tal como a expectativa de dificuldade na criação de vínculos familiares com o adotado. É incrivelmente comum as pessoas relacionarem os comportamentos das crianças com seu histórico familiar, frequentemente marcado por situações de violência, negligência e abandono (SILVA; KEMMELMEIER, 2010).

Essas crenças apresentam-se como fortes obstáculos à realização de adoções de crianças maiores, e acabam afetando o número de candidatos que as procuram (Sequeira e Stella 2014, p. 70). Por conta disto

existe uma grande disparidade entre o número de futuros adotantes que aceitam crianças mais velhas, e aqueles que procuram apenas bebês.

Diante da importância da temática, pretende-se desenvolver o presente estudo como forma de análise do processo de adaptação de crianças adotadas tardiamente na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.

A partir de entrevistas com quatro famílias de Bento Gonçalves tem-se como objetivo entender os sentimentos e experiências dos pais adotivos durante o processo de adaptação. Além disso busca-se incentivar a adoção tardia, e conseqüentemente, desmistificar alguns mitos que cercam o tema.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho consiste em estudo de caso de quatro famílias que apresentam suas particularidades, porém também possuem algumas semelhanças entre si — como a adoção de irmãos, entre a faixa etária de sete a catorze anos de idade.

As entrevistas iniciaram somente após a aprovação do Comitê De Ética Em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) e foram realizadas exclusivamente com os pais adotivos. As crianças não foram entrevistadas por questões de conforto e respeito, visto que muitas passaram por situações traumáticas em suas famílias biológicas.

As entrevistas foram executadas de forma semiestruturada com perguntas abertas, que conferem certa liberdade aos entrevistados para responderem da forma que lhes convém. Além disso a pesquisa contém um caráter qualitativo, e não quantitativo, ou seja, é analisado as experiências particulares das famílias evitando a generalização dos acontecimentos (Martins e Bicudo, 1994).

Após a efetuação das conversas com os participantes foi realizada a transcrição das entrevistas para melhor análise e separação dos fatores mais importantes a serem ressaltados. Além disso foi também

analisada qualquer ponto que faltou ser questionado, para posteriormente poder ser marcada outra entrevista como forma de recuperação dos tópicos que não foram falados anteriormente.

RESULTADOS

Na análise das entrevistas realizadas com as famílias residentes em Bento Gonçalves foi possível inferir alguns tópicos mais comentados. São eles: preconceitos sofridos, ajuda dos grupos de apoio e psicólogas, principais medos e a influência da idade.

A partir das entrevistas percebeu-se que, nesses casos em específico, o preconceito foi cometido pelos avós adotivos e não por pessoas fora do núcleo familiar. Segundo os participantes os avós incentivavam a adoção de bebês, e foi precisa muita conversa para convencer eles de que a adoção tardia era uma boa ideia.

Outrossim, foi bastante comentado a ajuda recebida pelos grupos de apoio da região. Foi extremamente necessário para as famílias entrarem em contato com pessoa que passaram por experiências parecidas. Nesses grupos eles puderam compartilhar medos, receios e vivências, recebendo conselhos e ideias de como agir.

A ajuda de psicólogas também foi de extrema necessidade para aprender a lidar com alguns comportamentos das crianças. Esses profissionais auxiliaram ensinando a agir em situações em que a criança apresenta atitudes mais violentas e difíceis de reagir, colaborando, desta forma, no desenvolvimento de um relacionamento saudável entre pais e filho.

Outro fator muito importante na adaptação foram os medos e receios dos pais adotivos, que muitas vezes podem influenciar suas ações. Nas entrevistas eles relataram que o principal medo foi relacionado a criação de um laço afetivo forte e seguro com as crianças, visto que os seus filhos já tinham mantido

contato com os pais biológicos por algum tempo. Entretanto, eles afirmaram que não houve problemas com a criação desse laço e que no primeiro mês as crianças já estavam chamando-os de pai e mãe.

Em relação a idade, os participantes disseram que a não é um fator determinante no processo de adaptação. Segundo eles ela influencia sim no relacionamento e nas atitudes, mas não significa que se a criança for maior que três anos de idade a adaptação será difícil. Visto que cada indivíduo possui suas particularidades e características não é possível afirmar que a idade é algo decisório quanto a facilidade de adaptação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que os laços afetivos entre pais e filhos vão além da consanguinidade e que havendo amor e disposição por parte de quem deseja adotar, o processo de adoção tende a ocorrer de maneira saudável. Percebeu-se ao longo das entrevistas que o desejo das famílias em terem filhos e a busca por ajuda especializada foi o diferencial em todo o processo, tanto é que fatores como a idade que antes poderia ser considerado um tabu passou a ser algo irrelevante.

Outra questão que vale ressaltar é que independente do filho ser biológico ou adotivo as crianças e adolescentes passam por períodos de instabilidade de humor, que causam brigas, revoltas, e isso não deveria ser apontado como algo exclusivo de filhos adotivos.

A chegada de um filho em uma família é sempre motivo de uma mudança de rotina, seja através de uma gravidez ou de uma adoção, ter um filho é uma responsabilidade por parte dos pais, desta forma compreende-se o empenho percebido pelas famílias em tornar seus lares acolhedores e receptivos a chegada dos filhos.

Por fim, pretende-se através deste projeto de pesquisa e de outras fontes que possam divulgar a ado-

ção que os preconceitos em torno dela sejam cada vez mais rompidos. A decisão pela adoção tardia não deve ser vista como algo “difícil” por parte das famílias dos adotantes, pois acaba desestimulando um desejo de mães e pais em formarem uma família e por consequência acaba fazendo com que inúmeras crianças e adolescentes acabem residindo por muito tempo nos abrigos, não tendo a chance de terem um lar.

Palavras-chave: Adoção Tardia. Adaptação. Bento Gonçalves.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Mário Lázaro. Adoção tardia: representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas). 269 f. Dissertação, Curso de psicologia, mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e recursos básicos. 2 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1994.

PAIVA, L.D. Adoção: significados e possibilidades. Casa do Psicólogo, 180 p.

SEQUEIRA, Vania Conselheiro; STELLA, Claudia. Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. Revista Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, SP, ed. 16, ano 2014, n. 1, p. 68-78, Bimestral.

SILVA, A.M; KEMMELMEIER, V.S. vivências de Famílias que Adotaram Pré-Adolescentes e o Mito Da Adoção Tardia. Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, <https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v18i2.3235>, V. 18, N. 2, P. 97-112, 2010.

ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A MANEIRA DE SE VESTIR DOS ESTUDANTES DO IFRS-BG

VITÓRIA CONTI FILIPPON
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN

INTRODUÇÃO

De acordo com Nogueira, 2019 e Perosa, 2006, os uniformes, por muitos anos, foram símbolo de status no mundo, especialmente quando a sociedade europeia tinha maior influência sobre os outros locais e implantou esse vestuário em escolas internas. No Brasil este hábito veio por meio dos internatos franceses para meninas da alta sociedade. Os anos se passaram, e atualmente tornou-se uma peça importante para as escolas. O item proporciona uma padronização entre os alunos, oferecendo segurança e encobrindo distinção de condições financeiras explícitas. Ao passo que é um item benéfico, ele pode se tornar prejudicial aos alunos, principalmente no ensino médio, visto que o momento da adolescência é um processo de transição da criança para o adulto. Neste momento, o jovem quer expressar como se sente, principalmente por sua aparência, por sua vestimenta. É um período de descobertas, novas amizades e novos gostos, automaticamente irá surgir um novo estilo, de autenticidade provavelmente muito influenciado pela sociedade. Uma padronização no espaço em que o indivíduo passa mais tempo poderia coibir a expressão de sua identidade. É fundamental sua livre expressão, em razão deste fato podem ser ocasionados casos de crises de identidade e problemas como a ansiedade. No Instituto Federal campus Bento Gonçalves os alunos têm livre escolha de suas vestimentas, tendo o uniforme como uso opcional.

Tendo em vista a grande variabilidade de vestimenta, percebida visualmente de forma imediata. Até o mo-

mento nenhuma pesquisa dentro do campus tinha sido desenvolvida, no âmbito de sociologia ligada à moda. De tal maneira que podemos notar a presença de uma lacuna científica. Havendo como objetivo analisar os fatores sociológicos e a forma como influenciam a maneira de se vestir dos estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Sul campus Bento Gonçalves no ambiente escolar, avaliar os diferentes estilos de vestimenta utilizados pelos estudantes do campus, compreender as suas motivações relacionadas a vestimentas, assimilar as maneiras de vestir com as identidades sociais dos estudantes e quais as preocupações dos estudantes em relação a sua aparência.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia da presente pesquisa é exploratória, tendo sido realizada uma revisão bibliográfica literária e de artigos científicos sobre e relação de outros estudos já realizados. após foi criado um formulário pela plataforma do *google forms*, a mesma foi apresentada para todas as turmas dos cinco cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFRS-BG, no período de vinte e nove de agosto de dois mil e vinte e dois à um de novembro de dois mil e vinte e dois. Obtendo um total de cento e sete respostas.

RESULTADOS

Gráfico 1: Identificação com estilo específico



Fonte: Dados coletados pelas autoras

No gráfico número 1 podemos perceber a grande variabilidade de estilos presentes no campus BG, tendo uma percentagem muito expressiva para as opções ‘não sei’ e ‘nenhum’, sendo um fator que implica na autenticidade de estilo.

Os dados coletados permitem presumir também que alunos são influenciados pelos fatores de gênero e sexualidade. Mas o quesito gênero tem maior influência na forma de se vestir dos alunos, o que é um padrão imposto pela sociedade.

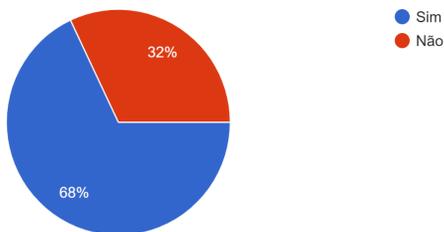
Os educandos dizem que se influenciam pelas tendências de moda e, principalmente, as apresentadas em redes sociais. Padrões apresentados em séries e filmes foram raramente apontados com significativa influência nas formas de se vestir.

Quando perguntado para os alunos em que medida o seu estilo é uma forma de expressar sua identidade, a maior porcentagem afirmou que ‘influencia’ ou ‘influencia muito’, então os alunos procuram sempre representar sua identidade sociológica por meios de suas roupas, de seu estilo.

Além disso, fatores climáticos também foram indicados como importantes no momento de decisão de escolha para se vestir visando sempre o conforto e manter uma boa aparência.

Gráfico 2: Conforto na vestimenta

22- Você se sente desconfortável em usar alguma peça de roupa na escola?
103 respostas

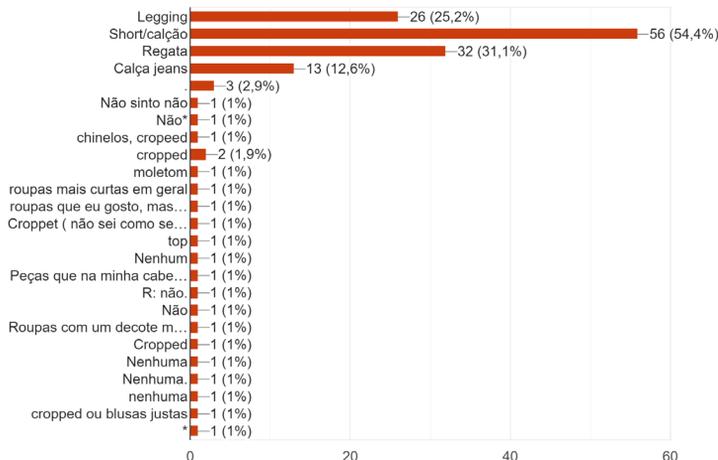


Fonte: Dados coletados pelas autoras

Gráfico 3: Desconforto com peças de roupa

23- Se a resposta anterior (questão 22) for sim, que peças são?

103 respostas



Fonte: Dados coletados pelas autoras

Um fator importante relatado consiste no desconforto que alguns alunos declaram sentir ao usar certos tipos de roupa no ambiente escolar, e poderíamos questionar os motivos para esse aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens, participantes da pesquisa não sabem ao certo seu estilo específico, foram criados mais de dezenove estilos diferentes com uma grande parcela dos mesmos não sabendo ou não tendo um estilo específico. O gênero dos estudantes na maioria das vezes influencia, em relação a sexualidade dos alunos o percentual é menor, mas continua sendo muito forte. Apenas 16,8% dos alunos aderem não às tendências de moda, e 61,9% dos discentes aderem às apresentadas nas redes sociais, estando como mais votado o *Instagram*, seguido do *TikTok* e *Youtube*. 82,1% dos estudantes apontam certo grau de influência do seu

estilo em expressar sua identidade. 42,1% dos acadêmicos mostram que se vestem diferente quando vão à escola. O item conforto leva a frente como o mais buscado pelos alunos neste momento juntamente com o clima. 87,85% se preocupam em manter e transmitir uma boa aparência por meio das roupas. Os alunos gostam de como se vestem e tentam transmitir alguma “mensagem” por sua forma de se vestir. Os alunos por sua vez acreditam em padrões de beleza e se sentem inseguros em usar peças de roupa como short, legging, calça jeans, regatas, chinelos e *cropped* dentro do campus.

Tendo isso como parâmetro é possível concluir que mesmo que os estudantes não tenham exatamente um estilo específico eles conseguem se expressar por meio de suas vestimentas, criando uma autenticidade, mesmo que muito influenciados pela moda atual, e buscando fatores específicos para serem seguidos.

Palavras-chave:

Vestimenta; Estilo; Alunos; Identidade social

REFERÊNCIAS

CARETTA, Simone. Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. UNI-JUI, 2011.

HALL. Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

NOGEIRA,K.da SILVA. O que a escola faz ao instituir o uso dos uniformes escolares?. In:____. O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU , 2019.

PEROSA,G.S. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. São Paulo, Junho 2006.

SILVA,V.O.G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. UFRJ,1995.

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupa, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VERGARA, D.L. O gosto dos outros”: uma forma de analisar a noção de campo de Pierre Bourdieu. UFPEL, 2008.

SEÇÃO II: ARTIGOS COM
PESQUISAS DAS ESTUDANTES

A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE BENTO GONÇALVES SOBRE A LEITURA

SOFIA CASANOVA COMPARIN
CARINA FIOR POSTINGHER BALZAN

RESUMO

O artigo apresenta uma análise das práticas de leitura de estudantes do Ensino Médio de Bento Gonçalves, a fim de compreender como esses estudantes percebem a leitura em seu cotidiano. Os objetivos propostos foram: identificar a frequência de leitura e os gêneros literários preferidos; compreender como os jovens veem a leitura e o quanto ela está presente em seu cotidiano; verificar se a escola, a família e a internet exercem influência sobre a prática de leitura na adolescência. O percurso metodológico contou com: pesquisa bibliográfica sobre a importância da leitura para a formação humana; questionário online aplicado a estudantes do Ensino Médio de Bento Gonçalves; e entrevistas semiestruturadas para uma parcela dos respondentes. Os dados obtidos a partir do levantamento foram catalogados e analisados quantitativa e qualitativamente. Os resultados mostram que a leitura ainda é uma atividade bastante presente no cotidiano desses estudantes, seja para a realização de atividades escolares, seja como forma de lazer, e apontam o romance como o gênero literário mais lido. Todos reconhecem a importância da leitura para o desenvolvimento escolar e pessoal, mas não se interessam muito pelos livros indicados pela escola, preferindo realizar suas próprias escolhas. A família, a escola e a internet exercem influência sobre as práticas de leitura dos estudantes. Com os resultados obtidos, foi possível entender o comportamento

leitor dos estudantes de Ensino Médio de Bento Gonçalves e sugerir ações que despertem o interesse dos jovens pela leitura.

Palavras-chave: leitura; literatura; Ensino Médio; formação de leitores

INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano. Por meio da leitura, acessamos o imenso acervo cultural constituído ao longo da história da humanidade, possibilitando a obtenção de novas informações. Pela leitura literária, sobretudo, entramos em contato com o universo da ficção, desenvolvendo nossa imaginação e criatividade. De acordo com Antunes (2009), a literatura é fundamental no desenvolvimento da afetividade, da sensibilidade artística e do gosto estético.

Historicamente o Brasil sempre foi apresentado como um país em que se lê pouco. Frequentemente são publicadas nos meios de comunicação de massa pesquisas que demonstram que um grande número de jovens no Brasil não gosta de ler. Entre 2015 a 2019, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹ (Failla, 2021), houve uma diminuição de 4,6 milhões de leitores. A mesma pesquisa também aponta que 13 milhões de jovens afirmam que ler é um tédio e fazem isso por obrigação.

Diante dessa diminuição no número de leitores apontada pela pesquisa e de relatos frequentes de jovens dizendo que não gostam de ler, que acham a leitura uma atividade enfadonha e que preferem fazer outras coisas no seu tempo livre que não a leitura,

1 A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em sua 5ª edição, teve como público-alvo a população com 5 anos e mais, sem requisito de escolaridade mínima. A amostra foi de 8.076 pessoas, de todos os estados brasileiros (208 municípios).

faz-se necessário pesquisar mais sobre esse assunto. Em vista disso, este estudo teve como objetivo investigar a relação dos estudantes de Ensino Médio de Bento Gonçalves com a leitura, buscando identificar se a percepção de que a leitura não é uma atividade prazerosa se confirma nesse contexto. Como objetivos específicos, a pesquisa procurou: identificar a frequência de leitura e os gêneros literários preferidos dos adolescentes; compreender como os jovens percebem a leitura e o quanto ela está presente em seu cotidiano; e verificar se a família, a escola e a internet exercem influência sobre a prática de leitura na adolescência. O percurso metodológico compreendeu pesquisa bibliográfica, aplicação de questionários online e entrevistas semiestruturadas.

O artigo está organizado em quatro partes, apresentando, primeiramente, uma discussão sobre a importância da leitura para a formação humana, pautada em textos teóricos. Em seguida, explicita-se a metodologia da pesquisa para, posteriormente, apresentar os dados obtidos juntamente com a análise. Por fim, nas considerações finais, reflete-se sobre propostas de formação de leitores a partir dos resultados obtidos.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA

A leitura é uma atividade imprescindível para a formação humana. Ela promove o desenvolvimento intelectual por meio da obtenção de informações, conhecimento, desenvolvimento da linguagem, mas também desperta emoções, nos conecta a épocas, lugares, situações diferentes, que até então eram desconhecidas, nos faz construir novos sentidos e posicionamentos, formando indivíduos com opiniões próprias e visões de mundo diferentes (Failla, 2021).

Para Silva (1995, p. 12), “o ato de ler é, fundamen-

talmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo.”. Ainda, conforme Anjos (2012), a leitura pode atuar como uma forma de situar o indivíduo no corpo social, despertando-lhe a consciência de seu papel na sociedade enquanto ser participativo e crítico diante da realidade que o cerca.

Segundo Koch e Elias (2008), além da leitura ocupar um grande papel na vida dos leitores, também os coloca em contato direto com as palavras e o sentido que elas trazem, fazendo, assim, com que a população se torne mais capaz de compreender e interpretar textos/situações com pensamento crítico.

A leitura, sobretudo de textos literários, é fundamental para o desenvolvimento da fruição estética, da arte da palavra. De acordo com Antunes (2009, p. 200), “ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza”.

A escola, por ser um espaço de ensino e de aprendizagem, tem um papel fundamental na formação dos leitores, pois promove o contato dos alunos com os livros e outros materiais de leitura e com a literatura. É na escola que os estudantes leem e interpretam textos de diferentes gêneros literários, como poemas, contos, crônicas, romances. Assim, é essencial apresentar livros que despertem o interesse dos leitores, para que o ato de ler não se torne algo chato e cansativo. De acordo com Manguel (1997), a leitura é uma atividade que deve ser feita com o coração, uma ação prazerosa, não como um dever imposto por alguém. Rangel e Rojo (2010) também destacam que a leitura não traz ao leitor todos os seus benefícios se ela não for uma vontade do próprio leitor.

A influência dos familiares e professores, a forma como as crianças vão ser introduzidas na leitura e como serão apresentadas à literatura, será fundamental para definir a relação que terão com a leitura ao longo de sua vida. Por isso, não se deve impor, mas sim estimular os jovens para o ato de ler, dando espaço para fazerem suas próprias escolhas e descobertas, e conseqüentemente, tornando a leitura algo prazeroso de ser realizado.

Como revela a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2021), apenas metade da população (52%) é considerada leitora², e vários motivos podem ser citados para os baixos índices de leitura no país. Um dos motivos para não ler é a falta de tempo ou preferir realizar outras atividades no tempo livre, como utilizar a internet e assistir à televisão. Cria-se uma ideia de que ter um momento educativo e de lazer a partir da leitura de um livro não vale a pena, e que o tempo deve ser utilizado com situações “mais importantes”, como trabalhar ou navegar na web (LIMA, 2001).

Vargas Llosa (2005) afirma que a modernidade impõe um ritmo de vida acelerado, em que existem tantas coisas importantes a resolver, tantas obrigações e responsabilidades no cotidiano, que as pessoas não podem perder tempo com coisas “dispensáveis”:

[...] a literatura é uma atividade prescindível, um entretenimento seguramente elevado e útil para o cultivo da sensibilidade e das maneiras, um adorno que pode se permitir quem dispõe de muito tempo para a recreação, e que

2 A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2021), considera leitora a pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos três meses.

deveria ser afiliado entre os esportes, o cinema, o bridge ou o xadrez, porém, que pode ser sacrificado sem escrúpulos na hora de estabelecer uma ordem de prioridades nos afazeres e nos compromissos indispensáveis da luta pela vida. (Llosa, 2005, p. 377).

Outro motivo também apontado na pesquisa diz respeito à falta de oportunidades socioeconômicas e culturais para desenvolver a leitura, como não saber ler, não ter bibliotecas disponíveis em suas localidades ou o excessivo aumento dos preços dos livros (Failla, 2021).

Não se pode esquecer, ainda, que a internet está muito presente na vida dos adolescentes, podendo influenciar também as práticas de leitura. Nos dias de hoje, as crianças já nascem “mergulhadas” no mundo tecnológico, o que afeta seu contato com os textos, com o ato de ler e a sua relação com a literatura. De um lado, as possibilidades que a internet oferece ao público leitor são muito vastas, como o acesso fácil a livros digitais (e-books), permitindo que mais jovens tenham acesso a obras diversificadas de qualquer parte do mundo e em qualquer idioma. Por outro lado, o uso excessivo da internet pode prejudicar o hábito de leitura de textos mais longos, como livros, pois a rede favorece a distração e a falta de concentração.

O PERCURSO DA PESQUISA

A pesquisa, de caráter exploratório, quantitativa e qualitativa, realizou-se por meio de um levantamento. Segundo Gil (2002), o levantamento caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, ou seja, “procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de

pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.” (GIL, 2002, p. 50-51).

Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com base em livros e artigos sobre a importância da leitura para a formação humana. Após isso, foi aplicado um questionário online produzido via plataforma *Google Forms* para jovens que estão cursando o Ensino Médio, com faixa etária entre os 15 e os 18 anos, residentes no município de Bento Gonçalves. Foram obtidas 54 (cinquenta e quatro) respostas, sendo 94,4% dos respondentes estudantes de escolas públicas. Para um maior aprofundamento do tema, foram feitas 15 (quinze) entrevistas semiestruturadas com respondentes do questionário, realizadas tanto presencialmente, quanto pelo aplicativo Zoom, dependendo da disponibilidade do entrevistado. A aplicação do questionário e a realização das entrevistas ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2022. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atestando a ciência sobre o estudo, seus objetivos e finalidade. Ao final, os dados obtidos a partir do levantamento foram catalogados e analisados quantitativa e qualitativamente com base na fundamentação teórica construída.

Seguem os dados obtidos e a análise pautada na Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2021) e em estudiosos da área da leitura e formação de leitores.

OS JOVENS E A LEITURA

Sobre o perfil dos respondentes do questionário, a maioria dos jovens tem 16 anos (59,3%), 25,9% têm 15 anos, 11,1% têm 17 anos, 1,9% têm 18 anos e 1,9% têm mais de 18 anos. Quanto à série do Ensino Médio, 74,1% estão cursando o primeiro ano, 16,7%

estão no segundo, e 9,3% no terceiro ano. Destes respondentes, 94,4% estudam em escola pública e 5,6% na particular.

Em relação ao gosto pela leitura em geral, 61,1% dos respondentes afirmaram gostar de ler, 35,2% se interessam por essa atividade dependendo da leitura, e 3,7% responderam que não gostam. Em relação à literatura, 72,2% afirmaram que gostam de ler literatura, contra 27,8% que responderam que não. Esses resultados são positivos, ao contrário do que dizem algumas pesquisas divulgadas constantemente na grande mídia. A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (Failla, 2021) aponta que muitos estudantes não apreciam a leitura e a consideram uma atividade tediosa. No entanto, como se percebe pelo questionário, os estudantes pesquisados ainda encontram na leitura uma prática prazerosa.

Mesmo com um percentual de estudantes que disseram não gostar de ler (3,7%) ou que não se interessam por todo tipo de leitura (35,2%), como apontado anteriormente, todos os respondentes (100%) consideraram que a leitura é uma prática muito importante para a sua vida. Ou seja, mesmo não apreciando a leitura e não a colocando entre as atividades realizadas com maior frequência, esses estudantes reconhecem que a leitura é fundamental para o seu rendimento escolar e desenvolvimento pessoal.

Dentre os jovens que responderam ao questionário, 94,4% disseram que gostariam de ler mais. E entre os principais motivos para esses estudantes não lerem mais estão a falta de tempo (79,6%) e por preferirem fazer alguma outra atividade (20,4%). Com esses percentuais, é possível perceber que a prática da leitura poderia ser mais ativa na vida dos adolescentes, mas por diversos fatores, como acúmulo de deveres escolares, provas e trabalhos, além de outras tarefas extraescolares como cursos, a leitura não con-

segue estar entre as atividades consideradas mais necessárias. Esse fator é citado por um dos estudantes entrevistados: “Eu gosto muito de ler, mas com minha escola e meu trabalho, fica difícil conciliar tudo, então acabo priorizando outras coisas e não a leitura.” (Carlos³, 16 anos). Ou seja, dentre as diversas atividades realizadas no cotidiano dos estudantes, a leitura não é colocada como prioridade.

Em relação às preferências literárias dos estudantes, a maioria prefere ler romances (44,4%), literatura de ficção científica (18,5%), história de povos antigos (9,3%), contos (7,4%) e poesia (3,7%). Também foram mencionados em menor percentual a literatura religiosa, humorística, de cordel, jornais, revistas, contos populares, livros didáticos, clássicos brasileiros, terror, novela policial e fantasia, com 1,9% cada. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2021) aponta que o romance fica em quarto lugar entre os gêneros mais lidos. A preferência dos estudantes pesquisados por romances pode ser explicada porque esse gênero envolve muito a fantasia, levando os leitores, em imaginação, para diferentes lugares sem sair do lugar, transportando-os para outro universo. E a ficção científica, além de aproximar os leitores do meio científico, também os diverte e informa sobre diversos temas, como física e biologia.

Sobre a frequência de leitura de um livro de literatura, 31,5% dos respondentes disseram ler mensalmente, 27,8% quinzenalmente, 14,8% semestralmente, 14,8% mencionaram que nunca leem livros, e 11,1% disseram ler anualmente. Nessa resposta chama a atenção o percentual que mencionou nunca ler livros (14,8%), pois, na condição de estudantes de Ensino Médio, significa que esses alunos não realizam nem as leituras solicitadas pelos componentes de

³ Como forma de manter o anonimato dos entrevistados, os nomes apresentados são fictícios.

Língua Portuguesa e Literatura.

Em relação à frequência de leitura de outros gêneros textuais do cotidiano, como jornais ou revistas, os jovens responderam que leem raramente (46,3%), nunca (31,5%), às vezes (20,4%) e sempre (1,9%). Ou seja, os textos literários ainda são mais lidos pelos estudantes pesquisados que outros gêneros. No entanto, não se pode deixar de mencionar os gêneros lidos para as atividades escolares, como textos informativos, de livros didáticos, livros técnicos e artigos que não são mencionados nessa questão, mas que certamente são lidos pelos estudantes em seu cotidiano escolar.

Para entender que outras atividades os jovens realizam em seu cotidiano, não vinculadas às atividades escolares, e se isso pode influenciar as suas práticas de leitura, perguntamos aos respondentes o que eles fazem em seu tempo livre. As respostas foram: navegar na internet (33,3%), ler livros (18,5%), praticar algum esporte (16,7%), estudar uma língua estrangeira (7,4%), ajudar em casa (5,6%), tocar um instrumento musical (5,6%), assistir a vídeo aulas, tirar fotos, ir à academia e acompanhar canais no Youtube (1,9%), cada um. Um ponto positivo desses dados é que ler livros está em segundo lugar, porém, a principal atividade está relacionada ao uso da internet. Segundo a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (FAILLA, 2021), a internet é utilizada para diversas finalidades, sendo geralmente para o entretenimento. Dentre os leitores, muitos a utilizam ao seu favor, seja para pesquisar livros para comprar, seja para seguir influencers literários em busca de indicações, além de possuírem mais espaço para debaterem sobre o que estão lendo no momento, como blogs e plataformas como o *Skoob*, e ter mais acesso a livros por meio dos e-books.

No entanto, mesmo com pontos positivos, a internet também pode prejudicar a prática de leitura, visto que muitos jovens acabam ocupando o tempo que

poderiam estar lendo para ficar navegando na rede. Além disso, podem se distrair mais facilmente durante a leitura e não se interessarem mais por livros. Assim, é importante que pais e professores orientem os jovens a usarem as tecnologias com responsabilidade, visto que elas propiciam muitos benefícios, mas também malefícios. A internet é uma teia de informações de acesso rápido e fácil, passando a se tornar cada vez mais próxima das pessoas. Ao fazer parte das atividades básicas do cotidiano, ela altera o estilo de vida dos seus usuários, seja na comunicação, na produção e na recepção dos textos.

Como mencionado anteriormente, o papel da família é fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Viver em um ambiente leitor, com acesso aos mais diferentes materiais e leitura desde cedo, e presenciar os membros da família realizando leituras é um grande estímulo para a criança e o jovem se interessarem pelos livros.

Em relação aos hábitos de leitura dos familiares dos estudantes, a porcentagem de pessoas da família que leem sempre é de 35,2%; 29,6% leem às vezes; 22,2% leem raramente; e 13% nunca leem. Sobre o hábito da família de comprar livros, revistas ou jornais, 42,6% responderam que compram às vezes; 31,5% compram sempre; 16,7% compram raramente; e 9,3% nunca. Esses dados são bastante positivos, comparado com a realidade brasileira, visto que grande parte da população brasileira não possui condições de comprar livros, revistas e jornais.

Em relação ao contato com a literatura desde a infância, 74,1% dos adolescentes responderam que desde pequenos sempre tiveram contato com a leitura; 20,4% responderam que às vezes; 3,7% nunca; e 1,9% raramente. Segundo uma entrevistada: “Eu gosto muito de ler, e se não fosse pelos meus pais, que desde cedo liam para mim e me incentivaram, eu com cer-

teza não amaria tanto essa atividade” (Lia, 17 anos). Esse depoimento mostra a importância do desenvolvimento do hábito de leitura desde a infância com a ajuda de familiares.

Além disso, 57,4% dos estudantes pesquisados responderam que sempre ouviram histórias de seus familiares (mãe, pai ou outro familiar) antes de aprenderem a ler sozinhos; 24,1% responderam que às vezes, 13% raramente; e 5,6% nunca. Esses dados também são positivos, pois, segundo Bagno (2007), o desenvolvimento da prática de leitura é muito influenciado pela família, visto que o contato dos pequenos com seus parentes será o ponto chave para como eles verão essa atividade no seu futuro.

O contato com a leitura desde a mais tenra infância também contribui para a aprendizagem na fase de alfabetização. Isso pode ser relacionado ao fato de que 90,7% dos respondentes afirmaram que aprenderam a ler rapidamente; 7,4% demoraram a ler e acompanhar seus colegas de classe; e 1,9% demoraram bastante para ler e não conseguiram acompanhar seus colegas de classe.

Em relação ao acesso aos livros, os jovens da pesquisa responderam que têm acesso a livros impressos por meio de compras online (37%), compras em livrarias (25,9%), possuem livros em casa (16,7%), retiraram da biblioteca da escola (14,8%), na casa de familiares/amigos (3,7%) e por meio da biblioteca pública (1,9%). Quando perguntado sobre a quantidade de livros impressos que possuem em suas casas, as respostas foram que 77,8 % possuem mais de 30 livros, e 22,2% possuem menos de 30 livros. O percentual de compras de livros, seja de forma on-line ou por meio das livrarias, é um ponto positivo, pois é possível perceber que os estudantes se interessam pela leitura e buscam desenvolver mais essa prática. Além disso, provêm de famílias em que o livro é valorizado en-

quanto um bem de valor cultural. Porém, destaca-se, nesses percentuais, o baixo índice de retirada de livros em bibliotecas escolares e públicas.

De uma maneira geral, pode-se dizer que os estudantes pesquisados pertencem a um grupo social privilegiado em termos de práticas de leitura. Ou seja, são provenientes de famílias em que os pais já possuíam o hábito de ler e liam histórias para os filhos quando pequenos, possuem materiais diversificados de leitura em casa, configurando um ambiente propício para despertar o interesse pela leitura e pela literatura.

A pouca frequência dos estudantes a bibliotecas escolares e públicas pode ocorrer por diversos fatores, como falta de espaço físico, falta de profissionais capacitados para a área, acervos desatualizados e malcuidados. Nas entrevistas realizadas, muitos jovens disseram que os livros disponíveis nas bibliotecas onde estudam não lhes chamam a atenção, seja porque não são atuais/populares; ou porque o acervo possui mais livros infantis ou focados no público adulto e poucos livros juvenis; ou ainda pela aparência e aspecto antigo e desgastado dos exemplares. Esses aspectos podem ser percebidos no comentário de um dos entrevistados:

Os livros fornecidos pela minha escola não me interessam e nem a meus colegas para sua leitura, a maioria é velho e não tem livros contemporâneos, além disso, os adolescentes julgam muito um livro pela capa, e aqueles onde eu estudo estão feios e destruídos, fazendo com que a gente pense que a história é tão desinteressante quanto o exterior do

livro (Maria, 16 anos).

Para entender como é a relação entre leitura e escola, indagamos se as leituras que os estudantes realizam frequentemente são indicadas pela escola. O número de livros extracurriculares que os estudantes leem durante o ano é de cinco ou mais livros (50%); dois livros (16,7%); três livros (14,8%); um livro (11,1%); e quatro livros (7,4%). Ou seja, os estudantes realizam um considerável número de leituras não vinculadas às atividades escolares, seja porque a escola não estimula a leitura de livros ou porque as indicações de livros e sugestões de leitura dos professores não despertam o interesse desses estudantes, ou ainda, devido às atividades de leitura de livros estarem vinculadas a tarefas posteriores, como resumos, resenhas ou fichas de leitura.

Também perguntamos se ocorrem momentos diversificados na escola relacionados à leitura. 44,4% dos estudantes disseram raramente participar de momentos assim; 27,8% afirmaram que nunca participaram; 24,1% participaram às vezes; e apenas 3,7% responderam que sempre participam desse tipo de atividade. Esses dados mostram que a escola, de forma geral, desenvolve poucos projetos voltados à formação de leitores ou que, se realizados, não conseguem estimular os alunos para participar. Isso é comprovado pelas respostas dos entrevistados, que comentam não sentirem incentivo em suas escolas ou a forma como isso é desenvolvido não é muito interessante, como revela uma das entrevistadas: “Ler livros forçados não adianta em nada, não vai me fazer gostar de ler assim, e isso piora quando eu percebo que não têm muita dedicação por parte dos professores para mudar essa situação, fazendo com que os alunos não se sintam atraídos pela leitura.” (Lara, 16 anos).

Apesar de um percentual considerável dos estudantes terem afirmado que não costumam frequentar

a biblioteca escolar, indagamos se eles tinham acesso livre às mesmas. 77,8% dos jovens responderam que possuem acesso livre à biblioteca da escola para retirada de livros para leitura em casa, 11,1% às vezes, 5,6% raramente e nunca. Esses dados, analisados de forma ampla em relação à sociedade brasileira, são importantes, pois para muitos estudantes, a única forma de acesso aos livros é por meio das bibliotecas escolares ou públicas. Ter acesso livre à biblioteca escolar é condição indispensável, no Brasil, para o acesso à leitura.

Também foi questionado se os professores das diferentes disciplinas dos respondentes proporcionam leituras diversificadas em sala de aula. Segundo os estudantes, 64,8% responderam que poucos professores promovem essas atividades; 22,2% apontaram que muitos professores realizam; e 13% responderam que nenhum professor proporciona leituras diversificadas em sala de aula. Essas respostas são preocupantes, visto que a figura do professor é um grande incentivo para desenvolver o hábito de leitura dos jovens. Desde pequenos, os estudantes estão inseridos no ambiente escolar, em contato direto com os docentes. O trabalho dos docentes por meio de indicações de livros, atividades variadas de leitura e compreensão, projetos literários como dramatizações de textos, saraus poéticos, concursos literários é uma forma de desenvolver nos estudantes o gosto pela leitura.

Um dado que chama a atenção é que 85,2% dos estudantes afirmaram que são desenvolvidos projetos de leitura nas suas escolas, enquanto 14,8% disseram que não. Isso mostra que apesar de serem desenvolvidos projetos relacionados à leitura, nem todos os estudantes interessam-se em participar deles.

Em relação à frequência com que os adolescentes pesquisados vão à biblioteca pública, tem-se os seguintes percentuais: nunca (44,4%); às vezes (27,8%); raramente (24,1%); e sempre (3,7%). Esses dados cor-

roboram os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2021), que indica que mais de 60% dos estudantes não frequentam bibliotecas. Ou seja, de maneira geral, os estudantes não costumam frequentar bibliotecas públicas, o que leva a pensar na própria função dessa instituição na sociedade com o surgimento da internet. As informações que antes eram obtidas a partir da consulta em livros, revistas e jornais impressos, armazenados nas bibliotecas, hoje são obtidas facilmente e de forma muito rápida pela consulta à internet. Devido a isso, a biblioteca pública precisa reinventar a sua atuação na comunidade, tornando-se mais que um depósito de livros, um espaço cultural, de divulgação da literatura e outras artes por meio de atividades que atraiam mais frequentadores.

Em relação às práticas de leitura no meio digital, perguntou-se aos estudantes com que frequência é feita a leitura de um livro digital (e-books). 37% dos respondentes colocaram que leem nesse suporte às vezes, 24,1% sempre, 20,4% raramente e 18,5% nunca. Uma entrevistada comenta o porquê de preferir fazer a leitura de um livro digital: “Eu gosto de e-books por conta de sua praticidade, consigo ler em qualquer lugar sem carregar muito peso, além de que livros digitais são mais baratos que os físicos.” (Carla, 16 anos).

Esses dados se relacionam com a pergunta seguinte que questiona qual o formato de suporte de leitura preferido dos estudantes, sendo que 87% responderam que preferem livros impressos e 13% e-books. Essas duas formas de leitura possuem características específicas. Livros impressos, por exemplo, cansam menos a vista que os e-books, e muitos são pensados para melhorar a experiência da leitura, por exemplo a cor e a textura das páginas. Por outro lado, são mais caros do que livros digitais e não são muito práticos para serem transportados de um lugar para outro. Apesar disso, e mesmo habituados à leitura em

suportes digitais, a grande maioria dos estudantes pesquisados apontou preferir ler livros no formato impresso. Isso mostra que o objeto livro impresso tem um longo futuro pela frente e não será substituído tão facilmente pelos e-books.

Com os avanços tecnológicos, a internet se tornou muito presente na vida de todos, principalmente para os jovens que já nasceram com esse progresso. Verificou-se que as informações que os adolescentes mais buscam na web são relacionadas a assuntos diversos (77,8%); conteúdos escolares e novidades na ciência (7,4%); e esportes e política (3,7%). Essa busca de informações é feita nas plataformas *Youtube* (31,5%), *Instagram* (24,1%), sites de editoras (18,5%), *blogs* (5,6%), *Google* (3,7%) e *Tiktok*, *Twitter*, *Pinterest* e jornais online (1,9%).

Para fazer essas pesquisas, o meio utilizado é o celular próprio do estudante (81,5%) ou o computador próprio (18,5%). Um dos entrevistados comentou: “Sem o meu celular, muitas atividades que eu realizo não aconteceriam, como assistir videoaulas e ler livros.” (Luís, 17 anos). Isso mostra que a tecnologia pode auxiliar muito nas atividades cotidianas dos estudantes, como na realização das tarefas e trabalhos escolares, nas pesquisas, e também para aprofundar algum conteúdo.

A internet também influencia a escolha de livros para leitura. De acordo com a pesquisa, o que ajuda o estudante a escolher um livro para comprar é a indicação da internet (31,5%), indicação de um amigo (22,2%), a capa (13%), indicação do professor (9,3%), pelo autor (7,4%), o recurso financeiro (3,7%), e a síntese, o conteúdo e a prévia do livro, juntamente com pesquisas e indicações no geral (1,9%).

Ou seja, na atualidade, não se pode mais pensar a educação sem a inserção das novas tecnologias e a presença da internet no processo de ensino e

aprendizagem. Como se verificou nas respostas dos estudantes, a internet tem muita influência seja no próprio ato de ler, seja nas escolhas de livros e no desenvolvimento do gosto pela leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, a partir da pesquisa, que o grupo de estudantes pesquisados, de forma geral, participou de um ambiente leitor na infância, com acesso a livros e outros materiais de leitura, contação de histórias e exemplo de familiares leitores. Isso repercutiu no processo de alfabetização desses jovens e no gosto que desenvolveram pela leitura. Afinal, 61,1% dos participantes afirmaram gostar de ler; 72,2% disseram gostar de literatura; 94,4% gostariam de ler mais; e 100% reconhecem a importância da leitura para seu desenvolvimento escolar e pessoal. Esses dados, comparados com os dados divulgados na mídia e com a própria pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Fai-la, 2021), mostram-se bastante positivos, visto que a leitura está bastante presente na vida dos estudantes de Bento Gonçalves.

A trajetória escolar também revela que as instituições de ensino incentivaram, em maior ou menor grau, o desenvolvimento da prática leitora dos estudantes, seja por meio de incentivo à leitura, projetos literários, acesso à biblioteca escolar. Apesar da importância do papel da escola na formação de leitores, as leituras indicadas pelos professores, principalmente no Ensino Médio, raramente mostram-se atrativas para os estudantes, e as obras disponíveis da biblioteca não lhes chama a atenção, pois os livros não são apropriados a sua faixa etária (literatura juvenil) ou pelo estado de conservação dos exemplares, velhos e desgastados. Se levarmos em conta que os livros indicados pelos professores do Ensino Médio são obras da literatura brasileira vinculadas aos períodos literários, podemos

justificar essa falta de interesse por parte dos alunos. Muitas vezes a linguagem dessas obras é difícil de entender, desmotivando a leitura.

Algumas possibilidades para melhorar esses resultados seria chamar a atenção dos jovens pelos gêneros, escritores e temas que lhes instiguem, orientá-los para gerenciar seu tempo na realização das atividades cotidianas e disponibilizar tempo próprio para a leitura em sala de aula, nem que sejam algumas páginas por dia. Para isso, o professor tem que estar atento às preferências dos estudantes e indicar obras mais contemporâneas, voltadas aos temas que os alunos apreciam nesse momento da vida, além de conhecer o acervo da biblioteca e sugerir novas aquisições de livros, mais condizentes com as demandas dos jovens. Isso não significa que não devem ser trabalhadas as obras vinculadas aos períodos da literatura brasileira, mas oferecer aos jovens outras possibilidades também.

Também foi possível perceber que, conforme aponta Failla (2021), as redes sociais estão roubando o tempo do livro, visto que os adolescentes aproveitam mais os momentos livres para navegar na internet do que para a leitura. Mesmo com pontos negativos, é inegável que a internet auxilia o desenvolvimento das práticas leitoras, já que ela facilita o acesso aos livros e ajuda a descobrir novos estilos por meio de indicações de influenciadores digitais, como *booktubers*. Ademais, existem aplicativos que ajudam a desenvolver e organizar as leituras, como o *Skoob*, *Goodreads*, *Webtoon*, *Kindle*, *Skeelo* e *Cabeceira*. Com isso, é necessário encontrar um equilíbrio entre o uso da internet e a realização de outras atividades, pois mesmo sendo muito importante, o uso excessivo da internet também prejudica a prática leitora.

Com esse trabalho é possível afirmar, por fim, que a leitura está bastante presente na vida dos adoles-

centes de Bento Gonçalves, sendo que para alguns adquire maior relevância que para outros. Conclui-se que a família, a escola e a internet exercem influência nas atividades realizadas pelos estudantes e são determinantes para a relação deles com a leitura e o desenvolvimento do gosto pela literatura.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. M.; BARBOSA, A.; FERREIRA. A Importância da leitura no processo de alfabetização e o uso da biblioteca como espaço de construção do encanto pelo ato de ler. São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, I. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma Pedagogia da Variação Linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FAILLA, Z. (Org.). Retratos da leitura no Brasil 5. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, M. S. L. A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=15230>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LLOSA, M. V. A verdade das mentiras. São Paulo: Arx, 2005.

MANGUEL, A. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. Coleção exploran-

do o ensino: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 24 nov. 2022.

SILVA, E. T. A produção da leitura na escola. São Paulo: Ática, 1995.

VISÕES E POLÍTICAS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA: ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM BENTO GONÇALVES – RS

ALANA LUIZA SPINELLI DA SILVA
JONATHAN HENRIQUES DO AMARAL

RESUMO

A acessibilidade está interligada com a questão do acesso, da facilidade de se locomover, acessar informações e de viver em comunidade. É um direito do cidadão que deve ser regido pelas políticas públicas. A mobilidade é fundamental para que as pessoas realizem seus afazeres cotidianos, fato que necessita de políticas públicas específicas elaboradas em conjunto com a população. O objetivo geral deste estudo é compreender quais são as políticas públicas de acessibilidade promovidas na cidade de Bento Gonçalves – RS e como determinados gestores e público-alvo dessas políticas avaliam sua efetividade. Trata-se de estudo exploratório, de caráter qualitativo, cuja metodologia consiste no levantamento e identificação de documentos disponíveis no site da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves, além da realização de entrevistas com o secretário geral de mobilidade urbana, a fim de conhecer como são formuladas as políticas públicas no município, e com pessoas com deficiência (PCDs) que tenham alguma dificuldade de mobilidade. Os PCDs foram selecionados mediante amostra aleatória por conveniência, por meio de indicações solicitadas ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educativas Específicas (NAPNE), do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves. Os dois entrevistados constataram que a cidade melhorou

na mobilidade urbana ao longo do tempo, principalmente por causa do avanço tecnológico. Dessa forma, possibilitou-se a circulação de veículos de locomoção mais inclusivos, como ônibus com acesso para cadeirantes e deficientes visuais, implementados pela Prefeitura. Os PCDs entrevistados relatam dificuldades de locomoção na cidade e uma dependência desses veículos, mostrando que a cidade poderia buscar mais diálogo com a população e as associações, que não estão sendo tão valorizadas, para que haja uma maior atenção tanto ao público local quanto turístico. Eles também indicam que há pouco diálogo com a Prefeitura e, gradativamente, as associações de PCDs têm perdido sua representatividade e apoio. Por outro lado, o poder público, por meio da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana, alega que há uma certa atenção aos PCD's e que têm sido realizadas ações e propostas de políticas públicas viáveis a essas pessoas. Destarte, é reconhecido por ambos os lados que o processo de garantir acessibilidade no município é uma ação gradativa.

Palavras-chave: acessibilidade; políticas públicas; mobilidade urbana; pessoas com deficiência.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1930 foram instauradas as primeiras políticas públicas de acessibilidade no Brasil, o que passou a proporcionar maior inclusão às pessoas com deficiência (PCDs). Bento Gonçalves, cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, recebe muitos turistas em razão de seu potencial eno gastronômico e paisagístico. Contudo, a topografia da cidade é muito acidentada, fato que demarca a necessidade de uma maior atenção por parte do poder público e dos construtores para qualificar a mobilidade e o acesso a determinados locais, principalmente ao público de PCDs.

A presente pesquisa tem como tema a acessibilidade para pessoas com deficiência no município de Bento Gonçalves. Dessa forma, analisamos que a acessibilidade está interligada com a questão do acesso, de viver em comunidade, acessar informações e se locomover. O interesse da pesquisa surgiu pela observação, por parte da autora principal do trabalho, de irregularidades na cidade, gerando questionamento sobre porque não há monitoramento desses problemas, assim como, se há ações do poder público em atenção ao cumprimento dos requisitos de segurança e para a melhoria nesses ambientes. O problema de pesquisa busca responder como estão estruturadas as políticas de acessibilidade às PCDs no município de Bento Gonçalves – RS e como determinados gestores e público-alvo dessas políticas avaliam sua eficácia e efetividade.

Desenvolvendo tal problemática, como objetivo geral buscou-se compreender quais são as políticas públicas de acessibilidade às PCDs no município e como determinados gestores e público-alvo dessas políticas avaliam sua eficácia e efetividade. Os cinco objetivos específicos foram: levantar leis e documentos que regem as políticas de acessibilidade em Bento Gonçalves; identificar estratégias da população com deficiência para acessar espaços públicos; analisar de qual maneira as PCDs se sentem em relação a irregularidades da cidade; entender como é feito o diálogo entre a Prefeitura e as PCDs, com a finalidade de descobrir se há uma preocupação de inclusão dessas pessoas no espaço governamental; e, por fim, perceber quais são os desafios enfrentados pelo poder público para a realização dos planos de mobilidade urbana.

Estudar a mobilidade urbana e, em específico, a acessibilidade de PCDs torna-se relevante não apenas pelo compilado de informações e análises, mas para

poder trazer elementos que auxiliem nas tomadas de decisão e na elaboração e execução de políticas públicas. Portanto, o estudo justifica-se por contribuir com a gestão e, principalmente, com a sociedade.

De modo geral, em termos metodológicos, o estudo focalizou o resultado de entrevistas com pessoas indicadas por membros do Núcleo de Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com a finalidade de compreender quais são as dificuldades de locomoção das pessoas com deficiência no meio urbano. Paralelamente, realizou-se entrevista com representantes da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves, a fim de definir qual é o desempenho das políticas públicas em atender a população. Ao mesmo tempo, a pesquisa buscou avançar nas interpretações por meio de análises de documentos disponíveis no site da prefeitura de Bento Gonçalves, bem como relacionar os conteúdos dos referenciais sobre a acessibilidade para PCDs.

PCDs entrevistados relataram dificuldades de locomoção na cidade e uma dependência de veículos automobilísticos, mostrando que a cidade poderia buscar mais diálogo com a população e as associações, que não estão sendo tão valorizadas, para que haja uma maior atenção tanto ao público local quanto turístico. Por outro lado, o poder público, por meio de sua Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana, alega que as associações de deficientes fazem um papel crucial na parte do Conselho de Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves, no qual as políticas públicas de acessibilidade são melhoradas a partir das dificuldades manifestadas por PCDs do município, representadas nesse Conselho. Alega-se que gradativamente a acessibilidade vai melhorando, conforme a disponibilidade de mudar as ações de mobilidade urbana. Foi declarado, pelo entrevistado número um, que o processo foi lento e gradativo para o poder público em

que há muita burocracia por trás. Ao longo do tempo observa-se que Bento Gonçalves se expandiu muito territorialmente, e o acesso a meios de transporte, como carros e ônibus, foi se ampliando e tornando-se público, influenciando o bem-estar dos moradores.

Este artigo está organizado em cinco partes. Na primeira, é apresentada a introdução, na qual detalhamos o tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. Na segunda, apresentamos o referencial teórico em que são abordados temas sobre a acessibilidade, como ela é formatada pelas leis e seu direito básico, de que forma ela é regida, seu surgimento no Brasil e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul; falamos sobre a história do desenho universal, como ele ajudaria na mobilidade da população e como as pessoas com deficiência são incluídas na acessibilidade atualmente. Na terceira parte apresentamos o detalhamento da metodologia, abordando os procedimentos e tópicos relacionados à pesquisa qualitativa. Na quarta parte, aprofundamos o relato dos entrevistados sobre mobilidade urbana para pessoas com deficiências, momento em que analisamos documentos e relatos, verificamos os conteúdos das falas dos entrevistados e apresentamos os resultados obtidos. Por último, na quinta parte, apresentamos as considerações finais do trabalho.

ACESSIBILIDADE COMO UM DIREITO HUMANO

A acessibilidade é um direito do cidadão brasileiro e deve ser regida pelas políticas públicas do Brasil. Segundo o site Politize, em publicação de Danilo Andrade (2016, [s.p.]) “as políticas públicas são conjuntos de programas, ações e decisões tomadas pelos governos (nacionais, estaduais ou municipais) com a participação, direta ou indireta, de entes públicos ou privados”. O autor explica que tais políticas visam a assegurar direitos de cidadania para vários grupos da

sociedade ou, ainda, a outros segmentos (social, cultural, étnico ou econômico).

Nos anos de 1930, na era de Getúlio Vargas, aconteceram os primeiros históricos de políticas públicas no Brasil, o que significava uma melhoria e uma maior inclusão de todas as camadas da sociedade. Houve grandes investimentos em obras públicas, que facilitaram a mobilidade das pessoas e sua integração. Um exemplo próximo de política pública feita nessa época foi a construção de vilas operárias (IAPI) para moradia na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O episódio facilitou o acesso às fábricas para esses trabalhadores e melhorou sua qualidade de vida, por meio do projeto habitacional. Observamos que os conceitos de políticas públicas e acessibilidade se interligam, sempre oferecendo uma proposta de ação junto com uma proposta de melhor acesso e qualidade. (Araújo, [s.d.]

Dar condições de acessibilidade às pessoas com deficiência significa estar em consonância com seus direitos e incluir a todos no espaço social. Contudo, o Brasil não tem uma vasta legislação de mobilidade urbana para cidades históricas (Moraes; Santana, 2020), como é o caso de Bento Gonçalves. Portanto, ainda é preciso muito diálogo e ampliação das leis, além de trabalho e planejamento para construir uma melhor consciência social sobre a importância da inclusão das pessoas com deficiência em todos os espaços públicos.

Na pesquisa de Susana Couto Pimentel e Mariana Couto Pimentel (2017) sobre acessibilidade para inclusão da pessoa com deficiência, foi destacado que a acessibilidade vai além de questões infra estruturais; ela inclui o acesso à informação, à comunicação e aos equipamentos públicos de uma cidade. De uma forma geral, segundo a cartilha “Acessibilidade na UFC” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, S/D), acessi-

bilidade é a condição de possibilidade para a transposição dos entraves que representam as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social.

Na pequena cidade de Garibaldi, interior da serra gaúcha, localizada a 13,8 km de Bento Gonçalves – RS, percebe-se um cuidado na questão da acessibilidade para pessoas com deficiência. Para o município, a acessibilidade vai além do espaço físico, podendo ser obtida em diversos meios. No site⁴ institucional do município de Garibaldi, a Prefeitura informa que desenvolveu mecanismos para que as pessoas com deficiência visual pudessem acessar sites informacionais, dessa forma conseguindo obter notícias para o seu dia a dia. Observa-se, dessa forma, que a acessibilidade vai além de seu quesito físico-estrutural preocupando-se com o acesso dos PCDs socialmente. (BRASIL, 2011)

O livro intitulado “Acessibilidade e tecnologia assistiva: pensando a inclusão sociodigital de Pessoas com Necessidades Especiais”, de Sonza et al. (2013), traz diferentes abordagens da acessibilidade, mais especificamente, a inclusão de acessibilidade em ambientes virtuais e ambientes físicos. Podendo observar sob diferentes aspectos, analisamos que a acessibilidade se torna uma forma de as pessoas com deficiência se integrarem com a sociedade, não só por formas de locomoção, de espaço, mas sim na integração dessas pessoas tanto em espaços públicos quanto na acessibilidade de informações.

Ao longo do tempo, observamos que o acesso ao ambiente público, em geral, é ainda muito enfrentado como problema individual das pessoas com incapacidade. Na década de 1960, surge um projeto que

4 No referido site estão todas as informações da municipalidade, dentre elas, há uma forma específica para que pessoas com deficiência visual possam acessar este portal. O mesmo pode ser consultado em <https://www.garibaldi.rs.gov.br/pagina/acessibilidade>, acesso em 25/03/2023.

trazia para todos os públicos um padrão arquitetônico, sendo denominado Desenho Universal, que propunha uma maior igualdade em todos os ambientes. Segundo Carletto e Cambiaghi (2010), esse projeto tem grande importância, uma vez que o ambiente pode ser utilizado por todas as pessoas, independentemente de mobilidade, tamanho do corpo ou de sua postura física

O Desenho Universal consiste em permitir que o uso de produtos, serviços e ambientes sejam mais autônomos, dessa forma, todas as pessoas poderiam acessar de uma maneira que não precisasse de outros recursos. O projeto consiste na manutenção da estrutura arquitetônica atual para uma que garantisse inclusão, ele está altamente relacionado com a acessibilidade já que é centrado principalmente no ser humano e respeita os graus de dificuldade de cada indivíduo prezando pela pluralidade.

METODOLOGIA

A metodologia de uma pesquisa é essencial para encaminhar a forma de abordagem e a linha de análise. Segundo Gil, autor de métodos e técnicas para pesquisa social, o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento (Gil, 1999). Para que seja considerado conhecimento científico, é necessária a identificação dos passos para a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar ao conhecimento.

Nesse sentido, a presente pesquisa é exploratória, sendo realizada, em um primeiro momento, por meio de referenciais bibliográficos e pesquisas em fontes de dados e informações. Em um segundo momento, é complementada com levantamentos em documentos disponíveis no site da prefeitura de Bento Gonçalves sobre a acessibilidade para pessoas com deficiência.

A fim de potencializar a análise dos referenciais teóricos e documentos, no terceiro momento, utilizamos o recurso das entrevistas. Para isso, definimos duas frentes de investigação: a primeira com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Dificuldades Educacionais Específicas (NAPNE) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves e a segunda com o representante da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves. O detalhamento dessas entrevistas apresenta-se a seguir:

Entrevistas com usuários do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves: realizadas com a finalidade de compreender quais são as dificuldades de locomoção das pessoas com deficiência no meio urbano. A amostra da seleção foi definida posteriormente com base nas informações do Núcleo. Selecionamos os entrevistados mediante amostra aleatória por conveniência, ou seja, por meio de indicações solicitadas à coordenação do próprio NAPNE. Sendo assim, as indicações foram por entrevistar um servidor diretamente atuante no NAPNE e um estudante do IFRS, Campus Bento Gonçalves, ex-membro do referido Núcleo. O roteiro de questões contemplou um conjunto de seis perguntas, aplicadas às pessoas com deficiência atendidas pelo NAPNE, conforme indicação. Tendo em vista o caráter qualitativo, após a indicação, elegeram-se dois representantes que são essenciais para o funcionamento do Núcleo e que também colaboram com a Associação de Deficientes Físicos de Bento Gonçalves. Foi essencial a escolha dessas pessoas para representar o trabalho de pesquisa, tendo em vista seu entendimento na área de acessibilidade e suas percepções. Tendo a amostra definida, partimos para a elaboração das questões para comporem o roteiro semiestruturado de entre-

vista. As questões definidas foram as seguintes:

1 - Você consegue se locomover de uma forma favorável na cidade de Bento Gonçalves? Quais são suas maiores dificuldades?

2 - Você crê que a cidade poderia ser mais inclusiva na questão da mobilidade urbana?

3 - Como é sua locomoção em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul?

4 - De qual maneira você percebe as políticas de acessibilidade em Bento Gonçalves?

5 - A prefeitura promove diálogo com as associações de pessoas com pessoas com deficiência para promover uma maior mobilidade urbana?

6 - Em sua opinião, como você percebe as políticas públicas de acessibilidade na cidade de Bento Gonçalves?

Entrevista com representante da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves: realizada com a finalidade compreender qual é o desempenho das políticas públicas no atendimento à população. Foi agendada entrevista com o responsável pela secretaria (2022), o qual tomou posse do cargo neste ano, e também, com o especialista em acessibilidade na área da Segurança do Trabalho, na qual participou do diálogo.

O recurso metodológico de levantamento e análise qualitativa a partir da entrevista tem valor significativo à pesquisa por revelar a postura da atual gestão na questão da mobilidade e acessibilidade. Também poderá contribuir com o próprio poder público e com as atividades da pessoa entrevistada, uma vez que traz apontamentos sobre a eficácia e efetividade⁵ das políticas de mobilidade e como as pessoas com defi-

⁵ Entende-se por eficácia a segurança de um bom resultado, atingir o objetivo alcançado por meio de um processo de execução. Já a efetividade é uma tarefa executada com competência e qualidade. Está interligada à produtividade (OXFORD, 2021).

ciência se sentem em relação ao diálogo com a Prefeitura sobre acessibilidade e de qual maneira avaliam a acessibilidade da cidade de Bento Gonçalves/RS.

A entrevista aconteceu com o representante da Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves, O roteiro de questões contemplou um conjunto de quatro perguntas, aplicadas ao representante mencionado:

1 - De que forma se dá a acessibilidade para pessoas com deficiência no município de Bento Gonçalves?

2 - Como essas pessoas são incluídas nos projetos de mobilidade na cidade de Bento Gonçalves? De qual maneira elas são pensadas no projeto?

3 - Qual é a principal função da mobilidade urbana de Bento Gonçalves? Em sua opinião a cidade precisa melhorar na inclusão de diferentes tipos de pessoas na questão da mobilidade?

4 - Como você percebe as políticas de acessibilidades para pessoas com deficiência na cidade?

O modelo de entrevista seguiu o formato semiestruturado, isto é, uma lista de informações ou questões que se deseja obter, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões foram feitas variaram de acordo com as características de cada entrevistado (MOREIRA, 2007).

ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM BENTO GONÇALVES: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES

O NAPNE é o setor que tem o objetivo de incentivar, mediar e facilitar a inclusão social e educacional de PCDs, além de auxiliar no aprendizado por meio de tecnologias, adaptações pedagógicas e curriculares no ambiente educacional. O Núcleo é vinculado à Diretoria de Ensino do Campus Bento Gonçalves e busca implantar estratégias de

inclusão para o mundo de trabalho para seus estudantes.

As ações desenvolvidas pelo Núcleo são diversas, prezando pela inclusão nas mais diversas áreas e por uma assistência aos discentes, atendimento em contraturno, realização de materiais pedagógicos adaptados e práticas de cursos para a comunidade externa, por exemplo, o uso de informática para deficientes visuais a fim de todo o município se beneficiar da atividade do campus.

Na entrevista com o aluno associado ao NAPNE, foi constatado que a acessibilidade da cidade mudou ao longo do tempo, principalmente por causa da tecnologia; as pessoas com deficiência conseguem se locomover de uma forma muito mais favorável, graças ao suporte de tecnologias automobilísticas, como elevadores para cadeirantes. A maior dificuldade é a dependência desses veículos; apesar de serem de fácil acesso, é de grande importância haver a possibilidade de se locomover de um modo mais autônomo e sem a imposição de precisar sempre se submeter ao único meio de transporte ofertado. Ademais, tal situação coloca em obrigação aos usuários de se adequarem aos horários e roteiros pré-estabelecidos, não raro, longos e envolvendo um maior tempo de deslocamento. Para percursos curtos, inclusive, a acessibilidade adequada permitiria trajetos andando em cadeiras de rodas manuais ou motorizadas. Em uma citação de um dos nossos entrevistados, foi relatado: “Há alguns anos atrás tinha muita dificuldade de andar de cadeiras de rodas pela cidade, caí diversas vezes pela calçada não ser acessível, hoje isso não ocorre mais com o surgimento dos ônibus adaptados”.

Em uma segunda pergunta foi respondido que a cidade anda melhorando sua acessibilidade em passos lentos, mas comparando com alguns anos atrás,

foram feitas diversas áreas adaptadas, principalmente na área central da cidade, onde as calçadas e as construções foram adaptadas para pessoas com deficiência. Apesar disso, ainda se acredita que a cidade pode melhorar em sua mobilidade com projetos que incluam as associações e a comunidade de PCD's.

Nos casos avaliados, foi reconhecido que a forma de locomoção da cidade, na maior parte das vezes, é realizada por meio de ônibus ou carros. Analisa-se que é uma forma eficiente e eficaz para as pessoas com deficiência, porque de uma forma geral os veículos são adaptados e priorizam a preferência do uso para PCD's. Relatou-se que as políticas de acessibilidade estão ganhando voz ao longo do tempo, mas poderia haver mais diálogo com o público de deficientes e as associações. Em uma fala, um dos entrevistados manifestou que: "As associações cada vez mais perdem seu valor político, atualmente há poucos benefícios de haver uma associação pública, é muita burocracia e muito dinheiro investido, algo que dificilmente será recompensado economicamente". Outro entrevistado também destacou: "A prefeitura poderia propor mais conversas com as associações, apesar de ter apoio financeiro em algumas situações como o financiamento de vans e ônibus acessíveis ao público, poderia ter atividades que incluam a comunidade e diálogos alternativos".

Dado esse contexto sobre visões dos usuários do NAPNE acerca de políticas mais inclusivas, pode-se interpretar que ao longo do tempo, de forma gradativa, a acessibilidade vai se aprimorando no município e tendo mais lugar em diversas áreas, mas ainda é perceptível que deficientes têm pouco espaço de diálogo com a Prefeitura, mesmo que as associações sejam incluídas nos projetos de acessibilidade. Ao longo de seus relatos, entendemos que deveria haver mais conversa com os próprios deficientes do muni-

cípio, já que as associações gradativamente vão perdendo seu valor político, apesar de sua eficiência.

RELAÇÃO DO PODER PÚBLICO COM A ACESSIBILIDADE PARA PCD'S: RELATOS E VISÕES

Todas as secretarias municipais pautam suas ações no que preconiza a Secretaria Nacional de Mobilidade e Desenvolvimento Regional e Urbano, criada como fusão das antigas secretarias, a Secretaria Nacional de Desenvolvimento Regional e Urbano e a Secretaria Nacional de Mobilidade e Serviços Urbanos. Quanto à temática da Mobilidade Urbana, o Departamento de Projetos de Mobilidade e Serviços Urbanos tem a missão de fomentar a implantação da Política Nacional de Mobilidade Urbana com a finalidade de proporcionar acesso universal à cidade, de forma segura, socialmente inclusiva e sustentável (BRASIL, 2020).

Nesse contexto, pela temática da pesquisa que origina esse artigo, analisamos documentos da Secretaria Municipal com informações da Secretaria Nacional, como diretrizes e ações. Além disso, fizemos entrevista com um representante da Secretaria Geral de Mobilidade Urbana, um dos principais cargos desta área, com a finalidade de entender como é feito o diálogo entre a Prefeitura e as pessoas com deficiência e, principalmente, entender como são avaliadas as políticas públicas por esses gestores.

A investigação dos documentos do Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves (BENTO GONÇALVES, 2015) resultou na observação de que a Prefeitura possui três objetivos para a mobilidade da cidade. São eles: desenvolvimento urbano, sustentabilidade ambiental e inclusão social. O objetivo geral do referido Plano se refere a fortalecer a sustentabilidade na mobilidade e trazer outros conceitos para a melhor

circulação de veículos e de pessoas com a finalidade de uma melhor organização nos níveis modais, ou seja, uma distribuição mais organizada de pedestres e de automóveis. Podemos analisar que o poder público, na introdução do Plano de Acessibilidade, acaba abordando de forma muito superficial a questão da acessibilidade para as pessoas com deficiência, uma vez que seu texto, de forma clara, visa mais a detalhar sobre o desenvolvimento urbano e o seu modo de organização do que a apresentar mecanismos efetivos necessários à acessibilidade na cidade.

Foi relatado durante a entrevista que todas as obras que o município realiza têm a preocupação com a acessibilidade para pessoas com deficiência, exercendo a obrigação pela lei de que todas as obras públicas tenham normas de acessibilidade para o público, tanto privado quanto público. Foi enfatizado pelo entrevistado que a demanda leva tempo, e os órgãos públicos que trabalham com a acessibilidade do município estão trabalhando com o Conselho para ter uma melhor visibilidade dessas obras. Como citado pelo entrevistado, destaca-se: “Entende-se que a demanda tem suma importância, pois sabemos da dificuldade que essas pessoas têm para se locomoverem dentro da cidade, tentamos deixá-la o mais acessível possível, apesar de nossa geografia não ser tão favorável”.

A Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves conta com um Conselho de Mobilidade, o qual tem o princípio de ajudar a acessibilidade urbana da cidade. Segundo o entrevistado, o Conselho é formado por vinte cadeiras, oito cadeiras são formadas por entidades que ouvem seus usuários que enfrentam essas dificuldades, trazem as dificuldades para o Conselho a fim de superar essas demandas e promover debates dessa questão de política pública. As associações que fazem parte são a ADEF, As-

sociação de Deficientes Visuais (ADVBG), Associação de surdos de Bento Gonçalves (ASBG), Associação Anjos Unidos que promove lazer e atividades educativas. Associação de pais e amigos dos Excepcionais (APAE) que atende com assistência social, Associação Pró Autistas Conquistar (APAC) que ajuda as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, Associação de Apoio às Pessoas com Câncer (AAPECAN) que ampara pessoas com deficiência de uma forma geral e pessoas com Câncer. Em uma importante fala do representante da Secretaria Geral de Mobilidade Urbana, pode-se identificar que há uma contínua busca por qualificar as ações públicas frente à mobilidade e a acessibilidade das pessoas com deficiência, principalmente por abrir espaço de diálogo e de escuta. Conforme suas palavras: “Nossa cidade é uma cidade antiga, estamos tentando regularizar com essas associações. As pessoas têm o apoio da Prefeitura para contarem suas dificuldades e na medida do possível, vamos adequando”.

Em referência a uma terceira pergunta, foi constatado que é importante considerar que não adianta a Prefeitura cobrar uma certa acessibilidade das obras privadas, o principal objetivo do município é tornar a cidade mais acessível para o convívio de todos, é um processo gradativo.

Escolhemos o Centro para melhorar a acessibilidade por ser um espaço de grande circulação, tanto de veículos que se deslocam por lá quanto por ser o local de trabalho de muitas pessoas. Estamos trabalhando na possibilidade de ter um censo demográfico que localize onde reside a maior parte das pessoas, as políticas exi-

gem locais onde há maior circulação de público. Devemos dar os mesmos direitos a todos.

Perguntamos para o Secretário Geral de Mobilidade Urbana se a cidade precisaria melhorar nas formas de inclusão de pessoas com deficiência na área de Mobilidade Urbana, dessa forma foi declarado que: “Sempre temos que melhorar, somos uma referência turística no Brasil, mas precisamos melhorar. Precisamos incluir as pessoas e melhorar as calçadas em lugares menos populosos”.

A análise das falas e dos documentos permite concluir que a visão do representante desta pasta aponta que vem sendo intensificada a melhoria da acessibilidade em regiões centrais, onde há mais movimentação e mais comércio, muito influenciado por causa do turismo da região. Observa-se que as políticas públicas do município não realizaram um censo demográfico em suas obras, isto é, ainda não se dedicaram às regiões mais populosas, e sim as zonas comerciais. Apesar de a cidade da Serra Gaúcha não ter efetuado essa pesquisa de distribuição, observa-se que a Secretaria de Gestão e Mobilidade Urbana demonstra interesse em aplicá-lo.

Em um segundo momento, percebe-se um diálogo entre as associações, que se juntam com os demais representantes do Conselho e debatem sobre a mobilidade urbana do município. Das vinte cadeiras do Conselho, oito são de associações de deficientes. Inferre-se que, apesar de suma importância no ambiente político, poderia haver mais diálogo entre as pessoas com deficiência, já que foi declarado que as associações gradativamente vão perdendo seu status político e exercem pouca representatividade de pessoas. Entende-se que, assim mesmo, os entrevistados relataram que gostariam de mais diálogo entre a Prefeitura

e os órgãos públicos para modificar aspectos da mobilidade urbana da cidade, em específico, da acessibilidade para PCD's, mesmo tendo a representatividade no Conselho.

Por fim, observa-se que a cidade cresceu muito em questão de expansão territorial, visto que, foi relatado na entrevista com o representante geral da secretaria que a cidade de Bento Gonçalves expandiu muito em regiões que antes eram inabitáveis e as políticas de acessibilidade melhoraram gradativamente. A tecnologia foi melhorando e foram disponibilizados veículos acessíveis para deficientes nas associações, fato que avançou o acesso dessas pessoas a determinados locais e demonstrou preocupação por parte da Prefeitura.

A lei de acessibilidade, Lei federal número 10.098, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, entrou em vigor em 19 de dezembro de 2000. Contudo, segundo um levantamento do IBGE (G1, 2018), no Rio Grande do Sul, 203 cidades têm transporte coletivo, mas apenas 15 oferecem frotas de ônibus totalmente adaptadas. É considerado transporte acessível os ônibus com elevadores ou rampas, sinalização para cegos, surdos e funcionários capacitados para atender esse público e os mecanismos do modal de transporte. Analisa-se que mesmo sendo obrigatória a lei de acessibilidade, nem todos os municípios atendem a tal normativa e que a fabricação de ônibus acessíveis atualmente, não é exigida pela fiscalização dos municípios. Infere-se que essa situação está atrelada aos altos custos desses transportes adaptados. Cabe destacar que em Bento Gonçalves, o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência – COMUDEF, criado pela Lei Municipal Nº 6.535, de 04 de setembro de 2019, vem

acompanhando e fiscalizando a efetiva implantação e implementação da política municipal dos direitos da pessoa com deficiência e, também, atuando fortemente na participação em outros conselhos para garantir esses direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados, a partir das entrevistas, constatamos que houve a criação de políticas de acessibilidade ao longo do tempo, embora faltem diversos elementos para a cidade tornar-se mais inclusiva e mais acessível. Nas entrevistas com os integrantes do NAPNE, observamos que há pouco diálogo com a Prefeitura e, gradativamente, as associações vão perdendo o seu destaque pela falta de políticas públicas na cidade. A pesquisa tem grande importância, pois permite evidenciar os problemas enfrentados por pessoas com deficiência. O trabalho pode ajudar a encontrar soluções aos problemas em relação à acessibilidade, ao mesmo tempo promovendo mais diálogo entre a população e as políticas públicas.

Alguns entrevistados relataram que a tecnologia avançou, possibilitando a circulação de determinados veículos de locomoção mais inclusivos, como os ônibus, muitos deles doados para as associações de Deficientes Físicos de Bento Gonçalves – RS. Esses veículos automobilísticos foram adaptados para pessoas cadeirantes e deficientes visuais, principalmente. No entanto, mesmo com essa acessibilidade, há uma dependência desses veículos, mostrando que a cidade poderia dialogar mais com associações e a população.

Os entrevistados do NAPNE constataram que as associações estão cada vez mais perdendo seu valor e efetividade perante o poder público. Analisa-se que um dos fatores dessa desvalorização é que, para formar uma associação, é preciso uma burocracia demasiada e muito investimento econômico, o que é

dificultado pelo caráter das associações, sendo considerado pelos membros que esse investimento não irá ser compensado futuramente, já que é algo de interesse público. Dessa forma, a Prefeitura de Bento Gonçalves poderia promover mais apoio a essas associações, inclusive auxiliando em sua formalização, para que haja mais respaldo nas ações e diálogo entre o público local, turístico e o próprio poder público.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Danilo. Políticas Públicas: o que são, para que servem? Politize [s.d.]. Disponível em: https://www.politize.com.br/politicas-publicas/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwtcCVBhA0EiwAT1fY75xMQ3Y5CYpuk-t4vIB4DsdtxRpzX80-spppzGvSpB9D2RbZMj3TJ-ghoCXYcQAvD_BwE. Acesso em 20 jun. 2022.

BENTO turismo. Retomada do setor: Bento Gonçalves recebe quase 1,5 milhões de turistas em 2021. Bento Turismo, 2022. Disponível em: <https://bento.tur.br/2022/02/retomada-do-setor-bento-goncalves-recebe-quase-15-milhao-de-turistas-em-2021/>. Acesso em 01 de jun. 2022.

GARIBALDI. Acessibilidade. Disponível em: <https://www.garibaldi.rs.gov.br/pagina/acessibilidade>. Acesso em 26 jul. 2022.

KRIEGER, Suelen. Bento tem mais mulheres acima dos 60 anos do que zero a quatorze anos. Jornal Semanário, 2019. Disponível em: <https://jornalsemanario.com.br/bento-tem-mais-mulheres-acima-dos-60-anos-do-que-meninas-de-0-a-14-anos/>. Acesso em 01 jun. 2022.

OXFORD, Dicionário. Disponível em: [Oxford Advanced Learner's Dictionary at Oxford Learner's Dictionaries | Find meanings and definitions of words \(oxfordlearnersdictionaries.com\)](https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/) Acesso em 05 dez 2022.

PIMENTEL, Susana Couto e PIMENTEL, Mariana Couto. Acessibilidade para inclusão da pessoa com deficiência: sobre o que estamos falando? Rev. FAEEBA, Salvador, v.26, n.50, p.91-103, set./dez. 2017. Disponível –em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/download/4265/2662/#:~:text=Entende%20Dse%20que%20assegurar%20condi%C3%A7%C3%B5es,de%20uso%20dos%20equipamentos%20e>. Acesso em 15 maio 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES – PMBG. PLANMOB – Caderno Prévio: Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Bento Gonçalves. Plural Consultoria de Planejamento, 2015. Disponível em <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:rio.grande.sul;bento.goncalves:municipal:lei:2015-10-29;5996>. Acesso em 16 jun. 2022.

SOMENTE 15 cidades do RS têm transporte coletivo adaptado para acessibilidade, diz IBGE. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/somente-15-cidades-do-rs-tem-transporte-coletivo-adaptado-para-acessibilidade-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 02 dez. 2022.

SONZA, Andréa Poletto et al. (org.). Acessibilidade e tecnologia assistiva: pensando a inclusão sociodigital de PNEs. Série Novos Autores da Educação Profissional e Tecnológica. IFRS: campus Bento Gonçalves, 2013. Disponível em: <https://cta.ifrs.edu.br/livro-acessibilidade-e-tecnologia-assistiva-pensando-a-inclusao-sociodigital-de-pessoas-com-necessidades-especiais/> Acesso em 21 out 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - Acessibilidade na UFC. S/D. Disponível em <https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade>. Acesso em 11 jul. 2022.

EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE BENTO GONÇALVES

SARA BASSO ROMAN

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a aprendizagem dos estudantes do ensino médio, delimitando-se a investigar os efeitos da pandemia de Covid-19 na aprendizagem do corpo discente de escolas públicas de Bento Gonçalves. No período entre 2020 e 2021, escolas de todo o país permaneceram fechadas, por conta da disseminação de Covid-19, em função disso, se adotou o ensino remoto através de plataformas digitais. A pandemia aumentou o índice de evasão escolar em (171%) quando comparado com 2019. Como objetivo geral espera-se compreender o impacto da pandemia de Covid-19 na aprendizagem dos estudantes do ensino médio no município de Bento Gonçalves. Os objetivos específicos são pesquisar se a pandemia influenciou negativamente a vida acadêmica em todas as áreas do conhecimento e compreender como os estudantes estão administrando os problemas deixados pela pandemia durante o ensino presencial, além de identificá-los. A pesquisa é de caráter quali-quantitativo e sua metodologia baseia-se através de questionário e entrevistas semiestruturadas, as quais ainda estão sendo executadas. Realizou-se revisão de literatura para melhor compreensão do tema e dos conceitos envolvidos. Depois, formulou-se e aplicou-se um questionário anônimo para todas as escolas públicas de Bento Gonçalves. Ele foi enviado por e-mail às escolas públicas de Bento Gonçalves. Obtiveram-se 106 respostas, sendo 52,8% do 1º ano e

26,4% e 20,8% do 2º e do 3º anos do ensino médio, respectivamente. 67,9% dos estudantes dizem preferir as atividades presenciais. Cerca de $\frac{1}{3}$ dos estudantes informou que possuía acesso à internet em casa durante o ensino remoto, mas não dispunha de computador para realizar os estudos. Além disso, 85,8% dos respondentes afirmam que sua aprendizagem mudou para melhor com a volta às aulas, já 59,4% percebem uma alteração pedagógica em decorrência do período pandêmico, que o uso de tecnologias digitais está sendo muito frequente nas aulas presenciais. Ademais, o corpo discente relatou dificuldades em áreas específicas do conhecimento, principalmente, na disciplina de Matemática (50,5%). Por fim, diante dos resultados obtidos até o momento, conclui-se que a pandemia afetou significativamente o aprendizado dos jovens estudantes do ensino médio das escolas públicas de Bento Gonçalves.

Palavras-chave: aprendizagem; Covid-19; período pandêmico; Bento Gonçalves.

INTRODUÇÃO

O novo coronavírus, conhecido como Covid-19, foi identificado no Brasil em fevereiro de 2020 e se disseminou rapidamente pelo resto do país. Desde então, em 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia e isolamento social. Com isso, as escolas de todo o país tiveram de fechar e parar com o ensino totalmente presencial. Consequentemente, todas as instituições optaram por aulas remotas, mediadas por meio de plataformas digitais. Esta foi uma solução encontrada para que os alunos não se desligassem totalmente da aprendizagem durante a eclosão social. O elevado número de tempo com aulas remotas sem a participação 100% dos alunos resultou em uma alta no índice de perda

de aprendizagem segundo estudos realizados acerca deste assunto, como o artigo “Permanência escolar na pandemia” e o estudo “Perda de aprendizagem na pandemia” publicado pelo Instituto Unibanco.

A partir da adoção do ensino remoto, a aprendizagem teve uma significativa mudança. Isso aconteceu, pois antes da pandemia os estudantes tinham um contato direto com os professores e colegas, facilitando os estudos, já no ensino remoto essa realidade não é observada, dado que as aulas passaram a ser por meio de uma tela de computador e celular, de modo que as dificuldades aumentaram cada vez mais. Sendo assim, os estudantes passaram de um extremo a outro muito rápido e, toda mudança que ocorre drasticamente resulta em inúmeros efeitos e isso não foi diferente na aprendizagem. Os anos iniciais ainda possuem muito tempo para recuperar a aprendizagem, mas e quanto ao ensino médio? É necessário que este assunto se torne cada vez mais corriqueiro para encontrar solução e, assim, sanar os efeitos da pandemia no ensino destes estudantes.

A preocupação com a aprendizagem tem cada vez mais relevância na vida cotidiana, uma vez que, ela mudou drasticamente com o ensino remoto e o período pandêmico. Tal fato pode prejudicar ainda mais o desempenho do estudante na própria instituição de ensino e, também, em vestibulares que o discente fará, a fim de entrar em uma faculdade boa e que não precisa investir economicamente, caso o aluno não possua condições financeiras o suficiente para pagar uma faculdade de qualidade. Logo, reforça-se a necessidade de ainda mais atenção para a aprendizagem, principalmente, no retorno às aulas presenciais.

Diante do exposto, a presente pesquisa pretende responder o seguinte questionamento: qual foi o impacto da pandemia de Covid-19 na aprendizagem dos estudantes de Ensino Médio no Rio Grande do Sul,

em especial no município de Bento Gonçalves? Com o objetivo geral de compreender o impacto da pandemia de Covid-19 na aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio de escolas públicas no município de Bento Gonçalves. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos alguns objetivos específicos, sendo eles: identificar e descrever os índices de aprendizagem do ensino médio no Rio Grande do Sul antes e depois da eclosão social; pesquisar se a pandemia influenciou negativamente a vida acadêmica em todas as áreas do conhecimento; compreender como os estudantes estão lidando com os efeitos deixados pela pandemia durante o isolamento social.

Por fim, este artigo está organizado em quatro partes. Após essa introdução, apresentaremos de forma mais detalhada a metodologia. Em seguida, a análise dos dados obtidos e, por último, as considerações finais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui um caráter exploratório voltado ao método quali-quantitativo. O estudo pretende trabalhar com estatísticas de indicadores de aprendizagem ao mesmo tempo em que coleta dados qualitativos. Por meio dos dados coletados e da revisão bibliográfica foi interpretada a realidade, a fim de alcançar os objetivos definidos na pesquisa.

Primeiramente, foi realizada uma revisão de literatura e análise de documentos para melhor compreensão do tema e dos conceitos envolvidos. Depois, formulou-se e aplicou-se um questionário online, por meio da plataforma *Google Forms*, para todas as escolas públicas de Bento Gonçalves, sendo elas: IFRS – Campus Bento Gonçalves, Colégio Estadual Dona Isabel, Colégio Estadual Landell de Moura, Instituto Estadual de Educação Cecília Meireles, Colégio Estadual Visconde de Bom Retiro e Escola Estadual Mestre Santa Barbara. Tal questionário foi enviado por

e-mail às escolas públicas de Bento Gonçalves, ficando a cargo da diretoria das instituições escolares o repasse dele aos alunos, de modo que são imprecisas as informações para determinar o número exato de estudantes que receberam o questionário. Ele possuía vinte e quatro questões sendo elas, dezoito objetivas e seis dissertativas para que o respondente pudesse expor sua opinião caso se sentisse confortável.

Ademais, utilizou-se entrevistas semiestruturadas, sem a identificação do entrevistado, com o número de estudantes de escolas estaduais que se voluntariaram para tal entrevista. Os voluntariados foram selecionados por meio das duas últimas questões do questionário, sendo a penúltima para selecionar os estudantes que gostariam de participar e a última um espaço aberto para os voluntariados deixarem algum meio de contato, a fim de organizar melhor a entrevista. Se for utilizado alguma fala dos entrevistados, será empregado um nome fictício e uma idade fictícia, visando manter o anonimato do participante. Além disso, o roteiro das perguntas, juntamente com o projeto, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). As entrevistas ainda estão em andamento.

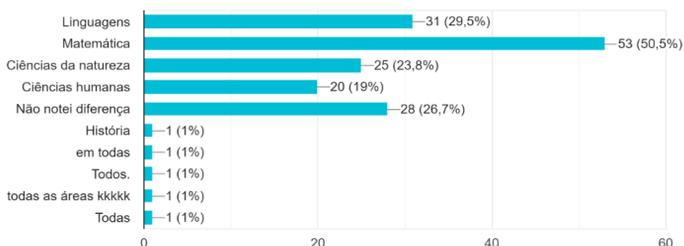
RESULTADOS

O questionário obteve 106 respostas, sendo 52,8% do 1º ano, 26,4% do 2º ano e 20,8% do 3º ano. Aproximadamente 79,2% dos respondentes notaram diferença na sua aprendizagem em função do período pandêmico, relatando dificuldades que antes não possuíam. Este dado fica evidente em uma das questões do questionário, na qual os estudantes relataram dificuldades em áreas específicas do conhecimento, especialmente, na disciplina de matemática com 50,5%, seguido de linguagens (29,5%). Alguns estudantes ainda relatam sentir dificuldades em todas as áreas do conhecimento, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1: número de estudantes com dificuldade em áreas específicas

Você notou alguma diferença na sua aprendizagem em função do período remoto que seja específica de alguma área do conhecimento?

105 respostas



Fonte: dados coletados pela autora

Além da mudança na aprendizagem, os estudantes relatam que eles percebem uma mudança na metodologia dos professores, citando que o uso de tecnologias digitais está sendo muito mais presente mesmo estando 100% presencial, quando comparado com as aulas presenciais antes do período pandêmico e da eclosão social. Os respondentes também relatam que a explicação do docente se tornou mais ampla, ocasionando na falta de explicações complexas acerca do assunto estudado, e mais lenta, então eles demoram ainda mais para avançar o conteúdo. Além do citado, os professores, na maioria das aulas, mesclam atividades físicas com atividades online, permitindo, assim, o uso do celular em sala de aula para a aprendizagem, fato que, antes da pandemia não era observado. Por outro lado, os jovens afirmam perceber mais flexibilidade, por parte dos educadores, perante as provas e datas de trabalhos, tentando entender as dificuldades dos discentes e, assim, retomarem os conteúdos que havia dúvidas.

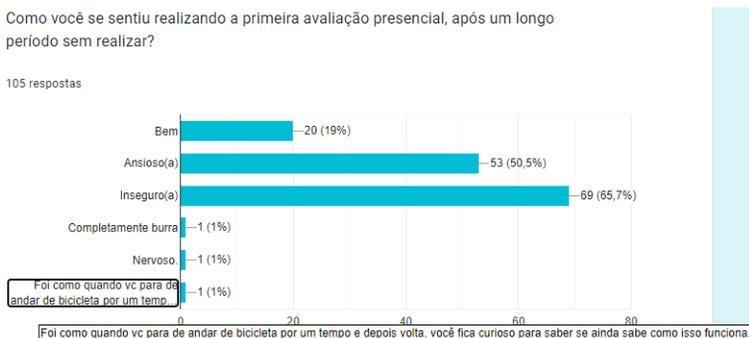
Outrossim, os estudantes que irão prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e/ou vestibular

lares, para poder entrar em uma faculdade de boa qualidade, percebem que a pandemia e as aulas remotas prejudicaram a sua preparação para estas provas, uma vez que eles afirmam que as aulas mediadas por meio de plataformas digitais e o período pandêmico atrasaram o ensino. Os respondentes também afirmam que não conseguiram aprender muitos dos conteúdos que esses exames cobram, haja vista que estavam em eclosão social sem o contato direto com professores. Eles explicam que vários assuntos necessários para o ENEM não foram passados durante o isolamento social ou não foram aprendidos corretamente fazendo com que os estudantes tenham que aprender esses conteúdos sozinhos, utilizando aulas no *YouTube* e, recorrendo a cursinhos preparatórios para os vestibulares.

Ademais, em uma das perguntas do questionário os estudantes expõem os seus sentimentos referentes a experiência de realizar, pela primeira vez depois de um tempo, uma avaliação de conhecimento presencial. A pergunta possuía três opções de respostas, sendo possível escolher mais de uma e, se o estudante se sentisse confortável poderia expor sua opinião. Metade (50,5%) dos estudantes relatam se sentirem ansiosos e mais da metade (65,7%) se sentem inseguros para a realização das avaliações presenciais. Além disso, um estudante fez uma analogia à bicicleta para explicar este sentimento. Esta opinião dele também pode ser aplicada para entender como os discentes se sentiram com o retorno presencial. A opinião foi: “Foi como quando você para de andar de bicicleta por um tempo e depois volta, você fica curioso em saber se ainda sabe como isso funciona” (respondente 97). Essa analogia explica como os estudantes se sentiram realizando a primeira avaliação presencial e retornando ao ensino totalmente presencial, uma vez que os discentes “pararam” de estudar presencialmen-

te e depois de um tempo voltaram, então, segundo a analogia, eles se sentem curiosos para saber se ainda sabem a sensação de voltar às aulas presenciais e realizar as avaliações de conhecimento aplicadas pelos professores. Conforme mostra o gráfico 2.

Gráfico 2: como os estudantes se sentiram realizando a primeira avaliação presencial



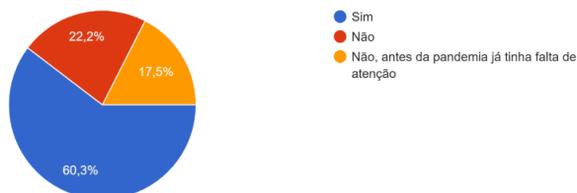
Fonte: dados próprios

Além disso, cerca de 60,4% dos respondentes afirmam que às vezes conseguem prestar atenção nas aulas e na explicação do docente e 8,5% afirmam que não está conseguindo prestar atenção. Quando foi perguntado aos respondentes se eles acreditavam que esta falta de atenção foi causada pelo isolamento social e pelas aulas remotas, mais da metade (60,3%) afirma que a pandemia e a eclosão social os prejudicaram, passando a dispersar facilmente nas aulas e perderam a explicação do conteúdo, os prejudicando no desempenho acadêmico, uma vez que passaram a prestar menos atenção na explicação do professor e começaram a dispersar com mais facilidade durante as aulas. Conforme mostra o gráfico 3.

Gráfico 3: Isolamento como motivador da falta de atenção.

Caso tenha respondido "não" na questão anterior. Você acredita que esta falta de atenção foi causada pelo isolamento social e pelas aulas remotas, mediadas por tecnologias?

63 respostas

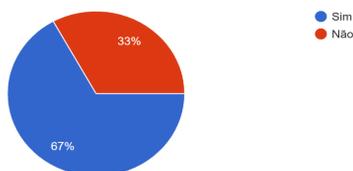


Fonte: Dados próprios

Para finalizar, trago um dado coletado em duas perguntas do questionário sobre a saúde mental dos participantes. Nesse sentido, por mais que o foco do meu trabalho seja a aprendizagem, considero relevante citar este resultado, uma vez que se trata da saúde dos estudantes e, está relacionado diretamente com o desempenho acadêmico dos discentes. Um total de 67% dos respondentes afirma que a pandemia impactou na saúde mental, a partir do desenvolvimento de sintomas de ansiedade, depressão, insegurança, dificuldades na socialização com os colegas e na exposição da própria opinião. De forma análoga, os estudantes afirmam sentir medo de não conseguir atingir os objetivos e apresentam dificuldades para enfrentar alguns problemas encontrados. Conforme o gráfico 4.

Você percebeu algum impacto da pandemia na sua saúde mental?

106 respostas



Fonte: dados coletados pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e com os dados analisados, pode-se concluir que a pandemia e o isolamento social afetaram significativamente a aprendizagem dos adolescentes do ensino médio de escolas públicas de Bento Gonçalves, uma vez que eles enfrentaram e continuam enfrentando dificuldades que antes não possuíam. Para além disso, nota-se que, apesar das melhoras na aprendizagem dos estudantes com o retorno presencial, eles ainda apresentam problemas de natureza pedagógica e psicológica na sua rotina escolar, pois buscam constantemente meios de sanar as dificuldades encontradas no retorno. Portanto, reforça-se a importância de medidas que ajudem os discentes a sanarem os efeitos da pandemia na sua própria vida e no seu desempenho acadêmico, fazendo-se necessário que este assunto se torne ainda mais discutido na sociedade para, assim, fazer com que os estudantes tenham uma melhora na sua rotina escolar.

Ademais, é de suma importância ressaltar os problemas psicológicos que a pandemia e o isolamento social deixaram na vida dos jovens estudantes, prejudicando-os tanto na escola quanto na própria saúde mental. De modo a fazer com que eles dispersem na sala de aula e, até pensem em desistir da vida acadêmica, podendo aumentar o número de evasão escolar, caso isso aconteça.

Com isso, o objetivo geral da pesquisa foi alcançado e os seguintes objetivos específicos também: pesquisar se a pandemia influenciou negativamente a vida acadêmica em todas as áreas do conhecimento e compreender como os estudantes estão lidando com os efeitos deixados pela pandemia durante o isolamento social.

A pesquisa não conseguiu concluir as entrevistas tendo em vista que os entrevistados ou não respondiam ou desistiram delas. Além disso, pretendemos

continuar esta pesquisa aplicando o mesmo questionário para as escolas particulares de ensino médio de Bento Gonçalves e, após isso fazer a análise e a comparação entre os dados coletados do questionário aplicado às escolas públicas e particulares, a fim de analisar em qual delas houve maior impacto da pandemia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo; MACHADO, Laura Muller; FRANCO, Samuel; ZANON, Delane; ROCHA, Graziely. Perda de aprendizagem na pandemia, 2021. Acesso em 27/05/2022: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/89499b7c-6c99-4333-937d-1d94870d3181>.

CTE-IRB/IEDE. Permanência escolar na pandemia, 2021. Acesso em 20/05/2022: <https://irbcontas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/permanencia-escolar-na-pandemia.pdf>;

FERNANDES, Carolina; VÁZQUEZ, Larissa Agune; BIZZOTTO, Patrícia; PIMENTA, Rodrigo Silva; BORGES, Tomás Paixão. Recuperação da aprendizagem no Ensino Médio – Mitigando os efeitos da pandemia de COVID-19, 2021. Acesso em 26/05/2022: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/bitstream/handle/10438/31799/Projeto%20Final%20-%20Grupo%2009%20%28Pol%c3%adticas%20Educativas%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

GRISA, Gregório. A educação durante o distanciamento social e depois dele. JORNAL ESTADO DA ARTE, São Paulo, 15 abr. 2020;

PEREIRA, MD et al. Pandemia de COVID-19, isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 05 jun. 2020;

**A INFLUÊNCIA DAS ÁREAS VERDES DO
INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE
DO SUL – CAMPUS BENTO GONÇALVES NO
COTIDIANO DOS ESTUDANTES**

ÉRIKA MASSOLA MIEZNIKOWSKI
SOENI BELLÉ
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN

RESUMO

O presente estudo procura avaliar a percepção que os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFRS- Campus Bento Gonçalves têm em relação às áreas verdes do campus e estudar em que medida estes espaços influenciam no bem-estar dos estudantes. O estudo parte da hipótese de que o contato com a natureza do campus possa permitir que o estudante crie boas memórias, propiciando um ambiente favorável aos estudos e trazendo uma sensação de pertencimento com o Campus Bento do IFRS. Desta forma, os objetivos do estudo foram: avaliar o efeito das áreas verdes do campus sobre o cotidiano, nível de estresse, bem-estar e aprendizado dos estudantes; identificar as áreas verdes mais frequentadas pelos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio; obter sugestões de intervenções que possam melhorar a qualidade dos espaços verdes do Campus. A metodologia utilizada partiu de uma revisão bibliográfica sobre estudos existentes na área, seguida da elaboração e aplicação de um questionário via formulário eletrônico com os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFRS - Campus Bento Gonçalves. Os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário demonstraram que 97,6% dos estudantes que interagem com

as áreas verdes do Campus acreditam que esses espaços ajudem a melhorar o bem-estar no cotidiano e se sentem mais relaxados, possibilitando um melhor aprendizado.

Palavras-chave: Áreas verdes; Ensino médio integrado; Bem-estar;

INTRODUÇÃO

O Brasil está cada vez mais urbanizado, com cerca de 85% da população vivendo nas cidades (IBGE, 2015). Isso faz com que as áreas verdes sejam cada vez mais importantes, e o paisagismo assume funções ecológicas, sociais e econômicas, trazendo benefícios para o ambiente e para a sociedade. De acordo Cardim (2022), o paisagismo sustentável surge como uma importante ferramenta de educação, saúde pública e reconexão com a natureza, além de contribuir para a resiliência em relação às mudanças climáticas. A possibilidade de usufruir de áreas verdes é fundamental para a qualidade de vida das pessoas que habitam nos centros urbanos, que cada vez mais têm seus espaços naturais substituídos por áreas construídas bastante adensadas e muitas vezes sem um planejamento urbano adequado.

A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para que o ser humano tenha qualidade ambiental é de que cada habitante disponha de no mínimo 12 m² de área verde, sendo que o ideal seria que fossem 36m², o que corresponde a cerca de três árvores por morador. Em ambientes escolares, a presença de áreas verdes é ainda mais importante, pois a conexão com a natureza faz com que o aluno se sinta bem, melhorando o seu desenvolvimento físico e mental e possibilitando, dessa forma, ter um melhor aprendizado e melhor qualidade de vida.

O objetivo deste trabalho foi estudar a relação entre as áreas verdes e o bem-estar dos estudantes, par-

tindo-se da hipótese de que o contato com o verde e com a natureza afeta as pessoas positiva ou negativamente, provocando diferentes percepções e sentimentos. Também, buscou-se identificar as áreas verdes existentes no campus que são mais frequentadas pelos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio e obter sugestões de intervenções que possam melhorar a qualidade dos espaços verdes do Campus.

A metodologia adotada partiu de uma análise teórica sobre o tema através do método hipotético dedutivo baseado em pesquisas publicadas em obras e periódicos. Também foi aplicado questionário por meio da ferramenta *Google Forms*, tendo como público-alvo os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFRS- Campus Bento, por serem os usuários dos espaços verdes que permanecem mais tempo na instituição, uma vez que os cursos se desenvolvem em turno integral (manhã e tarde).

O artigo parte da discussão acerca dos conceitos de espaços e áreas verdes, lugar e pertencimento. Destaca-se que o presente estudo adotará como terminologia espaços verdes e áreas verdes como sinônimos, porque são as que mais se adequam a análise das áreas arborizadas que existem no Campus Bento Gonçalves do IFRS.

Na sequência, se tratará sobre a importância do planejamento dos espaços verdes e do efeito que as plantas causam nas pessoas, o que foi ainda mais evidenciado no período de reclusão ocorrido durante a pandemia de Covid-19. Os resultados obtidos entre os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Campus Bento são apresentados e analisados, assim como as sugestões de melhorias nas áreas verdes elencadas pelos respondentes.

Por fim, nas considerações finais se busca trazer um apanhado geral sobre o tema buscando assim, com a pesquisa, contribuir para o debate acerca de

como o contato dos estudantes com as áreas verdes podem lhes proporcionar bem-estar e as possíveis melhorias que podem ser realizadas nos espaços verdes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE ÁREAS E ESPAÇOS VERDES

No presente trabalho, os termos áreas verdes e espaços verdes serão utilizados como sinônimo. Entretanto, conforme explica Magro (2006), existe uma certa confusão doutrinária em designar espaços que se situem fora de um prédio construído e, por isso, existem algumas nomenclaturas como “espaços externos, espaços abertos, áreas livres, áreas verdes, ambientes exteriores, espaços coletivos, jardins, canteiros e espaços livres”.

Conforme Llardent (1982, p. 151) Zonas verdes, espaços verdes, áreas verdes, equipamento verde são qualquer espaço livre no qual predominam as áreas plantadas de vegetação, correspondendo ao que se conhece como parques, jardins ou praças.

Em contrapartida, a Lei 12.651, de 25 de maio de 2012 (BRASIL, Código Florestal) no art. 3º, inciso XX diz que se entende por área verde urbana os:

espaços, públicos ou privados, com predomínio de vegetação, preferencialmente nativa, natural ou recuperada, previstos no Plano Diretor, nas Leis de Zoneamento Urbano e Uso do Solo do Município, indisponíveis para construção de moradias, destinados aos propósitos de recreação, lazer, melhoria da qualidade ambiental urbana, proteção dos recursos hídricos, manutenção ou melhoria

paisagística, proteção de bens e manifestações culturais.

A doutrina de Macedo (1995, p. 17) leciona que “a utilização do termo [áreas verdes como] sistema de espaços livres públicos de lazer e/ou conservação é precisa e objetiva e evita o uso irresponsável do conceito para os mais diversos fins” porque pela questão social nem todas as áreas urbanas precisam ter uma vegetação para desempenharem a função de uso coletivo do espaço.

Desta forma, como se está tratando de áreas com vegetação e ambientação natural, dentro de um ambiente escolar, a escolha dos termos áreas e espaços verdes nos pareceu ser a mais adequada para serem usadas como sinônimos porque as edificações encontradas no campus do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Bento Gonçalves, são permeadas de espaços em que o verde pode ser visto e apreciado pelos seus frequentadores e estudantes, em uma espécie de paisagem que não pode ser vista e nem encontrada na maioria dos espaços residenciais e até mesmo em muitas outras escolas do município de Bento Gonçalves.

O VERDE E O SENTIMENTO DE LUGAR

Para o ser humano, a possibilidade de se viver em um ambiente arborizado, mas ao mesmo tempo inserido na civilização auxilia o ser humano a ter uma melhor qualidade de vida:

Dentre os elementos dos espaços externos bem projetados, que beneficiam a saúde humana, já constatados e provados, estão o ar fresco, não viciado e constantemente renovado, as áreas verdes, as grandes árvores, os gramados e

a paisagem aberta, e a luz do dia. Os benefícios do ar fresco e da luz do dia não são muito considerados pela literatura (Magro, 2006, p. 22 – grifos do autor).

Tudo leva a crer que esse contato auxilia o bem-estar e deixa a pessoa mais relaxada, receptiva e consequentemente pode melhorar os seus rendimentos nos estudos.

Áreas verdes em ambientes escolares são muito importantes pois elas colaboram na vida do aluno fazendo-o desenvolver um sentimento de lugar. O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, lugar se traduz como o modo onde é produzida a existência social dos seres humanos (Carlos, 2007, p.20). Para a ciência da Geografia, o termo lugar faz com que o ser humano crie um sentimento de pertencimento e afetividade pelo lugar frequentado. Um lugar pode se caracterizar em um local que temos contato diariamente e, esse sentimento, faz total diferença em seu dia a dia na escola. Quando se cria o sentimento de lugar, se promove um senso de conforto ao local frequentado e, consequentemente, a afinidade desenvolvida pelos alunos pela e na escola, é de extrema importância. Vai mexer com seus aspectos cognitivos e emocionais, facilitando o processo de aprendizagem. Ainda, segundo Magro (2006, p. 26-27), a vegetação produz sombra e microclimas que contribuem para com a saúde psicológica e física das pessoas que frequentam os espaços verdes, favorecendo o convívio social. Áreas verdes proporcionam conforto térmico, amenizando a temperatura e melhorando o poder de concentração das pessoas e o desenvolvimento de suas capacidades.

A paisagem tem muitas formas de interagir com os seres humanos porque além de vivermos em so-

cidade, ninguém fica indiferente ao que vê no seu cotidiano.

Um exemplo do reconhecimento da importância dos jardins para a qualidade de vida, foi a definição do ano de 2022 como o “Ano do Jardim” pela Câmara dos Comuns do Canadá. A moção, votada por unanimidade naquela Câmara, traz como justificativa que os jardins e a jardinagem contribuem para o desenvolvimento do país, das cidades canadenses e da vida das pessoas em termos de saúde, qualidade de vida, reconciliação, inclusão e desafios ambientais (AIPH, 2022).

Segundo site inspire (2022, não paginado) pesquisa realizada na “Universidade de Hyogo, no Japão, mostrou que as plantas também são responsáveis por mudanças significativas na diminuição do estresse e da ansiedade, com diminuição perceptível na frequência dos batimentos cardíacos.”

Na medida que o estudante pode frequentar um ambiente arborizado e com áreas que lhe propiciem contato com a natureza, ele pode, além de diminuir o estresse, melhorar o seu rendimento escolar e criar afetos e memórias positivas em sua vida do tempo em que conviveu na escola.

PLANEJAMENTO DAS ÁREAS VERDES

Os espaços verdes vão muito além da estética e de uma paisagem, eles refletem nas emoções humanas, de bem-estar, saudades, alegria, melancolia entre outras, e por isso deve haver um planejamento sobre como essas áreas vão se desenvolver nas escolas. Segundo Alencar e Cardoso (2015, p. 4), a interação da paisagem com o ser humano se dá além do meio visual, também pelo meio auditivo, olfativo, tátil e gustativo. Desta forma, um planejamento e consequente melhoria dos espaços verdes pode melhorar o estado psicológico do estudante como um todo.

Silva (2018) diz que “o mapeamento de tais espaços serve como instrumento fundamental de análises que sustentem planos e gestões urbanas de cunho socioambiental que visem a sustentabilidade nas áreas urbanas” assim, o mapeamento das áreas verdes se torna essencial para realizar as melhorias.

Biondi et al (2008) defendem que o ser humano possui atributos comportamentais que tem a ver com as suas vivências e percepções dos espaços que ocupa. No caso dos espaços verdes, eles podem ser usados pelos estudantes como áreas para lanchar, relaxar entre um período e outro de aula e ter um convívio de maior interação com seus amigos/colegas. Biondi et al (2008, p. 268) destacam:

A intervenção paisagística nos pátios das escolas deveria ser planejada não apenas para atender às necessidades estéticas e de conforto ambiental dos usuários como, também, para servir de ferramenta às práticas escolares.

Ainda, conforme Biondi et al (2008), ao analisar as plantas ornamentais em escolas públicas estaduais de Curitiba, consideram que a seleção das espécies vegetais plantadas nos ambientes escolares deveria ser bem criteriosa pois o plantio de árvores exóticas diminui a chance de os estudantes conhecerem as espécies nativas do Brasil e/ou do ecossistema local. Quanto à predominância de espécies arbóreas, deve estar associada com a produção de sombra, principalmente nos locais de estacionamento (Biondi et al, 2008, p. 273). Assim, é fundamental que haja um planejamento das áreas arborizadas existentes nas escolas para que, as árvores a serem usadas nesses espaços, possam ser objeto de estudo pelos estudantes,

que podem, inclusive, se tornarem conhecedores das espécies plantadas no ambiente escolar.

Em pátios escolares a presença do paisagismo é muito importante devido às sensações que o mesmo transmite aos estudantes, servidores e professores, e isso tem muito a ver também com o seu tamanho. “Em pátios escolares pequenos a sensação de fechamento é geralmente maior do que nos pátios grandes e vazios, mas também é importante criar diferentes áreas para diferentes atividades” (Fedrizzi, 2006, p. 98) porque se o pátio for muito pequeno há poucas possibilidades de se desenvolver atividades ao ar livre. Se passa a ficar bastante limitado a práticas desportivas, por exemplo. Neste sentido, Fedrizzi (2006, p. 99)

Os principais aspectos da lista de necessidades estão todos conectados com a possibilidade de melhorar a qualidade de vida, e isso é possível de ser feito em qualquer tamanho de pátio escolar, seja ele grande ou pequeno, mas é claro que espaços maiores oferecem maiores possibilidades de mudanças.

Desta forma, quando se fala de espaços escolares eles são importantes até mesmo para a manutenção do equilíbrio emocional das pessoas.

IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM O VERDE EVIDENCIADA PELA PANDEMIA

Com o recente isolamento da pandemia de Covid-19, muitas pessoas ficaram reclusas em suas casas, em ambientes pequenos e com pouco ou nenhum contato com a natureza, o que contribuiu para o surgimento de muitos problemas psicológicos. Para suprir essa falta de contato com a natureza, muitas pes-

soas passaram a cultivar plantas em casa. Segundo o Jornal Folha de São Paulo em matéria publicada em 10 de janeiro de 2021, o jornalista Vitor Moreno relatou vários casos de pessoas que passaram a cultivar plantas em casa para terem um contato maior com a natureza, em família ou de forma “solitária” como uma forma de terapia.

Por sua vez, o portal UFLA (Universidade Federal de Lavras) também destaca sobre o aumento do cultivo de plantas em casa, que além de ser uma atividade terapêutica e de propiciar o contato com a natureza, possibilita redecorar ambientes. “Esse fenômeno tem até nome: “pai e mãe de planta” (UFLA, 2021, não paginado)

Com a retomada do ensino presencial, é importante propiciar o contato com as áreas verdes. Atividades ao ar livre em disciplinas como Educação Física, por exemplo, podem contribuir para que as conexões com a natureza se operem e auxiliem esses estudantes a obter uma melhor qualidade de vida.

AS ÁREAS VERDES DO CAMPUS, CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS VERDES MAIS UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES

Como o objeto desta pesquisa são as áreas verdes da sede do IFRS - Campus Bento Gonçalves, espaço que está situado na área central do município, ocupando uma área de 76.219,13m² há que se analisar a percepção dos estudantes acerca do contato que possuem com essa área e os espaços verdes (imagem 1). No local se concentram as salas de aula, biblioteca, ginásio de esportes, refeitório, e demais infraestruturas utilizadas diariamente pelos estudantes do campus.



Imagem 1: Campus Bento Gonçalves visto de cima.

Fonte: Setor de Comunicação Campus Bento Gonçalves.

Foram selecionados diferentes espaços da sede do Campus, os quais foram fotografados buscando identificar os espaços mais frequentados pelos estudantes e os motivos que fazem com que sejam preferidos por esses. Informações sobre melhorias nos espaços verdes também foram obtidas através do questionário.



Imagem 2: Detalhe do espaço ao lado da guarita IFRS Campus Bento Gonçalves.

Fonte: Autoral, 2022

Este espaço (imagem 2) é localizado bem na entrada do Campus Bento Gonçalves. O contato com ele é quase diário pelos estudantes, sendo muito frequentado nos intervalos de almoço. No local também se encontram os mastros para hasteamento das bandeiras durante os eventos cívicos. Nesta parte encontram-se bancos e plantas de menor porte de forma, a não encobrir a área destinada às bandeiras. Assim, há predomínio de arbustos e espécies ornamentais exóticas como a lavanda, tuias, buxus, hemerocalis, além de floríferas anuais. Ao lado do pórtico de entrada existe um canteiro com um exemplar da palmeira tamareira (Phoenix), que se destaca pela imponência, e também lixeiras e bicicletário. A imagem 3 ilustra outro espaço, situado ao lado da primeira imagem, próximo a caixa da água. Nesta área encontram-se várias espécies arbóreas, com destaque para espécies nativas como a pitangueira (*Eugenia uniflora*), cedro, jerivá, além das exóticas jacarandás, saponária, cotoneaster, podocarpus e escova de garrafa. Neste espaço os estudantes podem usufruir da sombra das árvores e do amplo gramado, entremeadado por canteiros de gramíneas.



Imagem 3: Detalhe do espaço ao lado da caixa da água IFRS Campus Bento Gonçalves.

Fonte: Autoral, 2022



Imagem 4: Detalhe do espaço atrás do bloco A.

Fonte: IFRS Campus Bento Gonçalves.

Esse espaço (imagem 4) além de ser utilizado como passagem e estacionamento possui um pequeno bosque com predominância de espécies arbóreas nativas de grande porte como jacarandá e paineira, e bancos em concreto que possibilitam uma boa área de convivência entre os estudantes. Essa área é frequentemente utilizada por professores que pretendem ministrar uma aula ao ar livre por oferecer sombra e temperatura agradável, entretanto, como não há muitos bancos, sendo a turma um pouco maior, nem todos conseguem sentar. Assim o resultado da aplicação do questionário revelou que uma das demandas dos estudantes é aumentar o número de bancos e ali, seria uma boa área para criar e/ou colocar esses assentos para assim, criar um lugar que lembrasse o formato de um anfiteatro.

O campus possui ainda outras áreas ajardinadas, como em torno das calçadas que dão acesso aos blocos. Nestas áreas encontram-se moréias, bromé-

lias, palmeiras, agapantos, plantas suculentas, buxus, entre outras espécies. O espaço situado em frente ao bloco K, é um exemplo destes espaços. O prédio denominado de “Bloco de convivência”, onde funciona a cantina, o grêmio estudantil, diretórios acadêmicos, coordenadoria de assistência ao educando, entre outros setores. E ao lado exterior, é usado para eventos culturais e de integração (imagem 5). Isso resulta no fato dos estudantes passarem por esta área algumas vezes ao dia. Junto ao prédio existem dois canteiros, onde são cultivadas floríferas anuais, normalmente produzidas e plantadas por estudantes do campus.



Imagem 5: Atividade de interação em frente ao bloco K IFRS Campus Bento Gonçalves.

Fonte: Setor de Comunicação Campus Bento Gonçalves, 2023.

Ao lado do Bloco de Convivência, está situado o galpão de Tradições Gaúchas. Um dos passatempos nos momentos de descontração dos alunos em seus intervalos é brincar de “laçar” uma vaquinha construída com tubos de metal e disposta naquele espaço, onde também há bancos. Além da vegetação herbácea, próxi-

mo ao caminho coberto que leva a outros prédios do campus existem várias árvores de ipê amarelo, além de ingá feijão e de uma magnólia arbustiva.



Imagem 5: Detalhamento do espaço em frente ao bloco K e vaquinha IFRS Campus Bento Gonçalves.

Fonte: Autoral, 2022

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS ÁREAS VERDES DO CAMPUS

A fim de embasar essa pesquisa com a percepção dos estudantes acerca de como eles percebem e sentem os espaços verdes, foi aplicado um questionário destinado aos alunos do ensino médio técnico integrado.

Entre os resultados obtidos através do questionário aplicado entre os estudantes destaca-se que para 97,6% dos respondentes, as áreas verdes do Campus contribuem para o bem-estar deles como se pode ver no gráfico abaixo. O questionário contou com a resposta de 42 alunos.

Você considera que as áreas verdes disponíveis no Campus contribuem para o bem-estar dos estudantes?

42 respostas



Gráfico 1: Você considera que as áreas verdes disponíveis no Campus contribuem para o bem-estar dos estudantes?

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

A pesquisa revelou ainda que os estudantes, quando questionados se preferem permanecer em áreas internas ou externas do campus, 88,1% dos entrevistados preferem permanecer em áreas externas. Além disso, 85,7% dos respondentes percebem as áreas verdes ao chegarem no Campus, demonstrando que os estudantes se identificam com os espaços verdes existentes, o que permite inferir que eles possuem alguma memória afetiva ao se pensarem sobre esses espaços.

Conforme explica Silva (2018, p. 68) quando se melhora a qualidade de vida com os espaços verdes esses são considerados equipamentos urbanos capazes, até mesmo, de diminuir as desigualdades sociais porque permitem um uso gratuito do espaço com lazer, recreação, socialização e a promoção de atividades culturais e educacionais.

Em relação às propostas de melhorias, 92,9% dos estudantes sugerem disponibilizar mais bancos, 59,5% sugerem implantar uma sala de aula aberta e 50% sugerem disponibilizar mais lixeiras o que evi-

dência uma consciência quanto ao desejo de preservar o lugar limpo e organizado. Além disso, 88,7% dos estudantes afirmam que mais áreas do campus podem ser ajardinadas. Os estudantes também sugerem colocar placas com o nome das plantas, além de instalar mais bebedouros e propor que ocorram mais apresentações musicais em áreas abertas revelando que para esses jovens os espaços abertos do campus não são apenas um lugar para se deslocar até a sala de aula, mas vislumbram ali um espaço possível de entretenimento e um bom espaço de convivência. Silva (2018, p. 70) explica que “constata-se a importância dos espaços verdes e principalmente daquelas que possam ser utilizados de forma sustentável garantindo qualidade de vida.” e assim, a convivência dos espaços verdes com os alunos do Instituto Federal do Rio Grande do Sul é essencial para que os alunos tenham um melhor aprendizado, melhorem seu sentimento de pertença àquele espaço e consequentemente tenham melhor rendimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada foi possível perceber que as pessoas, de um modo geral, quando têm acesso e possibilidade de conviver com espaços verdes, além de ficarem mais propícias ao lazer, a socialização e a promoção de atividades culturais e educacionais elas passam a relaxar e desenvolvem um sentimento de pertencimento com esses espaços, criando boas memórias em suas vidas.

O Campus de Bento Gonçalves do IFRS se constitui em um espaço privilegiado dentro da cidade porque, ao que se sabe, nenhuma outra escola tem espaço verde tão amplo como esses.

Os alunos percebem esses lugares verdes desde o momento em que chegam à escola e os preferem como lugar de convívio. Tanto é assim que os entre-

vistados manifestaram sua opinião no sentido de que mais espaços verdes podem ser criados assim como deram ideias para a revitalização do lugar, como colocar plaquetas que identifiquem as árvores, aumentar o número de lixeiras e bancos para que assim tenham mais espaço para o desenvolvimento de atividades estudantis e culturais.

A pesquisa demonstrou que existem melhorias que podem ser feitas nas dependências do Campus e podem ser analisadas com cautela para tornar os espaços verdes não algo somente estético, mas algo funcional para o dia a dia. Assim, é possível concluir com este estudo, aliado ao questionário aplicado, que os espaços verdes no Campus são importantes e contribuem para o bem-estar dos estudantes. Um ambiente escolar que possibilita o contato com áreas verdes contribui para que o estudante tenha contato com ar fresco, se exponha a luminosidade natural e isso faz com que se tenha uma maior concentração e um melhor rendimento escolar sem contar, é claro que no futuro, as memórias geradas no ambiente escolar lhes servirão de apoio nos momentos complexos da vida. E essas áreas verdes se fazem bastante presentes na sede do IFRS, campus Bento e são um presente para quem lá convive.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Luciano Delmondes de; CARDOSO, Jean Carlos. Paisagismo funcional: o uso de projetos que integram mais que ornamentação

Alencar; Cardoso. In: Revista Ciência, Tecnologia & Ambiente. V. 1, nº. 1. 2015. (p. 1 a 7). Disponível em:

<https://www.revistacta.ufscar.br/index.php/revistacta/article/view/4>

Acesso em 24 de maio de 2022.

BRASIL. Lei 12.651, de 25 de maio de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/

<ato2011-2014/2012/lei/112651.htm> acesso em 26 nov. 2022

BIONDI, Daniela; LEAL, Luciana; SCHAFFER, Margarete. Aspectos importantes das plantas ornamentais em escolas públicas estaduais da cidade de Curitiba, PR. Revista Brasileira de Ciências Agrárias, v.3, n.3, p.267-275, jul.-set., 2008, Recife, PE, UFRPE. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1190/119017386012.pdf> acesso em 03 jun. 2022

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo, Labur Edições, 2007, 85p. FEDRIZZI, Beatriz Maria. Subsídios para projetos de pátios escolares públicos em Porto Alegre. In: Contido em Arqtexto. n. 8 (jul./dez. 2006), p. 96-101. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/22239> . Acesso em 20 de jun. 2022

IBGE, Educa Jovens. População Rural e Urbana. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html> Acesso em 01 de dez. 2022.

INSPIRE, por Veiling. Verde é saúde. Disponível em:

<http://inspire.veiling.com.br/plante-ar-puro-post/verde-e-saude/> Acesso em 11 de jul. 2022

LLARDENT, Luis Rodríguez Avial. Zonas verdes y espacios libres en la ciudad. Madrid: Closas Orcoyen, 1982.

MAGRO, Maurício Lago. Os espaços externos do Campus I da Universidade de Passo Fundo: análise da percepção dos usuários de suas preferências. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escola de Engenharia, Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Porto Alegre, RS, 2006.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços livres. Paisagem e ambiente, n. 7, 1995. (p. 15–56)

MORENO, Vitor. Cultivo de plantas em casa cres-

ce na pandemia e é considerado terapia por adeptos...
– 2021 Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/viva-bem/2021/01/cultivo-de-plantas-em-casa-cresce-na-pandemia-e-e-considerado-terapia-por-adeptos.shtml>. Acesso em 14 de junho de 2021.

PEREIRA, Néli. Americano Richard Louv, autor do livro A Última Criança na Natureza, diz que ‘transtorno’ pode prejudicar a saúde física e mental e deve ser enfrentado durante isolamento. – 2021 Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/05/15/pandemia-agrava-deficit-de-natureza-em-criancas-e-adultos-estamos-menos-vivos-quando-nos-concentramos-nas-telas.htm?next=0001H288U11N&cmpid=copiaecola>. Acesso em 20 de jun. 2022.

ROSSI, Mariana; MATTOS, Karina Andrade; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. Expansão urbana e espaços livres: dinâmicas, influências e conflitos na conformação da paisagem da zona sul de Bauru-SP. In: InSitu, São Paulo, 5, jan/dez. 2019 (p. 85-100) Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiam-faam.br/index.php/situs/article/view/808/pdf>. Acesso em 06 jul. de 2022.

SILVA, Romero Gomes Pereira da. Cenários dos Espaços Verdes Urbanos no Brasil. Brasília, 2018. Tese de doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável Universidade de Brasília.

UFLA. Universidade Federal de Lavras. Estudo feito em Dona Euzébia, maior cidade produtora de plantas ornamentais do Estado, aponta que as vendas cresceram em 93% das propriedades... -2021 Disponível em: <https://ufla.br/noticias/pesquisa/14748-pesquisa-mostra-como-novo-habito-dos-brasileiros-tem-aquecido-o-setor-de-floricultura-em-minas-gerais>. Acesso em 16 agosto de 2022.

JOVENS E TRAUMAS DE INFÂNCIA

MARINA AGOSTINI RICHETTI
SUZANA ZANDONA
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar traumas de infância e entender se jovens são afetados por eles em seu âmbito social na visão dos profissionais da psicologia. O estudo justifica-se pela existência de uma lacuna referente à questão e ampliar a conscientização sobre questões mentais, contribuindo para os conhecimentos sobre o assunto. A pesquisa dialoga com diferentes áreas: psicologia, desenvolvimento humano, sociologia e antropologia. O estudo tem como objetivo identificar se jovens são afetados pelos seus traumas de infância, se o fato for afirmativo, reconhecer suas ações em ambientes sociais baseadas no trauma, identificar como os profissionais analisam o trauma infantil e como pode afetar na formação e subjetividade dos sujeitos. A metodologia transparece levando em consideração materiais bibliográficos, documentais, um formulário online feito para os psicólogos sobre suas visões profissionais analisando o trauma, e além desse ponto de vista, outro formulário online para jovens de 15 a 19 anos de idade indagando o que entendem sobre o conceito de trauma e se sentem que possíveis traumas afetam suas vidas, estabelecendo um diálogo entre as visões adolescente e profissional. Perante a análise bibliográfica, obteve-se que o trauma é um termo amplo e genérico, mas psicologicamente falando, provém de uma resposta emocional ligada a um acontecimento marcante em etapas da vida. Nesse estudo, trata-se especificamen-

te de traumas ocorridos na infância, momento delicado para a formação do indivíduo. Conforme seu desenvolvimento, foi obtido como que traumas infantis afetam diretamente o indivíduo e sua formação, bem como se portam no ambiente social perante algo que os remete aos seus traumas. Quanto aos questionários para os profissionais, os psicólogos concordam em unanimidade que pessoas que passam por traumas têm repercussões das mais variadas ordens, dependendo dos recursos internos que o indivíduo dispõe. No quesito socialização, destaca-se alguns efeitos do trauma, a falta autoconfiança e em terceiros, baixa estima, sentimento de incapacidade e impotência. Conforme o trauma, psicoterapia costuma trazer bons resultados na qualidade de vida do paciente. Ao aplicar os formulários para jovens participantes da pesquisa, 96,3% afirmam ter conhecimento do que é um trauma de infância e 77% sente que afeta sua vida social.

Palavras-chave: Psicologia; Trauma de infância; Ensino Médio Integrado; Desenvolvimento Humano;

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa foi realizado, primeiramente, um estudo que buscará compreender se jovens são afetados pelos seus traumas de infância. Caso a resposta para essa questão se comprove afirmativa, pretendeu-se compreender como isso transparece nos meios sociais, de que maneira esses jovens se comportam e lidam com tais dificuldades, psicologicamente falando, na visão dos profissionais acometidos desta área.

A problemática do estudo justifica-se pela existência de uma lacuna referente ao conhecimento a tal tema, bem como aumentar a conscientização sobre a saúde mental dos jovens, contribuindo para uma análise e discussão mais complexa e atenta, ampliando dessa forma, os conhecimentos sobre o assunto.

Sendo assim, a pergunta que estrutura a investigação deste artigo é se jovens são afetados de alguma forma por acontecimentos marcantes na infância (traumas), no qual pretendeu-se identificar na perspectiva dos psicólogos. Se fosse constatado que isso ocorre, o problema de pesquisa se estende para como tais jovens lidam e se portam diante disso no âmbito social.

O objetivo geral da pesquisa foi buscar pela resposta da pergunta principal: Jovens adultos são afetados de alguma forma pelos seus traumas de infância?

Pretende-se responder a essa pergunta na visão de profissionais da área da psicologia. Em caso afirmativo, buscou-se entender como os indivíduos lidam com o trauma e quais seus efeitos colaterais no âmbito social, além disso, houve objetivos mais específicos a serem cumpridos, eram eles: Identificar como os profissionais analisam e veem o trauma do indivíduo, entender o conceito de trauma, reconhecer como a violência do trauma afeta o indivíduo na sua subjetividade, reconhecer as consequências de suas ações no âmbito social baseado no trauma e buscar como a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos podem ocorrer.

Este artigo está organizado em 7 partes. Após essa introdução, apresentamos o detalhamento da metodologia. Em seguida, a análise dos resultados obtidos por meio dos objetivos a serem cumpridos.

METODOLOGIA

A exploração dos objetivos foi feita através de métodos de busca bibliográficos e documentais, ou seja, analisar e levar em consideração materiais bibliográficos, materiais analíticos e dados já publicados, além disso, foi estruturado entrevistas com terapeutas sobre a pesquisa, e como adendo, um questionário anônimo para jovens de 15 a 19 anos com a temática do trauma infantil. Sendo, resumidamente, uma aná-

lise teórica sobre o assunto e questionários para recolhimento e processamento de dados para uma conclusão concreta.

Em resumo, os dados coletados e analisados indicam que sim, o trauma afeta o desenvolvimento da psique humana, bem como suas ações em ambientes sociais, pessoas que passam por traumas podem vir a ter repercussões das mais variadas ordens, e tudo irá depender do recurso interno do mesmo para lidar com tal resposta emocional. Na parte da socialização, algumas dessas repercussões destacam-se: baixa autoestima, sentimentos autodepreciativos, falta de confiança em si mesmo e em outras pessoas e aumento nos níveis de agressividade, além disso, a psicoterapia ganha certo destaque na melhora da saúde mental e qualidade do indivíduo.

Os jovens apresentaram respostas afirmativas para as questões, sendo 96,3% tem conhecimento do que é um trauma infantil e 77% afirma afetar sua vida de alguma forma.

DETALHAMENTO DA METODOLOGIA

Como já citado anteriormente, a pesquisa foi feita através de métodos bibliográficos e documentais, levando em consideração materiais analíticos e também dados já publicados, e a partir disso, sendo estruturado questionários com psicoterapeutas e um questionário anônimo para jovens adolescentes como uma forma de estabelecer um diálogo entre jovens e terapeutas.

Para melhor desenvolvimento, será questionado aos profissionais tais perguntas, para fins de melhor direcionamento do questionário, com certos resultados, que serão mostrados conforme os próximos tópicos:

Sabemos que os traumas de infância afetam o indivíduo. Em sua perspectiva profissional, como isso

se dá no âmbito das habilidades sociais?

Como a psicologia fomenta na prática a melhora na saúde mental de indivíduos acometidos por traumas infantis?

Na sua visão profissional, como você enxerga os traumas infantis?

Você gostaria de acrescentar alguma experiência profissional, em relação aos traumas?

E quanto aos jovens questionados, foram direcionadas outras perguntas, na quais haverão gráficos para comparação se necessário, com os dados já processados.

-Qual a sua idade? (15/16/17/18/19)

A maioria das pessoas que responderam o questionário anônimo tem cerca de 16 anos em sua maioria, sendo 63,6% deles.

Qual a sua idade?
33 respostas

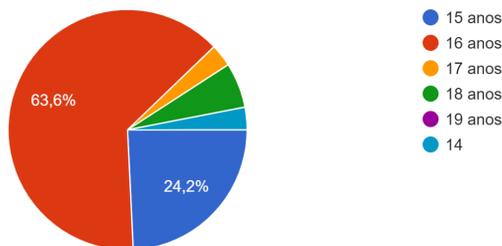


Gráfico 1: Porcentagem da idade dos questionados.

Fonte: Dados coletados pela autora.

-Você tem conhecimento do que é um trauma de infância? (sim/não)

97% dos indivíduos afirmam ter conhecimento do que realmente é um trauma de infância, trazendo resultados positivos.

Você tem conhecimento do que é um trauma de infância?

33 respostas

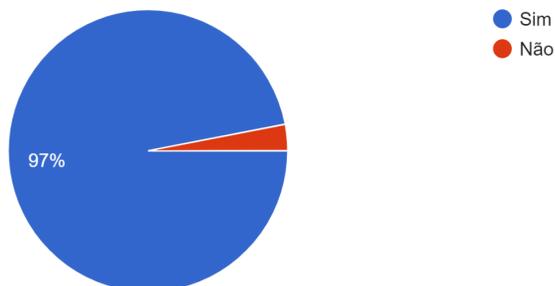


Gráfico 2: Porcentagem da idade dos questionados.

Fonte: Dados coletados pela autora.

-Você vivenciou algum trauma durante a sua infância? (sim/não)

Cerca de 72,7% dos indivíduos novamente trouxeram resultados positivos em questão a vivência de algum trauma durante sua infância.

Você vivenciou algum trauma de infância?

33 respostas

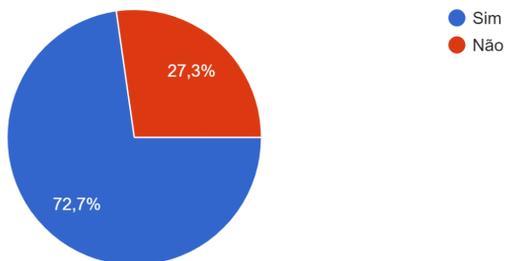


Gráfico 3: Porcentagem de indivíduos que vivenciaram um trauma de infância.

Fonte: Dados coletados pela autora

-Se viveu, este trauma afeta de alguma forma a sua vida? (sinto que não/ afeta minha rotina)

E como pergunta principal, um gráfico mais elaborado foi feito, mostrando também que a influência do trauma infantil é sentida pelos jovens, sendo uma resposta afirmativa com cerca 77% dos que responderam a pesquisa.



Gráfico 4: Porcentagem de indivíduos que sentem a influência do trauma de infância.

Fonte: Dados coletados pela autora.

O QUE É UM TRAUMA?

O conceito de trauma provém de uma resposta emocional a um acontecimento marcante, podendo estar relacionado a desastres, abusos, acidentes, e até mesmo bullying. Também é possível notar que, algo considerado um trauma para tal indivíduo não necessariamente é para outro. Se utilizado o exemplo de gêmeos idênticos, nasceram da mesma mãe, foram criados da mesma forma, expostos a situações similares em suas vidas, continuaram tendo visões diferentes de certa forma, pois são indivíduos diferentes e não clones. Logo, o que pode marcar um deles não precisamente irá marcar seu irmão gêmeo. Ou seja,

além de ser um termo amplo, também dependerá de cada ser humano. Neste trabalho, foi dado destaque a traumas psicológicos que ocorreram na infância.

COMO OS PROFISSIONAIS ANALISAM E VEEM OS TRAUMAS INFANTIS?

Segundo os psicólogos entrevistados, algumas coisas devem ser ressaltadas, o trauma abala a base de desenvolvimento dos indivíduos, podendo influenciar em diversas áreas, tanto na estruturação da personalidade como no comportamento de quem o sofreu, gerando impactos negativos na saúde mental, bem como nas escolhas que esse indivíduo terá quando adulto.

Um dos elementos a serem observados nas respostas dos psicólogos afirma não existir infância sem trauma, devido ao acúmulo de diversas experiências traumáticas, sendo o próprio nascimento considerado um trauma.

Enquanto existem traumas que promovem o crescimento e evolução como eventos traumáticos de separação, existem os traumas que bloqueiam, desorganizam e limitam os indivíduos, gerando uma onda de sofrimentos e prejuízos que poderão perdurar por toda sua vida.

A maneira que o trauma se estabelece na psiquê do sujeito dependerá dos recursos internos, fatores constitucionais e sócio ambientais de cada um.

Sendo a infância uma etapa de desenvolvimento humano muito importante, os traumas nesta fase podem ser considerados perigosos, desde que fique registrado no psiquismo humano, já que o trauma implica em situações que superam a habilidade de tolerar e elaborar psicologicamente o fato.

OS JOVENS SÃO AFETADOS PELOS SEUS TRAUMAS DE INFÂNCIA?

A partir da leitura do artigo de Konradt et.al

(2013), entende-se que jovens com transtorno de humor possuem um relato de vivências traumáticas mais presente, o que indica que tal acontecimento pode contribuir com o aparecimento de transtornos de humor gerais, desenvolvimento de um quadro grave e precoce de psicopatologia e a alteração do desempenho cognitivo se faz presente.

Durante os questionários com os psicoterapeutas, ocorreu a seguinte afirmação: “Não existe infância sem trauma”, e pode ser interpretada de tal forma que traumas infantis, se não tratados de forma correta, irão perdurar por toda a sua vida, trazendo diversos impasses na vida do indivíduo das mais diversas formas.

Já com os adolescentes que responderam ao questionário anônimo, foi afirmativo pela maioria, tendo 77% das respostas que sentem que o trauma ocorrido na infância os afeta de alguma forma. Logo, a pesquisa deve se estender procurando responder a outros objetivos.

Analisando e juntando com maior cuidado as respostas dos adolescentes, além de demonstrarem quase que totalmente o que é um trauma de infância, relataram que sofreram algum trauma infantil, além disso, sentem que afeta em algumas coisas em seu dia a dia.

Durante o direcionamento da pesquisa, recebemos relatos espontâneos e anônimos de adolescentes que sentiram que seus traumas infantis influenciaram em seus transtornos mentais, e dificuldade em expressão e comunicação, por medo de julgamento dentro do seu meio social.

COMO A VIOLÊNCIA DO TRAUMA AFETA O INDIVÍDUO EM SUA SUBJETIVIDADE?

A violência atravessa de inúmeras formas a pessoa acometida pelo trauma. Existem alguns exemplos em que isso se expressa claramente, e a partir disso podemos estabelecer uma análise:

Segundo Konradt et.al (2013), um dos principais

exemplos seria o abuso, na qual os pacientes vítimas de um desprante como esse tendem a desenvolver um quadro psicopatológico mais grave e precoce.

Com base na monografia de Souza Flores (2008),

Há diferentes categorias de abuso como: incesto, abuso sexual sistêmico, pedofilia, pornografia e a prostituição infantil que causam sequelas, marginalizam e adoecem a criança, repercutindo em todas as etapas da sua existência humana. (Flores, 2008, p. 12).

Além disso, a violência familiar está ligada a muitos casos de problemas em sua estrutura, onde o desequilíbrio se faz presente, mas é algo visto como natural. Assim, de acordo com Souza Flores (2008), a criança aprende a repetir as ações dos pais ou responsáveis pela sua criação, e em uma família com comportamento atípico, irá aprender tais padrões, repetindo o comportamento de seu ambiente familiar, se torna mais vulnerável a traumas e bem como aprender a reprimir suas emoções. Logo, sendo os pais violentos, uma das hipóteses mais comuns analisadas pelos terapeutas é o desenvolvimento do nível de agressividade durante seu crescimento quando em contato com situações ou pessoas que relembram seu trauma.

RECONHECENDO AS CONSEQUÊNCIAS DE SUAS AÇÕES NO ÂMBITO SOCIAL BASEADO NO TRAUMA:

Por conta de traumas ocorridos, expressa-se no meio social possíveis e inúmeras consequências. Para responder tal questão, foi usado principalmente as respostas dadas pelos psicoterapeutas durante

os questionários aplicados. Também, algo obtido durante a pesquisa bibliográfica foi o fato de que algumas das experiências marcantes que um indivíduo poderia viver e sofrer com as consequências disso é o bullying, e para ainda a resultante do trauma seria problemas de socialização e de interação com o meio e outros indivíduos inseridos nele.

Segundo os psicólogos entrevistados, houve alguns pontos que se destacaram, como além do psicossocial, o trauma pode afetar tantos outros quesitos na vida do indivíduo, até seu desenvolvimento cognitivo.

Com relação às habilidades sociais, pôde-se compreender que dependendo do trauma que a criança sofre e seu nível de gravidade, ela pode apresentar dificuldade nos aspectos da socialização, de curta a longa escala, levando em conta também sua recorrência, pois cada pessoa é dotada de uma condição natural para suportar situações traumáticas - chamada força egóica. Alguns indivíduos mostram dificuldade em confiar no outro, desenvolver e criar vínculos com terceiros, por exemplo, fazer novos amigos no período de adaptação da escola, e até mesmo em ambiente de trabalho.

Durante o atendimento de seus pacientes, também foi observado que dependendo como a pessoa lida com tal trauma, pode gerar alguns bloqueios e fixações em padrões relacionais disfuncionais e repetitivos, falta de confiança em si, pessoas de seu círculo social, baixa autoestima, sentimentos de incapacidade e impotência.

Outro item muito importante a ser levado em consideração é o fato de que as experiências infantis podem colaborar ou impedir seu aprendizado e sustentação do mesmo. Além disso, os impactos do trauma infantil podem afetar habilidades físicas, emocionais e cognitivas, podendo fazer o indivíduo permanecer inibido, desenvolver problemas de raiva, prejudicando o bom convívio consigo mesmo e os demais.

COMO BUSCAR A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DESSES SUJEITOS?

Também segundo os profissionais da área da saúde entrevistados afirmam que a psicologia é capaz de oferecer possibilidades de elaboração e simbolização de traumas e experiências negativas na infância, consistindo em um conjunto de práticas terapêuticas entre paciente e psicólogo, de modo a tornar o tratamento especial para cada caso. Além de ser um agente na saúde mental dos indivíduos, tem um papel de alta relevância na vida deles, atuando em dois polos principais: O polo curativo e o preventivo.

O polo curativo atuante em relação aos traumas infantis destaca-se no trabalho de diversas frentes de aplicação, seja individual, familiar ou grupal, sendo serviços de atendimento públicos ou privados. Já as ações preventivas são aquelas que abordam programas de habilitação, inclusão, pesquisa, estudo e atividades de treinamento e orientação à grupos diversos, podendo ser aplicado em diversas áreas, como a Educacional (ambientes escolares, secretarias e coordenadorias da educação), Saúde (hospitais, CAPS, e postos de saúde) e organizacional (sindicatos, empresas).

Outro tópico indispensável é lidar com as consequências do trauma durante as sessões, para reduzir os seus impactos, bem como dar prioridade a intervenções precoces durante o tratamento e avaliação da psique do paciente, para o impedimento do desenvolvimento do quadro psicopatológico do indivíduo, evitando por exemplo, o TEPT (Transtorno de Estresse Pós-traumático), com o objetivo de ressignificar a memória traumática.

Em resumo, a psicoterapia possui diversas ferramentas e métodos para a melhora na qualidade de vida do indivíduo acometido pelo trauma infantil, e será conduzida da maneira mais correta, ética e profissional o possível, para que assim, haja um real en-

frentamento e superação do trauma infância, podendo se configurar (ou não) como uma cicatriz emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises e pesquisas acerca do trabalho, foi possível compreender os diferentes aspectos do trauma psicológico, sua origem, e influência na *psique* do indivíduo. Foi concluído que trauma é um termo amplo, de muitas utilidades na língua portuguesa, mas psicologicamente falando provém de uma resposta emocional a um acontecimento marcante, podendo estar relacionados a inúmeros episódios da vida do indivíduo, e muitas vezes, a forma como cada sujeito lida com tais acontecimentos marcantes é o que torna essa resposta emocional um trauma ou não, sendo esse o motivo de traumas serem algo individual de cada humano.

A maneira como os profissionais da área da psicologia vê o trauma é quase homogênea, de fato. Pois, enquanto existem os traumas que podem promover o crescimento e amadurecimento, existem os traumas que superam a habilidade de o tolerar psiquicamente, o que leva a desorganização e limitação mental, e o que irá definir isso é apenas os recursos internos e fatores constitucionais do indivíduo. Também consideram que a forma do comportamento e evolução da pessoa é devido ao trauma, e que uma infância sem traumas é considerada impossível de se ocorrer.

“Os jovens são afetados pelos traumas de infância?” Bem, segundo os psicólogos, a resposta foi em unanimidade afirmativa, bem como a maioria dos jovens se sentia afetado de alguma forma pelos seus traumas ocorridos na infância.

Além disso, a violência verbal e no ambiente familiar influencia no trauma e suas consequências, podendo levar a repetição dos comportamentos atípicos dos pais e desenvolvimento de agressividade e problemas de raiva.

Em ambiente social, o fantasma do trauma se manifesta de diversas formas: O indivíduo pode permanecer inibido, inseguro e se sentir impotente. Também é comumente registrado a falta de estabelecimento de relação entre outros indivíduos.

E finalmente, a melhor saída para uma melhor qualidade de vida das pessoas acometidas pelos traumas, a terapia. Pois o processo terapêutico é uma ferramenta efetiva que mostra bons resultados quando o assunto é sobre lidar com os traumas de infância ou até mesmo um transtorno gerado por ele.

REFERÊNCIAS

BRIETZKE, Elisa et al. Impact of Childhood Stress on Psychopathology. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, (s. l) v. 34, n. 4, p. 480-488, 2012.

FLORES, Vanda de Souza. Traumas de infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana. Monografia (Pós-graduação em Terapia Transpessoal) - Instituto Superior de Ciências da Saúde. Salvador, p.77, 2008.

KONRADT, Caroline Elizabeth et al. Early trauma and mood disorders in youngsters. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, (s. l), v. 40, p. 93-96, 2013.

ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer. Associação entre depressão na vida adulta e trauma psicológico na infância. (s. l), 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1999>. Acesso em: 2 jun. 2022.

HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE POLÍCIA E PERIFERIA NO CINEMA BRASILEIRO

JOÃO VICTOR GUTERRES BORDINHÃO
LETÍCIA SCHNEIDER FERREIRA

RESUMO

O presente projeto teve por finalidade observar de que modo o cinema brasileiro apresenta as relações entre policiais e habitantes da periferia, observando de que modo se constroem discursos sobre a interação de tais atores sociais. O tema da violência exercida em espaços marginalizados é um ponto constante na mídia do país, de tal modo que é possível identificar uma certa banalização deste tópico. Este estudo pretendeu colocar essa questão em pauta, compreendendo que é possível referir a existência de uma mentalidade em pano de fundo que aponta algumas vidas como descartáveis, estabelecendo uma política em que as ações se direcionam, muitas vezes, para a eliminação destes grupos em um processo denominado de necropolítica. No embate cotidiano entre forças policiais e habitantes da periferia, o número de vítimas de ambos os lados vêm se acentuando, sendo necessário refletir sobre este ponto. Partindo do pressuposto de que o cinema é uma fonte interessante para observar a forma como tal realidade é resignificada, além de construir um discurso importante sobre o imaginário social em relação a um determinado segmento da comunidade. Deste modo, a pesquisa realizará uma revisão bibliográfica sobre cinema, relações entre cinema e história e violência e espaços periféricos. Serão observados dois filmes: *Tropa de Elite*, de 2007, dirigido por José Padilha, e

Intervenção, filme de 2021, com a direção de Caio Cobra. Deste modo, o projeto se dedicou em avaliar de que modo o cinema, ferramenta interessante para divulgar determinadas narrativas, uma vez que se vale de elementos de sensibilização da audiência, como som, imagens e recursos de montagem, aborda essa relação entre polícia e periferia, construindo um olhar sobre estes espaços e possibilitando a crítica e a proposta de soluções para este dilema da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Cinema, Violência Policial, Populações periféricas

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade debater as relações entre história e cinema e a construção de determinados imaginários a partir de produções visuais: é possível aventar que muitas das perspectivas disseminadas na sociedade são alimentadas por meios de artefatos culturais, entre os quais podemos destacar as obras cinematográficas. Os filmes podem ser instrumentos interessantes para auxiliar a construir, ou quiçá rebater determinados preconceitos sociais, viabilizando a reflexão e o questionamento sobre a realidade social.

O Brasil é um país cuja violência mostra-se endêmica, chamando a atenção os números relativos às operações policiais em espaços de favelas e comunidades marginalizadas. A banalização da violência durante estes procedimentos, permeada por uma perspectiva guiada pela necropolítica, a partir da qual alguns corpos são descartáveis, produzem um cenário trágico, em que o número de membros destas comunidades e também policiais acabam perdendo suas vidas. Estudos realizados por Organizações não governamentais que atuam em espaços periféricos

apontam que nove em cada dez mortos na Favela da Maré, no Rio de Janeiro, tem sinais de execução, ato compreendido pela intenção de assassinar alguém que estava em uma situação na qual não poderia se defender (Abdala, 2023). Tal situação revela a banalização da violência e um olhar de que algumas vidas devem ser eliminadas.

A constituição de um inimigo a ser desumanizado para então ser abatido necessita, sem dúvida, de um aparato discursivo e simbólico que identifique quais são os indivíduos que ofereceria, a priori, perigo à sociedade. Os filmes, ferramentas de entretenimento e que realizam uma mediação entre o espaço do real e do ficcional, alimenta-se destes preconceitos que estruturam a sociedade e podem, por sua vez, intensificar um olhar negativo sobre determinados grupos. A partir desta compreensão, a pesquisa empreendida visou observar de que modo dois filmes que abordam as relações entre instituições policiais e espaços marginalizados apresentam tal contato, analisando quais os discursos e estigmas presentes em tais produções. Para a realização deste capítulo foi consultada uma expressiva bibliografia referente à temática da relação entre cinema e história e a própria análise do cinema, além de artigos que evidenciavam as relações entre policiais e habitantes de diferentes comunidades populares. Após este momento inicial, no qual alguns conceitos que embasam a reflexão proporcionada pela investigação também foram mapeados e mobilizados, foram selecionados dois filmes para a realização da análise: *Tropa de Elite* (2007) de José Padilha e *Intervenção* (2021), com a direção de Caio Cobra. Assim, os filmes foram inicialmente assistidos e, em um segundo momento, as cenas nas quais policiais e membros da comunidade interagem foram fichadas, para uma melhor observação de como as películas apresentam o enredo e seus personagens.

A partir destes dados coletados foi possível verificar elementos presentes no imaginário social, tais quais a vinculação dos espaços periféricos com a violência e a criminalidade, o que autorizaria inclusive o uso de medidas extremas contra as pessoas que lá residiam.

Assim, inicialmente realizaremos uma reflexão sobre as relações entre cinema e história e o cinema enquanto uma ferramenta importante na captura da atenção do espectador, o qual por vezes absorve as informações apresentadas na obra sem o devido critério ou mesmo sem refletir que o filme é uma construção fictícia, no segundo subcapítulo será debatido a controversa obra *Tropa de Elite*, filme estrelado pelo autor Wagner Moura e que causa polêmica até hoje pela exaltação à violência presente na narrativa; o próximo item destacará o filme *Intervenção*, realizando uma análise sobre a forma com a qual é apresentada a relação entre os policiais de uma Unidade Pacificadora com a comunidade em que a instituição está inserida. Por fim, serão apresentadas algumas considerações sobre os principais pontos identificados a partir do estudo das obras escolhidas.

Cinema e História: breves reflexões

O cinema pode ser um instrumento importante de construção de diferentes discursos uma vez que utiliza recursos que permitem uma verossimilhança com a realidade, podendo desta forma ser interpretado por aqueles que assistem às produções cinematográficas. Kornis explica que.

A questão central que se coloca para o historiador que quer trabalhar com a imagem cinematográfica diz respeito exatamente a este ponto: o que a imagem reflete? ela é a expressão da realidade ou

é uma representação? qual o grau possível de manipulação da imagem? Por ora, essas perguntas já nos são úteis para indicar a particularidade e a complexidade desse objeto, que hoje começam a ser reconhecidas. (Kornis, 1992, p.237)

Uma produção cinematográfica pode ser uma interessante fonte para a compreensão de uma determinada realidade não em todas as suas dimensões, mas sim sobre como diferentes situações são representadas em distintos espaços. O filme é uma produção que responde a uma série de expectativas mercadológicas, que não podem ser ignoradas por aqueles/as que desejam empreender uma investigação científica sobre o tema. Assim, uma obra cinematográfica é direcionada a um grupo específico, remete à necessidade de responder a uma série de investimentos e também, de certa forma, se vincula às mensagens que outros segmentos profissionais que também elaboraram o filme como produtores, roteiristas, diretores e outros profissionais. Os filmes são obras complexas e que podem sensibilizar aquele que o assiste, valendo-se de recursos audiovisuais que capturam a atenção do espectador, introduzindo temas que podem gerar variadas reflexões. Nóvoa discute esta questão, demonstrando as potencialidades desta fonte história

Nenhum documento se impôs tanto, de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme. Este, para o cientista social, para o psicólogo e para o psicanalista, passou a ser visto como um modelador de mentalidades, sentimentos e

emoções de milhões de indivíduos, de anônimos agentes históricos, mas também como registro do imaginário e das ações dos homens nos vários quadrantes do planeta. (Nóvoa,1995, p.2)

A narrativa de uma produção cinematográfica tem o potencial de permitir que sua plateia se abstraia de tal modo da realidade que confunda a trama com algo concreto, inclusive aquelas produções que se referem a fatos reais e históricos. Essa conexão estabelecida junto ao público possibilita a comunicação de mensagens variadas, e aqueles e aquelas que assistem ao filme podem se sentir identificados com alguns personagens e seus desafios, sentimentos e temores, uma vez que um filme ao mesmo tempo pode aproximar a narrativa das próprias experiências das pessoas, enquanto pode também afastá-lo de seu cotidiano. Menezes afirma que

O filme está lá sendo projetado e nós que o assistimos podemos nos emocionar. (...) No cinema alguns de nossos sentidos estão em estado de suspensão. Entramos em um túnel que irá desligar-nos de nossas relações imediatas com o mundo que nos cerca. Quando lá estamos, estamos fora do tempo e do espaço. Estamos em um lugar para entrar em imersão em algo que é absolutamente diferente do mundo do qual saímos e no qual vivemos. (Menezes, 1996, p.86)

Portanto, uma obra cinematográfica tem a capacidade de despertar diferentes discussões relativas à esfera do real, e ao mesmo que se baseia no cotidiano, também o influencia em uma relação de reciprocidade. Os filmes selecionados apresentam uma ótica específica sobre as populações marginalizadas, as quais vivem em periferias e que comumente são estigmatizadas por esse fato, sendo que estas películas podem transmitir discursos que reforcem tal exclusão. Após este primeiro debate e munidos da concepção de que os filmes a serem analisados são fontes potentes para a interpretação de uma dada realidade, passaremos a apresentar as obras selecionadas, evidenciando suas singularidades, distanciamentos e aproximações no modo de abordar as relações entre policiais e moradores das favelas.

TROPA DE ELITE E A APOLOGIA À VIOLÊNCIA

O filme *Tropa de elite* (2007) do diretor José Padilha, foi inegavelmente um estrondoso sucesso, não apenas no período em que esteve sendo exibido nas salas de cinema quanto em seu consumo por outras vias, como em dvds e nos espaços virtuais por meio dos quais o filme poderia ser assistido. Menezes faz tal constatação, afirmando que

Tropa de elite foi o maior sucesso do cinema nacional brasileiro do ano de 2007. Sucesso realmente avassalador teve, segundo estimativas, algo em torno de 13,5 milhões de espectadores, sendo que por volta de 11 milhões viram o filme por meio de cópias piratas baixadas da internet ou vendidas por camelôs. (Menezes, 2013, p.63-64)

A trama abarca o cotidiano de Nascimento, capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro que é designado para “pacificar” uma comunidade, enquanto deseja ardentemente se aposentar da corporação. Para isso, precisa encontrar alguém que possa substituí-lo e, ao conhecer dois jovens que desejam integrar o BOPE, passa a observar qual deles poderia cumprir o papel adequadamente. O tempo vivido na corporação bem como o nascimento do filho pressionam o personagem, cuja constante tensão é possível acompanhar ao longo das cenas. Nascimento, cujo trabalho paradoxalmente leva à morte um considerável número de pessoas nos espaços periféricos, mostra-se sempre em uma situação limite e perto de ruir, ao mesmo tempo em que promove e é envolvido por situações de extrema violência.

O filme acompanha por um lado este dia a dia de Nascimento, procurando de certa forma humanizar a figura do policial, mostrando cenas em que este está em sua casa, muito simples, com móveis antigos, o que remete à honestidade do profissional que arrisca sua vida diariamente e sequer recebe uma retribuição financeira à altura. O embate entre as forças policiais e os moradores das favelas, retratados constantemente como criminosos na película, passa ao espectador uma sensação de uma guerra constante, em que tudo então é válido. A relação estabelecida entre personagens policiais e a população periférica é apresentada de modo bastante superficial e são enfatizadas cenas de tiroteio, em que o medo e a opressão são constantemente mobilizados. Assim, os moradores destes espaços, figuras cuja história não é aprofundada, aparecem somente em situações estereotipadas, constantemente portando armamentos pesados em reuniões referentes às decisões sobre o tráfico, jovens recrutados para funções relativas a esta prática

criminosa ou em bailes funk, sem enfatizar outras dimensões do cotidiano destes indivíduos, que de certa forma já aprecem estar submetidos a condições que paulatinamente retiram sua humanidade, acentuando um olhar sobre o exercício de uma necropolítica nestes espaços. Achille Mbembe esclarece este conceito argumentando da seguinte forma

(...) propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (Mbembe, 2016, p.146)

O filme, deste modo, parece focar o processo de turbulência experimentada pelo capitão do BOPE que, treinado para, de certo modo, para matar, função que requer uma desumanização do outro, começa a de certo modo ser atingida pela realidade da paternidade futura, o que rompe a couraça construída por meio, por exemplo, dos exercícios a que são submetidos os aspirantes à instituição. Nascimento raramente expõe sentimentos de empatia com os grupos com os quais interage, exceção feita ao momento em que uma mãe o procura para ter notícias do corpo do filho, o qual teria sido morto por denunciar traficantes após ser submetido à tortura dos agentes do BOPE. DE um modo geral, uma vez que o filme opta por abordar o olhar do protagonista ou de outros personagens po-

liciais, pouco se identifica dos sentimentos ou da história prévia das figuras periféricas, que acabam por não encontrarem um espaço autêntico de representação no enredo. Tal situação impõe obstáculos para que haja tanto na trama quanto para quem assiste a possibilidade de associar a precariedade de todas estas vidas, as dos personagens e também a do público, observando o que nos une enquanto humanidade e não o que nos afasta. Butler reflete sobre este tema, explicitando que

Quando consideramos as formas comuns de que nos valemos para pensar sobre humanização e desumanização, deparamo-nos com a suposição de que aqueles que ganham representação, especialmente autorrepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos. (Butler, 2011, p.24)

De fato, *Tropa de elite* e suas constantes cenas de ação capturam a atenção do observador, e sua narrativa tende a constituir uma relação binária entre policiais (os sofridos heróis) e os criminosos (bandidos) de tal forma que acaba por de alguma forma justificar o uso de práticas hediondas contra os “bandidos”, como a tortura. Mesmo quando o filme procura realçar as péssimas condições de trabalho dos policiais, como baixos salários e as pressões vinculados à exposição da violência, demonstrando que alguns

profissionais acabavam por adotar práticas corruptas, os personagens que se valiam de tais expedientes eram “fracos” e “covardes”. A brutalidade com que os enfrentamentos são apresentados na tela deixam, em determinado momento, de chocar o espectador, que, uma vez que tais medidas estão sendo cometidas contra os criminosos, passam a ser justificadas e quiçá desejadas. Menezes aponta para os perigos de uma narrativa que, em certa medida, propõe a existência de situações que possibilitariam o uso de tortura por exemplo.

(...) o filme caminha por uma perigosa ambiguidade: por um lado, apresenta a tortura como algo questionável, que mancha a reputação ilibada de Nascimento, e do BOPE em geral; por outro, ao sugerir a legitimação dessa mesma tortura, aponta para uma quebra das relações de direito, o que pode facilmente ser lido como uma aposta na solução policial para problemas complexos demais para serem simplificados assim (...) (Menezes, 2013, p.73)

O filme mobiliza aqueles que assistem a se posicionar contra o “vilão” da narrativa, o chefe do tráfico Baiano, conhecido bandido que possui boas relações com os moradores do complexo de favelas e que também estabelece contatos com personagens identificados com a burguesia urbana da cidade e que instituíram uma ONG no território. O presente estudo não se dedicou em analisar tais personagens e sua inserção na trama, mas é fato que estes servem para reforçar a crueldade de Baiano, o qual executa friamente dois es-

tudantes que teriam traído sua confiança. Após a morte do jovem policial Neto, escolhido para seu sucessor, Nascimento, que demonstra atitudes cada vez mais violentas, inclusive contra a esposa, decide executar o traficante, sobre o qual refere saber que provavelmente possui uma história de vida trágica, marcada pela exclusão, mas que tal informação de nada adiantaria neste momento. Por fim, Baiano é executado, sendo ainda seu último pedido, para que o tiro fatal não fosse direcionado ao seu rosto, ignorado, marcando assim, um final que sela uma ação de vingança, sem seguir os trâmites da justiça. A cena final, portanto, pode incitar no observador, uma sensação de exaltação, em que o “bem” teria prevalecido e o “mal” sido extirpado, a partir de uma ação pragmática e mais simples, sustentada por uma cultura policial relativa ao fazer concreto. Marques e Rocha referem que

a cultura policial tem como principal base a referência a um saber prático, resultado de experiências concretas de combate ao crime e que se disseminam informalmente entre veteranos e novatos. Muitas das decisões tomadas por policiais em seu exercício têm como referência uma mistura entre treinamento oficial, sabedorias e táticas herdadas e conhecimentos informais (Marques, Rocha, 2010, p.50)

Deste modo, o filme *Tropa de elite* ao decidir enfatizar o olhar do protagonista policial e apresentar a população moradora dos espaços de periferia por meio de uma perspectiva pouco aprofundada, acentuando apenas o caráter violento destes confrontos,

acaba por incentivar uma ótica binária de um suposto “bem” contra o “mal”, possibilitando que os espectadores reforcem estigmas já sofridos por moradores destes espaços, validando ações violentas praticadas por agentes do estado, também expostos ao perigo e à violência, em uma engrenagem na qual o sistema que alimenta tal realizada mantém-se intacto.

INTERVENÇÃO: UMA POLÍCIA POUCO PACIFICADORA

O filme *Intervenção: é proibido morrer* (2021) narra a história de Larissa, uma policial concursada que assume seu posto em uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) instalada em uma favela do Rio de Janeiro e que, extremamente honesta e disposta a exercer a lei de forma correta em seu trabalho, entra em choque com as formas de acomodação e as relações estabelecidas, as quais mantém, muitas vezes, práticas corruptas e ilegais nestes espaços. A UPP é chefiada pelo major Douglas, policial experiente e habituado a resolver as situações que se lhe apresentam, é um homem cansado das mortes com as quais diariamente convive, focado em seu trabalho após a morte de sua esposa, também policial.

As UPP se originaram a partir de uma proposta de política pública na qual espaços policiais seriam inseridos nas favelas no intuito de combater o tráfico a partir não apenas da presença constante das forças policiais nestes espaços, mas também da utilização de práticas que constituíssem vínculos entre moradores e agentes de Estado. Tal proposta gera uma série de reflexões sobre quais instituições do Estado deveriam ter o papel de promover ações junto a estas comunidades, pois acaba por fortalecer a perspectiva de que o segmento dos agentes públicos que teriam a incumbência (mas talvez não o adequado preparo) para lidar com as comunidades seria a polícia. Franco

analisa, em sua dissertação de mestrado esta temática, e expõe que

Nesse modelo de “pacificação” descrito acima, considera-se que as políticas públicas sociais chegam, no mínimo, em segundo plano, e em determinadas regiões nem chegam. Ocorre que a polícia figura como força reguladora e responsável pela manutenção da “ordem” nas favelas. E as políticas sociais absorvem como interlocutores outros mediadores locais, como diferentes agentes de programas e projetos sociais. Esses programas e projetos são frutos de ações sociais públicas e privadas que parecem fundamentais para a legitimidade e aceitação pública das UPPs (Franco, 2018, p.57)

Apesar do fato de que as cenas iniciais da película também enfatizarem a realidade violenta vivida por policiais, mais uma vez os protagonistas da trama, denunciando as péssimas condições de trabalho com equipamentos velhos e que não garantem a segurança dos agentes, o filme parece avançar quanto à apresentação das relações entre policiais e comunidade. A passagem em que um camburão da polícia é alvejado, levando à morte de um dos policiais e traumatizando seus colegas aponta para o cotidiano violento que será enfrentado pela personagem central, o que é reforçado por outras passagens em que a ação se concentra em trocas de tiros entre criminosos e policiais. Contudo, o filme questiona outros elementos, como o sistema judiciário, que também

atuaria dentro da engrenagem soltando rapidamente os indivíduos presos pelos policiais. Este tópico não é objeto de discussão do presente estudo, que se isenta de julgamentos de valor, mas permite avaliar que esta produção procura expandir a compreensão da situação de violência experienciada pelos personagens.

As personagens que habitam o espaço das favelas também são apresentadas em uma realidade mais complexa, e vários são os trechos em que é possível identificar que há um conhecimento entre tais figuras, pois policiais e moradores se chamam pelo primeiro nome. Entretanto, sempre há uma relação conflituosa nas entrelinhas, uma certa desconfiança entre agentes e população, como é o caso da cena em que uma personagem, mãe solteira, que costuma deixar seu filho pequeno com os policiais, leva cachorro-quente em uma ação de gentileza e alguns dos agentes conversam entre si propondo que o alimento poderia estar envenenado. Ao longo do filme esta percepção se mostrará válida quando esta mesma personagem irá denunciar uma ação criminosa de Douglas, que deposita uma arma na mão de uma moradora da favela atingida acidentalmente por um tiro em uma ação de perseguição a bandidos. A personagem assassinada, contudo, já havia sido apresentada anteriormente munida de uma arma, o que, possivelmente busca, subliminarmente, tornar essa morte mais aceitável. Tal denúncia que incrimina Douglas levará o personagem ao suicídio, acarretando o sentimento de inconformidade e desejo de retaliação por parte de Larissa.

O filme se esforça mostrar a complexidade destas interações, buscando trazer alguns contrapontos à narrativa policial, diferentemente do filme *Tropa de elite*. Tal questão se evidencia nos diálogos entre Larissa e sua irmã Flávia, a qual procura orientar moradores de favela sobre como agir para denunciar a vio-

lência sofrida. Assim, é possível verificar diferentes olhares, demonstrando também a existência destes espaços organizativos nas comunidades periféricas. Silva reflete sobre tal pluralidade de experiências vividas pelos habitantes destes espaços e suas relações com os agentes institucionais, afirmando que

A barbárie e a violência convivem com forças de oposição e resistência, mobilizações e lutas constitutivas do universo das forças políticas e democráticas – organização em grupos e coletivos, construção de rede de solidariedade e afetividade, manifestações de artísticas e políticas, grupos de denúncias, entre outros – particularidades de um cotidiano de enfrentamentos e lutas cotidianas. (Silva, 2018, p.13)

Assim, Larissa perde suas ilusões de forma brutal ao longo da narrativa, mas ao contrário de Nascimento, opta não pela execução do criminoso o qual ela prende, mesmo estando submetida e emoções fortes e contraditórias; ao contrário, em filmagem por ela realizada, denuncia o sistema que acaba por ceifar um considerável número de vítimas e acaba por se entregar pelos abusos cometidos em sua prática, em uma atitude que tem por finalidade apontar a crença de que o cumprimento rigoroso da lei e os trâmites da justiça ainda são a única solução para que a barbárie não predomine nas relações entre Estado e comunidades marginalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo obteve como principais resultados a observação de que o cinema é um instrumento impor-

tante em relação a propagar uma determinada narrativa para a sociedade, a qual, muitas vezes, assiste às produções cinematográficas sem o adequado conhecimento sobre os temas tratados, confundindo a realidade com a ficção. Os filmes escolhidos apresentam uma relação bastante conflituosa entre instituição policial e moradores das favelas e a opção dos filmes em ter como protagonistas os policiais, acarreta personagens bastante estereotipados, e em relação àqueles que vivem nas comunidades, um olhar bastante superficial. Deste modo, tais filmes podem auxiliar a naturalizar situações de embate e violência entre agentes de Estado e moradores de espaços marginalizados, sendo necessário desconstruir estereótipos que são disseminados, muitas vezes, por meio destas produções cinematográficas.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Victor. Nove em dez mortes em ações policiais na Maré têm indícios de execução. Agência Brasil Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/nove-em-dez-mortes-em-aco-es-policiais-na-mare-tem-indicios-de-execucao#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,12%20mortes%20no%20ano%20passado>. Publicado em 13 de março de 2023. Acesso em 15 de abril de 2023.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

FRANCO, Marielle. UPP—A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. 2018. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/2166>

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

MARQUES, Ângela C. S., & ROCHA, S. M. (2010).

Representações fílmicas de uma instituição policial violenta: resquícios da ditadura militar em Tropa de Elite. *Revista FAMECOS*, 17(2), 49–58. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.2.7542>

MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Arte & ensaios*, v. 2, n. 32, p. 122-151, 2016.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. Cinema: imagem e interpretação. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 8(2): 83-104, outubro de 1996.

_____. Tropa de Elite: Perigosas Ambiguidades. *Revista Brasileira de Ciências Naturais*[online], Vol.28, N 81, p. 63 – 65, Março, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000100005>. Epub 28 Mar 2013. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000100005>.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. *O olho da História*, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1995.

SILVA, Eliana Pereira. Barbárie e questão social-cotidiano e resistência de mulheres negras nas periferias das grandes cidades. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22793> acesso em 10 de junho de 2022.

A INFLUÊNCIA DA ARTE NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DO IFRS – BR

ISADORA OMINE LINO DA SILVA
ANDRESSA ARGENTA
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN

RESUMO

O resumo aborda a pesquisa em desenvolvimento trabalhada no componente curricular de Metodologia Científica no curso Técnico de Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio no Campus Bento Gonçalves/IFRS. A pesquisa tem o propósito de compreender e obter informações sobre a relação estabelecida entre a arte e a saúde mental dos jovens do Campus Bento Gonçalves, e de que modo esta pode ser usada como um suporte psicológico no cotidiano. Observando as situações no dia a dia e as experiências pessoais com a arte, percebe-se uma afinidade entre suas linguagens, como a dança, as artes visuais, o teatro e a música, e os cuidados com a saúde mental das pessoas, especialmente na vida dos jovens. Compreendendo a potência que a arte carrega, enquanto possui a capacidade de oferecer liberdade quando se trata de expressão, surge o objetivo de investigar e observar a sua utilização em parceria com as relações com a saúde mental. Analisando situações e experiências pessoais, propõe-se aprofundar o conceito da arte como um suporte emocional e de que modos isso pode influenciar no psicológico e no bem-estar das pessoas. A metodologia, de caráter qualitativo e exploratório, está sendo desenvolvida através de análises teóricas, a partir da leitura de textos e artigos científicos, questionários e registros de experiências pessoais com base em diário de bordo. As conclusões e resultados

terão base nas informações obtidas no questionário, que será aplicado e visa obter respostas dos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFRS do Campus Bento Gonçalves.

Palavras-chave: arte; saúde mental; expressão; juventude; iniciação científica.

INTRODUÇÃO

A arte pode vir a ser um modo de expressão para pedir ajuda e receber ajuda ao mesmo tempo. No dia a dia, ao observar o entorno, esta percepção se torna mais clara. Certa vez, li em um artigo sobre uma mulher que acreditava que a arte expressa aquilo que não pode ser dito. Talvez por isso, em um momento de instabilidade, optamos por aquilo que nos permite exercer o que as palavras não conseguem.

Esse projeto foi iniciado com base nos seguintes questionamentos: quantas pessoas usufruem das linguagens da arte em um momento de dificuldade emocional? Ela funciona? De que forma? A partir disso, a pesquisa segue com o objetivo de compreender de que modo a arte se relaciona com as pessoas e quão frequentemente suas linguagens são utilizadas como um apoio, além de investigar qual a relação dos jovens com as linguagens da arte no cotidiano. A metodologia do projeto se baseia na aplicação de um questionário, leitura de artigos, análises bibliográficas e o uso de um diário de bordo onde são registradas as experimentações e observações desses cotidianos. O presente artigo está organizado em três partes: Introdução, discussão e considerações finais. Após esta breve apresentação, será aprofundado o processo da pesquisa e detalhamento da metodologia. Em seguida, as considerações, apresentando os resultados parciais do projeto.

DISCUSSÃO

A temática da pesquisa surgiu do meu próprio interesse pela arte e seus modos de manifestação. Minhas experiências pessoais me induzem a inconscientemente questionar se outras pessoas vivenciam a mesma situação e de que maneira a arte os conduz até a estabilidade mental novamente. Pude enxergar as relações entre alguns colegas e as linguagens artísticas a partir de algumas observações cotidianas e anotações no diário de bordo.

OBSERVAÇÕES DO DIA A DIA

A vivência no Campus e as interações com pessoas próximas foram alguns dos fatores que me permitiram confirmar a pergunta da pesquisa. Durante esse processo, pude observar a diversidade de linguagens artísticas e de que modo elas auxiliam as pessoas que as exerciam.

Analisando minha sala de aula, percebi que, algumas pessoas, ao se sentirem deslocadas ou ansiosas, desenham, escrevem, assistem filmes e séries, ouvem música ou cantam. Nas turmas exteriores, também é comum observar as mesmas práticas, com algumas linguagens a mais ou a menos. De certa forma, já esperava que uma grande parte dos estudantes consumissem ou praticassem algo. Afinal, como fugir da arte? É quase impossível quando ela é o chão da sua casa e o teto do seu quarto: você olha para eles todos os dias. Mas algo que eu não esperava e que me chamou a atenção foi uma observação feita durante o evento da Mostra Técnico Científica, que ocorreu no Campus Bento Gonçalves em novembro, onde apresentei a proposta do projeto de pesquisa que exploro nesta escrita. Enquanto eu fazia a apresentação do banner, decidi interagir um pouco com as pessoas que assistiam. Em certo momento, uma docente de Artes Visuais do IFRS Campus Sertão e uma aluna do

Curso Técnico de Meio Ambiente estavam assistindo juntas, questionei-as se exerciam alguma linguagem da arte no cotidiano quando se sentiam tristes ou psicologicamente abaladas num geral, e se sim, qual. A professora respondeu que dava aulas de arte, e, portanto, mantinha um contato direto com ela. Esperei que a estudante fosse dar uma resposta semelhante às outras que ouvi. Entretanto, ela disse que não consumia ou praticava nada. Surpresa, perguntei à ela se escutava música ou assistia a filmes e séries. Ela me olhou em silêncio. Sua feição mudou para uma expressão diferente, como se acabasse de perceber algo óbvio. Após obter respostas das moças, questionei-lhes se consumir aquelas linguagens da arte as faziam sentir melhor. Ambas afirmaram que sim.

Parte da pesquisa até o momento atual se apoia nestas pequenas observações cotidianas. Logo, entendi que se nunca houvesse prestado atenção ao redor, não teria certeza da funcionalidade da arte aplicada diretamente nos estudantes, não só do IFRS campus Bento Gonçalves, mas de diversos Campus com os quais tive o prazer de interagir. Além disso, entendi quão inescapável a arte consegue ser no dia a dia. Mesmo quando os indivíduos que a exercem mal percebem o contato que estão tendo. E, mesmo quando não é percebida, não deixa de ser utilizada e, acima de tudo, permanece funcionando como auxílio emocional, tanto para as pessoas em geral como para os estudantes analisados.

Ademais, para que pudesse comprovar sua funcionalidade e totalizando com a iniciativa da pesquisa a partir de um gosto pessoal, parte do projeto se dá por relatos e observações da minha própria experiência com algumas linguagens da arte.

EXPERIÊNCIA PESSOAL DURANTE O PROCESSO

Como mencionado previamente, um diário de

bordo foi utilizado como parte da metodologia. Durante o desenvolvimento do projeto, permaneci relatando sobre experiências pessoais com a arte e produzindo algumas obras, fazendo anotações sobre o que sentia e observando a mudança das emoções conforme exercia alguma atividade. As práticas mais utilizadas no meu dia a dia foram o desenho, a pintura, a escrita e o consumo da música. E durante o tempo em que tive contato com elas, pude dizer que, exercendo-as, conseguia respirar novamente. Em um momento de turbulência psicológica, os mais diversos impulsos surgem em você. E é difícil raciocinar. Como poderia ser uma tarefa simples, afinal? Certa vez, um psicólogo me disse que, em momentos de enorme euforia, seja ela ruim ou boa, é difícil pensar. Portanto, o comum é apenas reagir. Nos momentos em que pude pensar em algo que pudesse fazer para aliviar a ansiedade, eu pinteí. Enquanto espalhava tinta vermelha pelo tecido do canva, pude enxergar minha ansiedade nele. E às vezes, quando o vejo na parede, entendo um pouco melhor aquilo que senti.



Imagem 1: Pintura feita durante o processo de pesquisa. Fonte: OMINE, Isadora. [Sem título]. 2022. Pintura, tinta de tecido sobre tela, 30 x 30 cm.

A partir disso, entendi de que modo a arte funciona como suporte emocional. Ela te permite enxergar sua parte de dentro, aquilo que revira sua caixa torácica mas não emite palavra nenhuma. Ela não tem filtro.



Imagem 2: Pintura produzida durante a pesquisa. Fonte: OMINE, Isadora. Perdão. 2022. Pintura, tinta de tecido sobre tela, 30 x 30 cm.

Como mencionado previamente, parte da metodologia se deu por análises bibliográficas e leitura de artigos. Durante o processo da pesquisa, busquei informações sobre duas figuras específicas que presenciaram a relação entre a arte e a saúde mental em suas vidas. Afinal, quão clara a arte em prol do bem-estar psicológico pode ser para uma médica psiquiatra e um artista esquizofrênico?

NISE DA SILVEIRA & BISPO DO ROSÁRIO

Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra brasileira que viveu entre os anos de 1905 e 1999. Formou-se em 1926, na Bahia, na faculdade de medici-

na, sendo a única aluna mulher em uma turma de 158 homens. Nise dedicou sua carreira à psiquiatria, opondo-se aos métodos de tratamento aplicados nos pacientes da época, incluindo a lobotomia, insulino-terapia, eletrochoques e outras táticas violentas.

Nise da Silveira nasceu em 1905 em Maceió, estado de Alagoas. Formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, dedicou-se à psiquiatria sem nunca aceitar as formas agressivas de tratamento da época, tais como a internação, os eletrochoques, a insulino-terapia e a lobotomia. (Uma psiquiatra rebelde, 2006, p. 1)

Ela foi uma aluna de Carl Jung e foi presa no ano de 1930, por ter envolvimento com organizações de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro. Nise se tornou uma figura memorável por revolucionar a psiquiatria brasileira, moldando os métodos de tratamento e introduzindo expressões artísticas e envolvimento psicológico com animais domésticos.

A atuação profissional de Nise da Silveira se deu no sentido de combater esses (e outros) métodos tradicionais e violentos. Ela propunha tratamentos alternativos, mais humanizados, para garantir a recuperação dos pacientes. Um dos métodos alternativos propostos por Nise foi o uso da arte. (Silva, 2022, p. 8)

O tratamento artístico de Nise trabalhava principalmente com o uso de telas para pintura, de forma que os pacientes pudessem se expressar por meio de desenhos e cores. O uso dessa lingua-

gem artística em substituição das agressões permitiu a criação de novas obras e um novo método de abordar as pessoas internadas na clínica psiquiátrica em que a mulher trabalhava.

Enquanto isso, Arthur Bispo do Rosário, mais conhecido como Bispo do Rosário apenas, nasceu em Japaratuba, em Sergipe, no ano de 1909. Apesar de ser normalmente conhecido como artista, Arthur exerceu muitas outras profissões antes de ser internado em um hospital psiquiátrico. Há registros de alistamento na marinha, boxeador, trabalhador do Departamento de Tração de Bondes no Rio de Janeiro e empregado doméstico. Ele veio a falecer no dia 5 de julho de 1989, abandonando diversas obras que produziu durante seu tempo de vida. Ficou conhecido por seu diagnóstico de esquizofrenia e a influência de sua condição na área artística.

Natural de Japaratuba, no interior do estado de Sergipe – onde nascera em 1909, e para onde jamais retornou – para ingressar, em 1925, na Marinha, Arthur Bispo do Rosário foi negro, pobre e nordestino. Foi boxeador e biscateiro. Entre 1933 e 1937, trabalhou no Departamento de Tração de Bondes, na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, como empregado doméstico da família Leone, no bairro carioca do Botafogo. (Bispo, 2013, p.1)

Arthur é enviado para o hospital da Praia Vermelha após seu suposto primeiro episódio de alucinações. Entretanto, é após a transferência para a Colônia Juliano Moreira que começa a produzir suas obras. Bispo costumava reutilizar materiais como plástico, madeira e tecidos para a construção de suas peças de arte. Suas exposições foram marcadas pela fabricação de navios, formatos e grandes telas com fios de

tecidos de suas próprias roupas antigas e mantos coloridos cheios de escritas em branco.

Essas duas figuras me chamaram a atenção durante o tempo que passei pesquisando sobre elas. Afinal, é muita coincidência. Uma médica psiquiátrica e um homem esquizofrênico. Uma introduziu a arte para ser consumida por pacientes com transtornos mentais. O outro a produz como uma dessas pessoas. Ao apresentar minha pesquisa para os avaliadores da MTC (Mostra Técnico Científica), ouvi de um dos artistas que enquanto Nise da Silveira propunha a prática, Bispo do Rosário exercia a prática. Um confirma a proposta do outro e vice-versa. Ambos mantêm essa relação indireta um com o outro, mas se conectam por estarem envolvidos neste vínculo entre a arte e a saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa, já tinha uma resposta esperada à minha própria pergunta: a arte influencia de uma maneira positiva na saúde mental das pessoas em um geral, então certamente impactará do mesmo modo no bem-estar psicológico dos estudantes do Campus. Era um pensamento convencido, mas felizmente obtive resultados bastante satisfatórios que se aproximavam da minha crença inicial. Em minha experiência pessoal como artista e estudante do IFRS-BG, além das observações cotidianas e anotações sobre a manifestação das expressões artísticas no dia a dia dos alunos, foi possível concluir que o uso de linguagens da arte como uma prática de cuidado e auxílio psicológico à saúde mental é uma maneira funcional de influenciá-la positivamente. Utilizar um método calmante de expressar as emoções e sensações internas é uma maneira de introduzir novas práticas de tratamento. Além disso, as análises bibliográficas sobre Bispo do Rosário e Nise da Silveira

como figuras que se envolvem diretamente e indiretamente no campo da arte com a saúde mental trouxe credibilidade à crença de que as expressões artísticas auxiliam no bem-estar mental, tanto de pessoas com transtorno mental como no de pessoas neurotípicas em um geral. Entretanto, como a pesquisa se mantém em desenvolvimento, a aplicação do questionário ainda será realizada para que seja possível aprofundar a relação dos estudantes com a arte e saúde mental.

REFERÊNCIAS

A ARTE como benefício para a saúde mental. Psicologia Viva, 2021. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/a-arte-como-beneficio-para-a-saude-mental/#%3A-%3Atext%3DA%20arte%20%3%A9%20uma%20excelente%2Centender%20quais%20s%C3%A3o%20essas%20sensa%C3%A7%C3%B5es> . Acesso em: 16 mai. 2022.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: Função social e educativa, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/omine/Downloads/admin,+1199-3443-1-RV+(3)+Arte+Necessi.pdf

BIENARTH, André. Você precisa conhecer a história de Nise da Silveira, 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/tunel-do-tempo/voce-precisa-conhecer-a-historia-de-nise-da-silveira/> . Acesso em 19 jun. 2022.

BISPO do Rosário e sua arte de 'enlouquecer' os signos. Portal Gelédes, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bispo-rosario-e-sua-arte-de-enlouquecer-os-signos/>. Acesso em: 4 dez. 2022.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/?lang=pt&format=ht>

[ml &stop=next](#) . Acesso em: 19 mai. 2022.

OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; WECHSLER, Solange Muglia. Criatividade e Saúde Mental: Uma Revisão da Produção Científica na Última Década, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513754281002>.

PAMPARAL, Daniela; TAVARES, Mara. A) Arthur Bispo do Rosário. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/a-arthur-bispo-do-rosario>

SILVA, Daniel Neves. Nise da Silveira. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/nise-da-silveira.htm> . Acesso em: 3 dez. 2022.

UMA psiquiatra rebelde. Nise da Silveira, Vida e Obra, 2006. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/uma-psi-quiatra-rebelde.php> . Acesso em 3 dez. 2022.

VALENTE, Pablo. Arteterapia: A transformação em Saúde Mental por meio da Arte. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/a-arteterapia-como-instrumento-de-transformacao-e-autonomia-na-saude-mental/#comments>

VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Como a arte pode nos ajudar a lidar com a saúde mental. Time da saúde, 2021. Disponível em: <https://www.timede-saude.com.br/artigo/arte-saude-mental> . Acesso em: 16 mai. 2022

VEIGA, Edison. Nise da Silveira: quem foi a psiquiatra que teve homenagem vetada por Bolsonaro, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61603637> . Acesso em 19 jun, 2022.

A INFLUÊNCIA DAS CORES EM OBRAS DE ARTE SOBRE O ESPECTADOR

GRÉGORI KUNZ BUZETTI
ANDRESSA ARGENTA
JANINE BENDOROVICZ TREVISAN

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco analisar e compreender o uso estratégico das cores em obras de arte especificamente, em pinturas e obras audiovisuais, e o modo de como elas afetam a percepção e concepção do espectador sobre a obra, podendo assim, influenciá-lo a se sentir de tal forma e/ou interpretar a obra de certa maneira, uma vez que a percepção é subjetiva e individual, portanto, não há um jeito certo ou errado de interpretar uma obra. Entre os objetivos específicos, tem como propósito a análise e compreensão da teoria das cores, sua psicodinâmica, identificar e analisar seus efeitos causados a partir de obras de arte, seus aspectos culturais e simbólicos. A compreensão das sensações surtidas à partir das cores será analisada pela teoria da cor criada por Johann Wolfgang von Goethe, em seu livro Doutrina das Cores. A escolha da teoria se torna um fator importante para a pesquisa, uma vez que, diversos artistas tiveram suas próprias investigações e versões de teorias das cores. Goethe interpreta a percepção humana sobre as cores como algo que ultrapassa o campo da visão, abrangendo também a área psicológica, dos sentimentos e das sensações. A metodologia, de caráter qualitativo e exploratório, está sendo desenvolvida através de análises de obras de arte, pesquisas visuais e a aplicação de questionário para a turma de primeiro ano do Técnico em Meio Ambiente Integra-

do ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Campus Bento Gonçalves. Como resultados parciais, as análises das obras indicam que o uso de paletas específicas é um fator incisivo para a compreensão dos sentimentos criados/provocados a partir da obra, tal como, paletas mais escuras e frias poderão intuir sentimentos melancólicos, como a tristeza, solidão e depressão, por outro lado, cores quentes podem trazer sentimentos mais eufóricos, como alegria, prazer e até mesmo, raiva.

Palavras-chave: arte; teoria da cor; percepção; percepção cromática; iniciação científica.

INTRODUÇÃO

A arte é muito presente no cotidiano de muitas pessoas ao redor do mundo, seja por meio de pinturas, desenhos, esculturas ou obras audiovisuais. Por ser um elemento tão presente e que influencia seus consumidores no modo de agir e entender a vida ao seu redor, diversos artistas utilizam de estratégias para ter mais atenção para as suas obras ou, para influenciar as pessoas a se sentirem de tal modo sobre suas obras, e a aplicação de tal se dá pelo uso de determinadas combinações e paletas de cores. A pesquisa se faz importante a partir da carência de compreensão da implementação das cores nas obras e de qual modo as mesmas afetarão a percepção do espectador sobre a obra, uma vez que a percepção e interpretação da mesma poderá variar dependendo do ponto de vista de quem a observa, assim, cada um irá senti-las de modo diferente.

O objetivo principal da pesquisa é compreender e explicar quais são os efeitos das cores em obras de arte sobre os espectadores, seus aspectos culturais e simbólicos também. Além disso, analisar e compreender a teoria e psicodinâmica das cores, pois

elas permitem que a pesquisa tenha fundação. Após a conclusão dos objetivos específicos, acredita-se que todos os passos para a execução do objetivo principal estejam tomados, afinal, eles são indispensáveis e de suma importância.

A metodologia consiste na análise autoral de obras artísticas, faz parte da análise a interpretação de como as cores interagem entre si e como são um fator incisivo na construção de tal atmosfera para a obra. Também faz parte da metodologia, pesquisas visuais, tanto para a escolha das obras para a análise, quanto para a escolha de obras para o questionário; o mesmo com função de aprimoração dos conceitos criados à partir de análises.

O artigo está organizado de forma onde é priorizada a contextualização das teorias da cor, para haver melhor compreensão da pesquisa por parte do leitor, um pouco de sua aplicação no cotidiano e após, as considerações finais com as obras analisadas.

O SURGIMENTO DA TEORIA DAS CORES

Ao longo dos anos muitos autores e pintores discutiram sobre a teoria das cores e a percepção delas nas obras artísticas, um dos pioneiros nesse assunto foi Leonardo da Vinci (1452-1519), que em seus manuscritos, sendo o mais famoso deles o “Trattato Della Pittura”, tinha anotações dos conceitos básicos da óptica e também de áreas como a física, fisiologia e química. DaVinci trabalhava com a cor-pigmento e como diferentes pigmentos interagiam entre si, ensinava a reprodução das cores e a montagem das telas, tudo de forma muito didática, o que facilitava o entendimento para outros pintores que viriam a ler. Ele definiu as cores primárias como “cores simples”, sendo elas amarelo, azul, branco, verde, vermelho e preto; em sua visão o preto e branco seriam as cores essenciais, e as outras primárias. Portanto, mesmo

que, mais tarde, o vermelho tenha sido considerado uma cor secundária, pois ainda pode ser dividido em magenta e amarelo, muito do que temos hoje sobre o chamado CMYK, teve seu início com o pintor.

O que a física chama hoje de síntese aditiva, Leonardo já havia descoberto, provando ser o branco a soma de duas cores complementares. Toda a teoria cromática dos tempos modernos baseia-se nesta descoberta. (Silveira, 2015, p. 22)

Após Leonardo, o físico e matemático, Isaac Newton (1643-1727), teve a sua versão da teoria da cor, trabalhando com um diferente conceito, a chamada “cor-luz”, no livro “Optics”. Diferentemente de Leonardo, Newton tinha sua visão mais física sobre as cores, segundo ele “as cores de todos os corpos são devidas simplesmente ao fato de que eles refletem a luz de uma certa cor em maior quantidade do que as outras” (167, p. 2002)

Anos depois, mais especificamente em 1810, o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, se opôs a teoria de Newton em sua pesquisa *Farbenlehre* (Doutrina das Cores), pois o mesmo não acreditava de que a luz branca não pode ser construída por cores mais escuras que do que a cor branca, portanto, defendia que as cores eram resultado da sua interação com a luz ou a falta dela.

Para Goethe, a luz era o ser mais simples, indivisível e homogêneo conhecido e, sendo assim, ela não poderia ser dividida em luzes coloridas como afirmava Newton pois uma luz colorida seria sem-

pre mais escura que luz incolor.
(Silveira, 2015, p. 27)

Newton e Goethe abordaram o assunto com dois pontos de vista completamente diferentes, enquanto Newton se preocupava sempre com o estabelecimento de critérios para a produção das cores como um fenômeno físico, Goethe não se importava com isso, ele achava que as cores eram algo que ia além do campo da física, mas que também abordava os aspectos fisiológicos do ser humano e que, suas diferentes aplicações influenciariam de modo diferente. Afinal Goethe acreditava que as cores eram algo subjetivo e que se limita apenas a percepção individual.

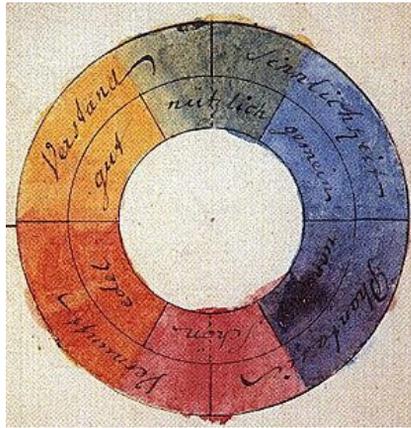


Figura 1: Círculo cromático do livro Teoria das Cores (1810)

Seu círculo cromático foi uma das fundações da doutrina, nele, as cores foram separadas individualmente em categorias, para ele, a cor preta era considerada a menos primordial do que a cor branca. Porque, na sua visão, o branco ao escurecer, se tornaria amarelo e o preto, ao clarear, se tornaria azul, poden-

do ser intensificado. As cores formariam um gradiente e isso indicaria a possibilidade de combinações que resultariam nas cores secundárias.

Um dos continuadores de suas pesquisas foi o médico, fisiologista, físico, linguista e egiptologista Thomas Young (1773- 1829), que retomou as pesquisas sobre cor no “Royal Institute of London” em 1801, com a sua nova teoria, a Teoria Sobre Luz e Cores de Young. De acordo com Moura e Boss:

A Teoria Sobre Luz e Cor é composta de quatro hipóteses iniciais e nove proposições. Young reconheceu que não proporia opiniões “absolutamente novas”. Da mesma forma, não viu a necessidade de realizar “um único experimento novo”, pois já existiam muitos para serem estudados. Seu trabalho, portanto, constituiu-se mais de uma releitura teórica de fatos, experimentos e ideias que propriamente da discussão de uma prova crucial a favor da teoria ondulatória. (2015, p. 02)

Young teve sua teoria complementada por Hermann von Helmholtz (1821-1894), que criou a Teoria Retinex de Edwin Land, assim unindo as duas em sua versão mais aceita atualmente a Teoria Young-Helmholtz. De acordo com Silveira:

No que se refere aos dados fisiológicos da visão cromática, as deduções de Thomas Young, completamente depois por Helmholtz, são hoje mundialmente conheci-

das sob a denominação de Teoria Tricromática da Visão Cromática. (2015, p. 92)

Apesar de muitos terem trabalhado com as cores e terem feito suas próprias versões da teoria da cor, a pesquisa foi realizada a partir dos conhecimentos e compreensão da teoria da cor de Goethe, com base no livro Doutrina das Cores.

APLICAÇÕES NO COTIDIANO

Como dito posteriormente, a arte está presente no cotidiano de muitas pessoas, por isso se torna tão importante a compreender e também seus efeitos na vida de todas as pessoas que têm contato com a mesma. Todos nós já vimos recriações de obras extremamente famosas e reconhecidas, como a Mona Lisa (Leonardo da Vinci, 1797) ou A Noite Estrelada (Vincent Van Gogh, 1889), mas poucas delas trazem alterações nas tonalidades e cores escolhidas pelo artista de origem, isso se dá porque a alteração de uma cor pode mudar o sentido da obra e as sensações que a mesma causa nos seres humanos, e justamente pelo fato de que a percepção é subjetiva e individual, assim, mesmo que o artista que recrie a obra não perceba tal alteração no conceito, muitos espectadores podem sentir de forma grande e até mesmo, perceber uma total alteração no contexto inicial da obra, o que pode ser levado como desrespeitoso.

Além de pinturas, a arte também está presente no audiovisual, o que teve um crescimento significativo nos últimos anos, devido a pandemia, alguns sites de streaming revelam um crescimento de 69% em suas ações em relação a 2019. Com o aumento da utilização de tais plataformas digitais, muitas pessoas entram em contato com a arte por meio de filmes, séries, novelas ou vídeos; e muitos desses,

utilizam de forma estratégica diferentes cores e tonalidades, para assim, influenciar as emoções que podem ser sentidas através das obras. Tal fator se coloca em evidência quando uma análise um pouco mais atenciosa é feita de tais filmes, como por exemplo, filmes de terror/suspense, tem o intuito de deixar as cenas o mais sombria possíveis, para assim, gerar um maior espanto do público quando assistirem, mas isso não é regra, alguns filmes como *Midsommar- O Mal Não Espera a Noite* (2019) ou *Suspiria* (2018), não fazem o uso de paletas escuras e frias que trazem preto, azul e roxo, mas sim, no caso de *Midsommar*, uma paleta de cores que é mais esbranquiçada e com tons mais claros.



O filme utiliza muito dos tons de branco, bege, amarelo, etc. Mesmo assim, consegue ser um filme

com uma trama surpreendente e bem construída. *Midsommar* é um vibrante filme de separação ambientado na terra do sol da meia-noite - luz do dia brilhante, amarelos e verdes marcantes, natureza e brancos cativantes que iluminam você em todos os lugares. Este é um contraste gritante com o que o público pode esperar quando pensa no gênero de terror, mas o filme ainda cumpre sua missão de nos intimidar. Com uma compreensão mais profunda de como isso é feito, é possível observar como o filme foge dos clichês das paletas frias para criar sua atmosfera assustadora, ao invés disso, ele utiliza de toda sua estranheza, grandiosidade e complexidade para criar um terror psicológico quase que perfeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises percebe-se que muitos artistas utilizam desse artifício que é a cor para trazer mais profundidade e sentimento para suas obras, mesmo que, de diferentes modos. Essas aplicações são feitas, principalmente, em obras que tem o intuito de transmitir algo ao espectador e, mesmo que de forma sutil, a construção da paleta de cores escolhida para a obra, é um dos principais fatores para transmitir as sensações que o(a) artista deseja. Com uma compreensão mais clara de como as cores funcionam sobre as obras e de como elas irão influenciar na percepção do espectador, as análises se tornam algo única e exclusivamente individual e subjetivo, ou seja, não há modo certo ou errado de interpretar uma obra, mas sim, diferentes modos em diferentes contextos com pontos de vista também diferentes, contudo, todas as análises aqui presentes são de autoria própria.



Backstage- Symphony in Blue. Jean Louis Forain (1900-1923)

A obra trata de duas bailarinas no *backstage*, esperando para se apresentar ou pós-apresentação, portanto, o contexto geral da pintura transmite muito sobre a ansiedade, o medo, o receio de talvez, serem rejeitadas pela plateia ou falharem durante a apresentação. A partir da análise da obra, pode-se observar que o uso de uma paleta de tons frios, que traz muito azul e preto, tende a transmitir esses sentimentos mais melancólicos, a ansiedade e o medo das bailarinas pode ser retratado justamente pelo uso dessas cores mais “escuras”, como se elas estivessem presas no próprio medo, presas na própria mente, afinal, apenas as bailarinas e mais duas pessoas se encontram no *backstage*, que é esse local mais apagado da

obra, enquanto o apresentador do espetáculo fica nos holofotes, longe do medo e ansiedade das bailarinas, segundo a análise, por não se importar com o que elas sentem, o que dialoga muito com artistas dançarinos que são explorados por suas academias de dança que não ligam para seus sentimentos e sua vida pessoal, apenas para o que eles apresentam em palco e quanta visibilidade eles trarão para a academia. Portanto, a obra pode ser definida como melancólica, ansiosa e receosa, todos esses fatores em conjunto com o uso da paleta de cores frias, colaboram para a interpretação destas sensações geradas a partir da obra.



Mother and Child in the Conservatory- Mary Cassatt (1906)

A obra trata de uma mãe com seu filho em um conservatório, a criança tem um olhar vazio, a mãe, um olhar que a princípio parece calmo. O uso de tons esbranquiçados e mais claros, passa a sensação de leveza, calma, tranquilidade, aconchego, amor maternal, mas com uma análise um pouco mais atenta, a paleta de cores também pode levar para a melancolia, é de tamanha frieza o olhar da criança e o da mãe, que a obra se torna melancólica e vazia, quase que sem vida— por mais verdes que sejam as plantas ao fundo — as roupas da mãe também seguem a tonalidade esbranquiçada do conjunto da obra. Portanto, essa obra é uma das que mais gerou confusão para a análise, por ela ter dupla interpretação, é como se ela se apresentasse de um jeito e se revelasse ser de outro, pois a princípio ela parece ser uma obra tranquila que vai gerar sentimentos leves de calma, mas, mesmo que não tenha os tons de azul escuro e cores frias da primeira obra, ainda assim ela constrói seu ambiente e atmosfera melancólicos.

As duas obras analisadas e, presentes no artigo até então, nos mostram que, mesmo com uma ambientação e cores diferentes, elas podem sim gerar os mesmos sentimentos, no caso destas, a melancolia. Outrossim, é importante ressaltar que a interpretação e percepção do espectador é individual, portanto, ela pode variar e algumas pessoas, podem não ver a obra como algo melancólico no geral, mas sim como pintura calma e tranquila que ela apresenta ao início, leva um pouco mais de atenção e tempo dedicado à análise para a percepção de tal sentimento na obra, justamente por ele estar presente de uma maneira sutil que quase não é aparente.



The Lament for Icarus- Herbert Draper (1898)

A terceira obra traz a pintura mitológica de Draper que nos apresenta Ícaro– da mitologia grega, filho de Dédalo que foi um importante arquiteto na antiga Grécia – na pintura, o artista traz Ícaro morto com as ninfas ao seu redor lamentando sua morte. Por ser uma obra mitológica, traz elementos míticos, como as grandes asas de Ícaro e também, as ninfas, mas ainda assim, utiliza tonalidades de marrom e bege para a pele dos seres retratados na pintura, o que os deixa mais humanizados, já que são colorações de pele que são normalmente vistas no cotidiano euro centrado, além de trazer a humanização do mito, cores carnais que aproximam ao ser humano também trazem a dor, a dor tanto da morte, quanto a dor as ninfas que se lamentam desoladas; o dourado também é usado, em sutileza, no fundo da obra e nos pequenos detalhes

que as ninfas carregam consigo, como seus acessórios de cabelo e também, a harpa de ouro que uma delas carrega consigo. O lamento de Ícaro, acima de tudo, é uma obra que traz o pesar, a angústia e a aflição, justamente por se tratar de um cenário de violência, morte e, como o próprio nome diz, lamentação.

Como observado, a terceira pintura não segue o padrão das duas primeiras, ela traz a tristeza e o lamento, mas não de uma forma melancólica e apagada como as outras, mas de uma forma que desespera, causa desconforto e instiga o espectador a entender quem é Ícaro, porque morreu e por que as ninfas carregam tanta insatisfação e tristeza em suas feições.

Portanto, as considerações finais são condizentes com as obras analisadas e trazidas ao artigo, pode-se considerar que grande parte do que ser percebe e interpreta sobre as obras, vem das cores e da paleta que o artista escolhe utilizar e talvez, se tivesse usado uma paleta diferente, a obra perderia sua profundidade e seu significado, podendo mudar completamente o que o artista quis transmitir. Mesmo sendo a percepção subjetiva e individual, as análises se fazem uma importante parte da pesquisa pois, sem elas, não se teria noção de como as cores são utilizadas, em quais obras são utilizadas, em qual contexto, em qual gênero, em qual época e como elas irão influenciar nas sensações transpassadas pela obra aos espectadores. Também é de suma importância ressaltar que as análises trazidas sobre as pinturas, apresentam diferentes contextos em diferentes épocas, o que também influencia no fator de “o que a obra representa e por que representa”.

REFERÊNCIAS

BASSANO, Mary. A cura pela música e pela cor. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1996. GOETHE, J. W. V. Farbenlehre. 1. ed. Stuttgart: Gebrüder Kröner, 1940;

MOURA, B. A; BOSS, S. L. B. Thomas Young e o resgate da teoria ondulatória da luz: Uma tradução comentada de sua teoria sobre luz e cores. Revista Brasileira de Ensino de Física, Amargosa, p. 2, 2015.

NEWTON, I. Opticks. 1. ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002; SILVEIRA, L. M. Introdução à teoria da cor. 2. Ed. Curitiba: UTFPR, 2015;

VINCI, L. D. Trattato della pittura. Roma: Carabba editore, 1947.

SEÇÃO III: DEPOIMENTOS

DEPOIMENTOS ESTUDANTES

Alana Luiza Spinelli da Silva

Considero de suma importância à disponibilização do componente curricular de Metodologia Científica para alunos do ensino médio. Acredito que a experiência de fazer uma pesquisa científica foi algo que explorou meu conhecimento crítico sobre diversos fatores de nossa sociedade. A disciplina de Metodologia é essencial para que estudantes saibam como é feita uma pesquisa científica e consigam se familiarizar com as normas e escrita de trabalhos complexos.

O primeiro contato com pesquisas bibliográficas, quantitativa, qualitativa e laboratorial é um passo inicial para o desenvolvimento de uma experiência científica, sendo imprescindível para a formação de um Técnico em Meio Ambiente, que é um profissional que demanda observação e pesquisa. Dessa forma, analiso que a proposta pedagógica curricular do curso forma um discente capacitado para pensar racionalmente, analisar diferentes áreas de pesquisa e, além de tudo, conhecer o valor da ciência.

Alice Reck Trucolo

Realizar esta pesquisa foi uma experiência muito importante para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Essa oportunidade proporcionou diversas aprendizagens importantes para meu amadurecimento e melhora no desempenho acadêmico.

Com o desenvolvimento do projeto melhorei bastante a qualidade da minha escrita e aprendi a expressar minhas opiniões de forma coesa e fundamentada. Além disso, a matéria de metodologia foi fundamental para minha aprendizagem no quesito pesquisa e formatação, saberes de suma importância no ensino superior.

Em nível pessoal posso afirmar que a execução do projeto trouxe diversos benefícios. Ganhei muito mais confiança em mim e em minhas habilidades, percebendo que sou capaz de efetuar um projeto bem desafiador e estressante.

Realizar este projeto de pesquisa foi bastante desafiador, mas muito recompensador também. É uma incrível oportunidade de aprendizado e desenvolvimento que proporcionou diversas experiências importantes para meu amadurecimento.

Amanda Gobbo

É muito gratificante fazer parte do livro de iniciação científica de 2023, principalmente por acreditar ser uma experiência única para o estudante e uma oportunidade de amadurecimento pessoal e em esfera acadêmica.

Desenvolver um projeto de pesquisa teve suas etapas difíceis, momentos de estresse, insegurança. Contudo, em paralelo a isso, foi um processo interessante de autoconhecimento e descobertas. Esse processo teve momentos incríveis que vou guardar com um carinho muito especial, de apresentações na mostra interna da turma até a MTC do Campus BG.

Foi essencial contar com o apoio e incentivo dos colegas de sala, muitas conversas e experiências partilhadas. Além disso, agradeço a professora Dra. Janine Trevisan por todos os ensinamentos passados e sua dedicação, e a minha orientadora Aline Hentz na elaboração do projeto.

Outrossim, trata-se de uma grande oportunidade ter o componente curricular de metodologia científica para minha vida acadêmica, afinal, aprendi a elaborar um projeto de pesquisa, criei mais desenvoltura para me comunicar e apresentar trabalhos, além de fazer um artigo científico seguindo normas padrões. Tais aprendizados po-

dem ser utilizadas numa universidade ou em projetos futuros.

Érika Massola Mieznikowski

Posso julgar que a minha experiência com a Iniciação Científica foi muito boa porque antes dessa experiência eu não tinha noções exatas de como se pode fazer uma pesquisa acadêmica. Não considero que sei tudo, mas com o apoio da professora Soeni e o suporte da professora Janine um mundo novo se des-cortinou a minha frente. Isso se deu desde o início, porque quando descobri que teríamos no currículo uma disciplina chamada “Metodologia Científica” fiquei bastante empolgada porque já tinha ouvido falar que ela ajuda a desenvolver o perfil pesquisador. Até imaginei que talvez, por ser ensino médio, iríamos ver as normas para colocar os trabalhos. Entretanto, nas aulas aprendi muitas coisas que irei levar para a vida acadêmica, o que considero de extrema importância e relevância e já me sinto mais preparada. Poder escolher o tema da pesquisa e a orientadora, professora Soeni, também foi algo muito positivo porque pude escrever sobre algo de meu interesse, o que deixou a experiência mais leve e despertando maior interesse. O caminho não foi somente de flores, foi difícil, até porque era a primeira vez que eu estava fazendo um trabalho científico, mas, olhando o resultado final, sinto que com o apoio recebido essa foi uma experiência que fiz valer a pena.

Grégori Kunz Buzetti

Fantástico, deslumbrante, assustador e extraordinário, essas são as palavras que descrevem o processo de escrita do projeto, pesquisa e artigo. Foi uma experiência fascinante escrever o projeto “A Influência das Cores em Obras de Arte Sobre o Espectador”. Explorar a interação entre cores e emoções, e como isso

impacta a percepção artística, foi um desafio gratificante. A pesquisa revelou resultados surpreendentes e proporcionou uma compreensão mais profunda da linguagem visual. Trabalhar com um tema que é de seu interesse, onde parte da sua metodologia consiste em analisar coisas que você gosta (como alguns filmes, pinturas, etc) é incrível, tudo se torna mais atraente e de certa forma, menos cansativo. Espero que este estudo contribua para uma apreciação mais rica e significativa da arte.

Isadora Omine Lino da Silva

Desenvolver esse projeto de pesquisa foi uma experiência completamente diferente de todas as outras que já presenciei. Acredito fortemente que desenvolver uma pesquisa de minha própria autoria me concedeu diversos aprendizados novos e vivências. Esse projeto é tão importante pra mim que, às vezes, não encontro as palavras certas para expressar o quão grata sou por ter tido a oportunidade de ter contato com a pesquisa desde tão cedo. Acho que é uma experiência para a vida toda!

Sara Basso Roman

Realizar este projeto como requisito parcial para a minha aprovação na disciplina de Metodologia Científica no 1º ano do ensino médio foi, sem dúvida, um grande desafio, pois é um trabalho de pesquisa muito extenso que exige tempo e paciência para realizá-lo da melhor maneira possível. Porém, por mais que tenha sido extremamente trabalhoso realizar este projeto, foi muito essencial para adquirir conhecimento e aprender a desenvolver um ótimo trabalho de pesquisa. Acredito que com esse projeto eu pude aprimorar ainda mais meus conhecimentos e amadureci ainda mais quanto pessoa. Realizar esta pesquisa trouxe um grande impacto positivo na vida

acadêmica, visto que aprendi a estruturar bem um trabalho e as suas etapas, de modo a me ajudar

futuramente tanto na participação de novas pesquisas quanto no ensino superior. Ademais, posso afirmar que eu nunca pensei que iria desenvolver um projeto de pesquisa tão relevante para a sociedade no 1º ano do ensino médio e, além de tudo, apresentar em uma mostra técnica com avaliadores e muitas perguntas para responder. Quando finalizei a pesquisa e vi todos os resultados que havia conseguido encontrar me senti muito orgulhosa pois, de certa forma, jamais pensei que realizaria uma pesquisa tão extensa quanto esta. Sou muito grata pelos conhecimentos adquiridos nesta pesquisa e por todas as oportunidades que este projeto me proporcionou, como ser uma das palestrantes na X Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Bento Gonçalves.

Sofia Casanova Comparin

Acredito ser importantíssima a oportunidade que o componente curricular de Metodologia Científica proporciona para os estudantes de ensino médio, esta disciplina é essencial para que os jovens tenham um conhecimento desde cedo sobre produção científica e para que se familiarizem com as regras e a grafia de trabalhos complexos, assim, promovendo o crescimento ético, científico e intelectual deles. Para mim, foi uma experiência muito gratificante na minha vida estudantil, pois além de eu ter um maior contato com textos científicos, consegui melhorar e desenvolver minha escrita e pensamento crítico.

Vitória Conti Filipon

Desenvolver o projeto de metodologia científica foi uma experiência incrível, a qual me proporcionou muito conhecimento técnico e amadurecimento pes-

soal. Colaborou amplamente em meu aprendizado e em minha jornada acadêmica. Inicialmente estava preocupada e insegura, tudo era uma novidade para mim, pois estava no 1º ano do curso técnico de meio ambiente integrado ao Ensino Médio. Portanto, sabia que seria um desafio, visto que, foi meu primeiro contato com uma pesquisa de cunho científico.

O percurso foi longo, desde a escolha de um tema principal até o artigo final foram processos cansativos e em determinados momentos, de insegurança. Algumas madrugadas lendo artigos acerca do tema e escrevendo as novas versões. A orientação da professora Janine Bendorovicz Trevisan foi extremamente necessária, a oportunidade de ter alguém que sabe o que faz é confortante em momentos de desespero, ela foi uma peça essencial para a elaboração desta pesquisa.

A construção do projeto foi ótima, uma oportunidade imensa, a qual quero levar de aprendizado para a vida. A apresentação na MTC (mostra técnico científica) do Instituto federal do Rio Grande do Sul campus Bento Gonçalves, foi gratificante e reconfortante. Com toda a certeza faria isso novamente, apesar de alguns momentos de estresse e tensão, ver o trabalho finalizado e sentir orgulho dele foi incrível em todos os parâmetros.

DEPOIMENTOS ORIENTADORES/AS

Andressa Argenta

No ano de 2022, continuei trabalhando como co-laboradora na disciplina de Metodologia Científica, o que me satisfaz, pois o aprendizado é coletivo, tanto de orientar, quanto do orientando durante o processo de pesquisa. Reforço a importância da oportunidade de permitir que estudantes do primeiro ano do ensino médio experimentem os processos e etapas de uma pesquisa, iniciando assim suas trajetórias como pesquisadores. Fazer parte desse processo com Isadora e Grégori, e dar continuidade ao projeto com Sofya, foi e continua sendo desafiador para todos nós. Juntos, fomos compondo o trabalho com muitas trocas e aprendizados, desde a compreensão do que é pesquisar até os processos de criação, lidando com os desejos e inquietações que surgiram durante o processo da pesquisa.

Essas experiências tornam-se de suma importância para refletir sobre acontecimentos e desdobramentos que surgem nos contextos sociais, políticos, éticos, estéticos e estésicos. As pesquisas são um abrir-se para outras possibilidades, dos desdobramentos das próprias pesquisas, com as descobertas a cada apresentação, a cada conversa e orientação. Significa estar disposto à atenção ao que nos afeta e segue nos atravessando, somado ao olhar atento e curioso aos processos de vida e criação com a arte. E ainda, há muito por vir.

Carina Fior Postingher Balzan

O contato do estudante de Ensino Médio com textos científicos e aspectos da metodologia da pesquisa é fundamental para uma formação escolar mais sólida e condizente com as habilidades requeridas no mundo contemporâneo, como a curiosidade e a refle-

xão. A proposta desenvolvida pelo componente curricular Metodologia Científica no Curso Técnico em Meio Ambiente, além de desenvolver as habilidades de leitura, promove o exercício da escrita, o conhecimento de técnicas de pesquisa, coleta e análise de dados. Ao longo do trabalho, os estudantes tornam-se protagonistas da construção do conhecimento, atitude imprescindível para a continuidade dos estudos em nível de graduação.

Janine Trevisan

Como docente responsável pelo componente curricular é sempre um desafio e uma alegria imensa conduzir e acompanhar os estudantes nos seus primeiros passos da iniciação científica. Ensinar sobre cada etapa, ajudá-los a descortinar seus interesses e, a partir de então, encontrar orientadores e monitores para cada um/a. As escolhas, não raras vezes recaem sobre temas de suas próprias identidades e histórias pessoais, ou sobre assuntos sobre os quais possuem opiniões muito fortes. Nesse momento mostra-se imprescindível a diferenciação do conhecimento científico em relação ao conhecimento de senso comum, vivido, experienciado, sentido. Acompanhar Vitória como orientadora e Érika, Marina, Isadora e Grégori mais de perto, como coorientadora, permitiu me aproximar de temas da moda, do paisagismo, da arte e da saúde mental, ampliando meus conhecimentos tanto nas suas temáticas individuais como nas relações interpessoais com cada um/a. E a cada ano, a experiência enriquece meu saber como docente e educadora.

Jonathan Henriques do Amaral

Considero de fundamental importância a oferta da disciplina de Metodologia Científica para alunos de nível médio. Além de se familiarizar com as características do conhecimento científico, eles podem se

aprofundar no estudo de algum tema de seu interesse e estabelecer relações entre os diversos componentes curriculares que cursam. Para os professores, a experiência de orientar um aluno de nível médio também é fundamental, visto que é preciso fazer um esforço para traduzir a linguagem complexa da ciência, de modo a conduzir o discente em sua investigação. Assim, a orientação de um projeto possibilita aprendizagens tanto para o aluno quanto para o professor.

Um desafio desse processo é conseguir conciliar o rigor necessário à produção de conhecimento científico com o nível de um aluno de ensino médio, iniciante não só na pesquisa científica, mas também no estudo de diferentes áreas do conhecimento. Não se pode exigir, por exemplo, que um aluno de primeiro ano consiga dominar teorias e metodologias de pesquisa tão bem quanto um concluinte de um curso de graduação. Desse modo, entendo que a principal função da disciplina de Metodologia Científica no ensino médio é propiciar uma primeira aproximação com a pesquisa científica, para que o aluno possa se familiarizar com esse mundo e, aos poucos, desenvolver as habilidades necessárias em cada área. Dificilmente um estudante de ensino médio conseguirá realizar uma pesquisa totalmente inovadora, mas essa experiência inicial certamente o ajudará para que, no futuro, possa produzir conhecimento de maior impacto e relevância.

Letícia Schneider Ferreira

Foi uma experiência muito interessante orientar o estudante João Bordinhão nesta sua primeira incursão na pesquisa. João realizou todas as etapas do projeto de modo bastante satisfatório e acredito que tenha amadurecido como pesquisador. A proposta de pesquisa feita pelo discente mostra-se muito pertinente e acho que seria muito válido dar continuidade na investigação.

Soeni Bellé

Colaborar com o projeto “Iniciação científica no Ensino Médio: Pesquisas e experiências”, coordenado pela profa. Janine Trevisan foi muito desafiador e gratificante. Estava iniciando minha atuação no Curso Técnico em Meio Ambiente e tive a honra de ser escolhida pela estudante Érika Massola para ser sua orientadora. Érika se empenhou no desenvolvimento de todas as etapas do projeto, demonstrando iniciativa, disciplina e autonomia. Atuou de forma comprometida desde a construção da hipótese até a obtenção dos resultados, demonstrando espírito crítico na análise dos mesmos. Tenho certeza que a experiência de iniciação científica deve ter contribuído muito para a formação da Érika e de todos os estudantes envolvidos nos demais trabalhos, pois permitiu a integração de conteúdos de diversas disciplinas, extrapolando os limites dos planos de ensino. Além disso, a pesquisa desenvolvida pela Érika deixa uma contribuição para a melhoria do ambiente escolar, demonstrando a importância das áreas verdes para o bem-estar dos estudantes.

Thais Saalfeld

Orientar a Alice foi uma experiência muito gratificante, pelo meu envolvimento com a temática da adoção e principalmente como Assistente Social, pois me senti extremamente feliz em ver uma estudante do primeiro ano do ensino médio se interessando em realizar uma pesquisa de cunho social tão relevante.

Além disso foi possível perceber o quanto a Alice se empenhou em aprimorar a pesquisa sempre que solicitado na busca pela sua qualificação. Acredito que a pesquisa ainda tem muito potencial a ser explorado em razão da temática não se esgotar apenas nesta escrita, espero, portanto, que futuramente a Alice consiga seguir adiante na pesquisa ampliando conhecimentos e oportunizando maior amplitude ao tema.

AUTORAS E AUTORES

Alana Luiza Spinelli da Silva nasceu em 2006 na cidade de Santa Cruz do Sul/RS. Residiu em Passo Fundo, de 2007 a 2019, onde realizou toda sua formação primária do Ensino Fundamental, à exceção do oitavo ano, que cursou em João Pessoa/PB. No ano de 2021, regressou à cidade da sua família materna, Bento Gonçalves, onde está residindo atualmente, e terminou o Ensino Fundamental. Em 2022 ingressou no Ensino Médio no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, no curso técnico integrado ao ensino médio em Meio Ambiente. O interesse pelo tema de sua pesquisa – “Acessibilidade para pessoas com deficiência em Bento Gonçalves” – teve como ponto de partida o fato de, no ano de 2017, ter morado por quatro meses em Barcelona, cidade localizada no Nordeste da costa mediterrânea da Espanha. A vivência a fez despertar muita curiosidade sobre a arquitetura, infraestrutura e investimentos públicos de transporte do local, tendo em vista a grande acessibilidade e os espaços de inclusão. Outro aspecto que entusiasmou a realização da pesquisa foi por querer descobrir como são feitas as políticas de acessibilidade no município de Bento Gonçalves e como são colocadas em prática. O curso Técnico em Meio Ambiente incentiva a produção de conhecimento científico, dessa forma, contemplando o presente tema. E-mail: spinellialana461@gmail.com

Alice Reck Trucolo nasceu em Bento Gonçalves no dia 14 de setembro de 2006. Sua mãe se chama Analice e seu pai Marcos. Eles se separaram em 2008 quando Alice tinha apenas 2 anos de idade e a partir de então ela passou a viver com sua mãe. Hoje em dia ela mora em Garibaldi com suas duas irmãs, a mãe e o padrasto. Ela gosta muito de atividades relacionadas

a arte, como desenhos, músicas e livro, e sua paixão é cinema. Ela já estudou em diversas escolas de Bento Gonçalves e Garibaldi, entre elas a Escola Estadual de Ensino Fundamental Gal. Bento Gonçalves da Silva e Escola Estadual de Ensino fundamental Santo Antônio. Em 2022 ela passou pelo processo seletivo do Instituto Federal – Campus Bento e começou a estudar no IF. Em seu primeiro ano do Ensino Médio, Alice desenvolveu um projeto de pesquisa intitulado Adaptação ao Novo Lar de Crianças Adotadas Tardiamente, o qual teve grande relevância na esfera pessoal e acadêmica da discente. E-mail: recktrucoloalice@gmail.com

Aline Hentz é licenciada em Geografia pela UCS (Universidade de Caxias do Sul) mestre em Geografia pela UFRGS, docente do IFRS Campus Bento Gonçalves. Atua nas áreas de pesquisa de Geografia Rural, Ensino de Geografia, Educação Ambiental, Agroecologia, Geografia Cultural. E-mail: aline.hentz@bento.ifrs.edu.br

Amanda Gobbo nasceu em Garibaldi em 10 de maio de 2006 e tem 16 anos atualmente. Reside no interior da cidade de Carlos Barbosa desde seu nascimento. É filha de Maria Margarete Becker Gobbo e Leandro Gobbo. Estudava na Escola Estadual de Ensino Médio Elisa Tramontina, gostava muito da escola e guarda muitas amizades e momentos de lá. Em 2022 ingressou no Instituto Federal do Rio Grande do Sul- Campus Bento Gonçalves. Atualmente está cursando o segundo ano do Ensino Médio do curso técnico em Meio Ambiente. Ainda em 2022, desenvolveu um projeto de pesquisa para o componente curricular de metodologia científica, intitulado Cosméticos Sustentáveis- fatores que influenciam na decisão de compra dos estudantes do IFRS- Campus Bento Gonçalves, o qual se mostrou muito relevante para sua formação

pessoal e acadêmica. Amanda gosta muito de realizar atividades ao ar livre e praticar esportes, em especial voleibol. Nas horas vagas também se dedica em atividades artísticas como desenhos e pinturas de quadros. Se interessa pela área da biologia e de história, sempre buscando aprender sobre assuntos diversos. E-mail: amanda.gobbo019@gmail.com

Andressa Argenta é Artista Visual, professora e pesquisadora. Docente da área de Artes Visuais do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves, é Doutora e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais - Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Membro do Grupo de Pesquisa Compór (UDESC) e C A D E: Diálogos e Estudos em Arte e Cultura na Educação Profissional (IFRS); Integra o Projeto Armazém e Coletivo Compór, NIEPECH-IFRS/BG e NEPGS-IFRS/BG. Atualmente é coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura do IFRS-BG e do Espaço Estético/Galeria de Arte do IFRS-BG. Desenvolve pesquisas com atravessamentos com a arte, educação e a cidade, com ênfase no Ensino da/com Arte, Ações e Curadorias Educativas, I/Mediação Cultural, Formação de professores, Gravura Contemporânea, Livro de Artista e Intervenções Artísticas e Urbanas. E-mail: andressa.argenta@bento.ifrs.edu.br

Carina Fior Postinger Balzan é Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade de Caxias do Sul, Mestre e Doutora em Letras pela mesma universidade. É professora titular do IFRS-Campus Bento Gonçalves, atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura, Leitura e Formação de leitores. Coordena projetos de pesquisa e extensão volta-

dos ao ensino de Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados. E-mail: carina.balzan@bento.ifrs.edu.br

Érika Massola Mieznikowski estuda no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus de Bento Gonçalves e atualmente frequenta o segundo ano do Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente. O artigo ora publicado foi fruto de uma pesquisa que iniciou em 2022 no componente curricular de Metodologia Científica do curso em que os alunos foram desafiados a pesquisar cientificamente sobre um tema de seu interesse. Os resultados do projeto foram apresentados na Mostra Técnica Científica de 2022 do IFRS Campus Bento Gonçalves. Desde muito pequena, se interessa por plantas e a natureza e a oportunidade de pesquisar sobre as influências do verde sobre o ser humano em um espaço escolar se tornou relevante para despertar o interesse pela pesquisa acadêmica. E-mail: erikammieznikowski@gmail.com

Gregori Kunz Buzetti nasceu no dia 21 de abril de 2006, na cidade de Dois Lajeados/RS, seu pai se chama Cassiano e sua mãe Simone. Com 4 anos se mudou para a cidade de Garibaldi, onde reside até hoje, nela cursou o ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Cairu, aos 15 anos ingressou no Instituto Federal – Campus Bento Gonçalves, onde estuda até hoje e desenvolveu sua pesquisa intitulada “A Influência das Cores em Obras de Arte Sobre o Espectador”, que mostrou ter muita relevância para sua formação acadêmica. Gregori gosta de arte, teatro, música e cinema. Email: kunzgregori@gmail.com

Isadora Omine Lino da Silva é estudante do Instituto Federal *Campus* Bento Gonçalves do curso técnico em Meio Ambiente. Nasceu em 24 de novembro de 2006 no interior de São Paulo, em Registro. Mudou-se

para o Rio Grande do Sul em 2016 com sua mãe e irmão. Ingressou no IFRS-BG em 2022, no mesmo ano em que iniciou seu projeto de pesquisa. Teve a oportunidade de levar seu projeto de pesquisa, “A influência da arte na saúde mental dos estudantes do IFRS-BG” para o evento da MOSTRATEC 2023, em Novo Hamburgo. Costuma passar o tempo escrevendo poesias e ouvindo música. Email: omineisadora@gmail.com

Janine Bendorovicz Trevisan é Docente da área de Sociologia e Metodologia Científica do IFRS Campus Bento Gonçalves desde 2015, atua no Ensino Médio Integrado e nos cursos de Licenciatura do Campus. Coordena diversos projetos de ensino e pesquisa no campus, nas áreas de Gênero e Sexualidade; Sociologia da Religião e Metodologia Científica. Possui licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela UFRGS, Mestrado em Letras pela PUCRS e Doutorado em Ciências Sociais pela PUCRS com estágio na Universidade de Ottawa, no Canadá. Feminista, gosta muito de ler, acampar e estar em contato com a natureza. E-mail: janine.trevisan@bento.ifrs.edu.br

João Victor Guterres Bordinhão é atualmente estudante da turma do 2º ano do Técnico em Meio Ambiente, no Instituto Federal Campus Bento Gonçalves. Em 2022 iniciou a pesquisa “Histórias de violência e resistência: a representação da relação entre polícia e periferia no cinema brasileiro” como um desafio lançando no componente curricular de Metodologia Científica e teve a chance de expor suas ideias e resultados na MTC (mostra técnica científica) do Campus Bento Gonçalves. Desde pequeno se mostrou fascinado em filmes e cinema, e a oportunidade de pesquisar em um ambiente escolar sobre um tema adorado, despertou seu interesse na pesquisa acadêmica. E-mail: bordinhaojoao7@gmail.com

Jonathan Henriques do Amaral é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado e doutorado em Educação pela mesma universidade. Realizou estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atua como professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (campus Bento Gonçalves). E-mail: Jonathan.amaral@bento.ifrs.edu.br

Letícia Schneider Ferreira é Doutora em História pela UFRGS e Docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico e Ensino Superior do Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Bento Gonçalves. Atua nas áreas de pesquisa referentes à História e Cultura, abordando temas como História e Literatura, História e Cinema, Antiguidade Greco-Romana, História da Arte, Ensino de História e Gênero. Atualmente integra o Grupo de Trabalho de Gênero da ANPUH RS e coordena do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do Campus Bento Gonçalves (NEP-GS BG). E-mail: leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br

Marina Agostini Richetti é aluna do curso técnico em Meio Ambiente pelo IFRS do Campus Bento Gonçalves, natural de Garibaldi (Rio Grande do Sul, Brasil), com atualmente 16 anos. Possui interesse na área da Psicologia Cognitiva Comportamental e Psicanálise. O que a motivou a se aprofundar e pesquisar sobre o tema foi estar próxima de familiares terapeutas, o que despertou interesse sobre como tais profissionais enxergam o trauma psicológico durante seu período de formação, capacitação e atuação, bem como notar o que os adolescentes entendiam por traumas de infância e se consideravam que tinham algum. E sobretudo, as origens dos traumas e como

esses acontecimentos marcantes podem repercutir no desenvolvimento dos jovens e sua capacidade de reconhecer seus próprios traumas e a maneira que lidam com isso é algo que sempre a indagou. Desenvolver essa pesquisa trouxe a ela novos horizontes de respostas profissionais e muito mais conhecimento sobre o assunto, porém, ainda sente que gostaria de responder mais perguntas sobre o trauma ocorrido na infância e sua repercussão no indivíduo. Além disso, Marina também é entusiasta no mundo da música e da pintura, sempre procurando estudar, praticar e aperfeiçoar suas habilidades artísticas. A aluna enxerga a arte nos mais diversos locais, até mesmo na psicologia, que a mesma interpreta como a arte da psiquê humana. E-mail: maahmaraa.r@gmail.com

Sara Basso Roman é estudante do 2º ano do curso Técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Bento Gonçalves. Sara é uma aluna muito dedicada aos estudos, inteligente e caprichosa. Como pessoa, é muito calma, paciente, tímida e empática, sempre busca resolver os problemas da melhor maneira possível e, se estiver ao seu alcance, busca ajudar a todos, seja em questões acadêmicas ou pessoal. É apaixonada por animais e livros, e quer cursar medicina veterinária, a faculdade de seus sonhos. Nas horas vagas, ela gosta de passar o tempo com seus gatos, ler um bom livro e sair com seus amigos para refrescar a mente. Ela gosta muito de conhecer novas pessoas e fazer novas amizades. Além disso, Sara ama explorar a cozinha, sempre está experimentando receitas novas, especialmente de doces. E-mail: sarabassoroman@gmail.com

Soeni Bellé é Engenheira Agrônoma, Mestre e Doutora em Fitotecnia (área de concentração Horti-

cultura) e Pós Doutora em Geografia (Paisagem Cultural Vitícola). Professora titular do IFRS - Campus Bento Gonçalves. Iniciou a carreira docente na Universidade Estadual de Londrina e desde o ano de 2000 vem atuando na educação profissional de nível médio e superior, nas áreas de Floricultura, Paisagismo e Plantas Medicinais. Ocupou diversos cargos de gestão na área do ensino e extensão, além da direção geral do IFRS-Campus Bento Gonçalves entre 2016 e 2020. E-mail: soeni.belle@bento.ifrs.edu.br

Sofia Casanova Comparin nasceu em 2007 na cidade de Bento Gonçalves, a qual reside até o momento, e frequentou o ensino fundamental do Colégio Cenequista de Bento Gonçalves. Atualmente é discente do Curso Técnico de Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio do IFRS Campus Bento Gonçalves. Ela se interessa muito por leitura e tais preferências a levaram a desenvolver no ano de 2022 a pesquisa “A Percepção dos estudantes de Ensino Médio de Bento Gonçalves sobre a leitura” através do componente curricular de Metodologia Científica. E-mail: souficomparin@gmail.com

Susana Zandona possui graduação em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Atua como psicóloga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Campus Bento Gonçalves. Email: susana.zandona@bento.ifrs.edu.br

Thais Saafeld possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas (2009), Pós Graduação - Especialização em Gestão do Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2011), Pós Graduação - Especialização em Serviço Social - Direitos Sociais Fundamentos da Profissão e Competências Profissionais pelo Cen-

tro Universitário Internacional - UNINTER (2017), é Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019). Atualmente, trabalha como Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Bento Gonçalves. E-mail thais.saalfeld@bento.ifrs.edu.br

Vitória Conti Filippon é natural de Vespasiano Corêa, tem dezessete anos e é estudante do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, no campus de Bento Gonçalves. Atualmente cursando o segundo ano do Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente, ela revela fascínio pelas ciências humanas, área na qual iniciou uma pesquisa durante o componente curricular de Metodologia Científica em 2022. Os resultados desse trabalho foram apresentados com sucesso na Mostra Técnica Científica de 2022 do IFRS Campus Bento Gonçalves. Seu envolvimento com a pesquisa acadêmica indica um futuro promissor na busca pelo conhecimento e contribuição para questões relacionadas às ciências humanas. E-mail: vitoriacontifilippon@gmail.com



Alana Luiza Spinelli da Silva
Alice Reck Trucolo
Aline Hentz
Amanda Gobbo
Andressa Argenta
Carina Fior Postingher Balzan
Érika Massola Mieznikowski
Grégori Kunz Buzetti
Isadora Omine Lino da Silva
Janine Bendorovicz Trevisan
João Victor Guterres Bordinhão
Jonathan Henriques do Amaral
Letícia Schneider Ferreira
Marina Agostini Richetti
Sara Basso Roman
Soeni Bellé
Sofia Casanova Comparin
Suzana Zandona
Thaís Saalfeld
Vitória Conti Filippon